

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Letícia Souto Ribeiro de França

**AS PRÁTICAS PROFISSIONAIS DE MODIFICAÇÕES
CORPORAIS: ENTRE A BIOSSEGURANÇA E AS TÉCNICAS DE
SI**

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2008

LETÍCIA SOUTO RIBEIRO DE FRANÇA

**AS PRÁTICAS PROFISSIONAIS DE MODIFICAÇÕES
CORPORAIS: ENTRE A BIOSSEGURANÇA E AS TÉCNICAS DE
SI**

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social sob a orientação da Professora Doutora Maria Cristina Gonçalves Vicentin.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

Para **Maria Amélia Ribeiro** (*in memoriam*):

Minha Mariinha, minha força, meu amor sem palavras.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todas/todos que de alguma forma participaram da construção deste trabalho, é uma tarefa impossível. Duas páginas não dão conta. Os agradecimentos são incompletos em si, mas completam o corpo dessa dissertação.

À Profª Drª **Maria Cristina Vicentin - a Cris** - minha orientadora. Parceira, estimuladora e cúmplice em toda trajetória. Pela paciência, por seu entusiasmo, por sua acolhida incondicional. Por ter me incitado a desenvolver minhas potências, por ter me puxado pela mão nas horas em que pensei não conseguir. A você, toda minha admiração.

À Profª Drª **Mary Jane Spink**, pelo acompanhamento desde o início do mestrado, por sua generosa disponibilidade e, principalmente por seu carinho comigo.

À Profª Drª **Carmen Soares**, pelas valiosas sugestões, por ocasião do exame de qualificação. Por sua prontidão, eficiência e doçura.

À minha mãe, **Leoneide Souto**, por seu amor, sua confiança e seu investimento constante. Seu exemplo de combatividade me faz querer ir além.

À **Juliana Coelho**, minha grande amiga, minha grande irmã, o chão que eu trouxe do Recife para São Paulo. Pela sua companhia, pelo seu sorriso estimulante, pelo acolhimento sempre.

À **Mariana Prioli**, pela amizade sincera, pelo suporte constante, pelas leituras atentas e cuidadosas. Pelas comidinhas, os encontros e os afagos desses dois anos. És um exemplo, minha amiga!

À **Milena Lisboa**, pelo amor construído, transformado, crescido. Pela sustentação nas horas impossíveis, por ter posto as mãos neste trabalho. Por todas as discussões sobre meu tema de pesquisa, e por sua paciência. Por dividir comigo as dores e as delícias da vida. Viva a Bahia!

À **Flávia Ribeiro**, meu morequinho! Pelos abraços mais calorosos, o colo mais acolhedor. Por ser brilhante e inspiradora. Pelas lágrimas, os banhos, e por “aquelas sensações de deslocamento” compartilhadas. Alagoas e Pernambuco são estados irmãos!

Ao **Núcleo de Práticas de Discursivas e Produção de Sentidos**, pela acolhida e pelas discussões esclarecedoras. Especialmente à **Vanda**, ao **Serginho**, a **Jacke** e à conterrânea de naturalidade e de tema, **Tina Galindo**.

Às minhas tias: **Fátima Souto** e **Bernardete Cordeiro**, pelo apoio, interesse e vibração.

Às amigas que São Paulo me deu: **Yorrana Maia** e **Lorena Morkazel**. Pelos momentos de descontração e pelo afeto.

À **Mercês Cabral**, pelo incentivo, o amor e a força desde a graduação. De professora à colega de profissão, pela amizade e a confiança. E à Carmen Mendonça, obrigada pela parceria e o acolhimento.

À **Bia** e ao **Alexandre** (Dengue), pela redescoberta da amizade.

À querida amiga, **Mariana Ferraz**, pela amizade e a ajuda no abstract.

Ao **Felipe Lopes**, ao **Alan de Paula**, **Ângelo Sampaio** e **Fábio Belloni**. Amigos queridos da academia e fora dela.

À **Marlene Camargo**, por toda paciência desde a seleção para o mestrado. Por me acalmar nas horas dos aperreios, por sua constante prontidão.

Ao meu irmão, **Saulo Souto**, pelo amor e por sempre acreditar em mim.

Ao **Estevão Cabestre**, pela amizade e o suporte técnico nas horas de desespero!

Às amigas(o) do meu Recife: **Raphaela Nascimento**, **Lorena Galvão**, **Yana Santos**, **Renata Dias**, **Karla Daniele Maciel**, **Luciana Santos**, **Maria Eduarda Torres** e **Roberto Vinícius**. Vocês são a minha segurança...

À **Kátia Cesana**, pelo apoio nos últimos meses.

À minha analista, **Stella Maris**, por sua fundamental escuta.

Aos profissionais participantes da pesquisa: **André Meyer**, **Rafa Mendes** e **Snoopy** pela disposição em compor este trabalho comigo. Eles são os verdadeiros autores.

Aos **professores e colegas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social**.

Ao **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)**, pela concessão da bolsa que permitiu a realização desta pesquisa.

RESUMO

FRANÇA, Letícia Souto Ribeiro de. As práticas de modificações corporais: entre a biossegurança e as técnicas de si. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

A relação do ser humano com seu corpo é atravessada por práticas de manipulação cultural e temporalmente situadas. Neste trabalho abordamos os modos como o corpo vem sendo alvo de intervenções, trazendo exemplos de culturas tradicionais, suas técnicas e funções, e apresentamos uma discussão sobre as práticas de modificação corporal na sociedade contemporânea ocidental. Partindo da reflexão foucaultiana de que há uma tecnologia política dos corpos, buscamos acompanhar as técnicas de si acionadas pelos profissionais de modificações corporais e os modos como essas práticas vão forjando suas fronteiras com outras tecnologias políticas. Para tal, realizamos entrevistas individuais com três profissionais de modificações corporais, pois acreditamos que eles ocupam um lugar estratégico no campo: estando em relação tanto com as demandas dos que solicitam o seu trabalho, quanto com agências que socialmente têm algum mandato de controle social sobre a gestão dessas práticas. O caminho encontrado foi entrar em contato com o Sindicato de Empresas de Tatuagem e *Body Piercing* do Estado de São Paulo (SETAP-SP). Fundado em 2005, o SETAP-SP busca regularizar a prática de tatuagem e *body piercing* no estado de São Paulo. A perspectiva construcionista nos ofereceu o aporte metodológico da pesquisa ao permitir uma postura não realista diante do nosso objeto, possibilitando reconhecer o discurso dos participantes como conhecimento, posto ao nível de qualquer outra produção discursiva. Propusemos então, diálogos entre o conhecimento prático dos participantes com reflexões teóricas acerca do cuidado de si, da biopolítica e biossegurança. De acordo com as análises, observamos que práticas de biossegurança, mencionadas pelos três profissionais entrevistados, sinalizam o processo de inserção dessa preocupação, nas últimas décadas, no campo das modificações corporais no Brasil. Entretanto, se as modificações corporais estão fazendo interfaces com a ótica da biossegurança, elas não deixam de fazer fronteiras ou interfaces importantes com as questões da saúde, porém, menos por uma perspectiva normatizante (no sentido da biopolítica) e mais como potência de diferir. Ou seja, menos como norma e mais como normatividade. Assim, concluímos também que as práticas profissionais de modificações corporais podem ter conotações distintas, neste caso, próximas das práticas clínicas e das técnicas de si.

Palavras-chave: Modificações corporais; Biossegurança; Técnicas de si.

ABSTRACT

FRANÇA, Letícia Souto Ribeiro de. The practices of body modifications among the biosecurity and the techniques of the self. 2008. Dissertation (Master). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

The relation of the human being and his body is crossed by practices of cultural manipulation and temporarily situated. In this work we explore the ways in which the body is being the target of interventions, bringing examples of traditional cultures, its techniques and functions, and we present a discussion about the body modification practices in the contemporary occidental society. Starting with the foucaultian reflection that there is a political technology of the body, we try to keep up with the techniques of the self activated by the body modification professionals and the ways these practices forge its frontiers with others political technologies. For such, we made individual interviews with three body modification professionals, because we believed that they occupy an strategic place in their field: they are not only in relation with the ones who request their work, but also with agencies that socially have any social control mandate over the management of these practices. The way found was to get in touch with The Tattoo and Body Piercing Company Union of the State of São Paulo (SETAP-SP). Found in 2005, the SETAP-SP regularizes the practice of tattoo and body piercing in the state of São Paulo. The constructionist perspective offered us a methodological help on the research allowing a non realistic posture before our object, making possible to recognize the participants speech as knowledge, set in the level of any other discursive production. We proposed, so, dialogues among the practical knowledge of the participants with theoretic reflection about self care, biopolitic and biosecurity. According to the analyses, we noticed that the biosecurity practices mentioned by the three interviewed professionals, show us the insertion process of this concern, in the last decades, in the field of body modifications in Brazil. However, if the body modifications are doing interface with the biosecurity optic, they do not stop having frontiers or important interfaces with the health subject, but, less in a normative perspective (in the sense of biopolitic) and more as a potency to differ. In other words, less as a norm and more as normativity. Therefore we also conclude that the professional practice of body modification can have distinctive connotations, in this case, close to the clinical practices and the techniques of the self.

Key Words: Body modifications; Biosecurity; Techniques of the self.

ERRATA

1. Na **página 16**, onde se lê: “Por fim, apontamos alguns pontos embasaram nossas análises (1.3).”, leia-se “Por fim, apontamos alguns pontos *que* embasaram nossas análises (1.3)”.

2. Na **página 20**, onde se lê: “A estratégia desenvolvida foi utilizar, como estratégia disparadora, cartões com imagens de diversos corpos [...]”, leia-se: “*A estratégia desenvolvida foi utilizar cartões com imagens de diversos corpos*”.

3. Na **página 39**, onde se lê: “Este movimento teve importante relevância para o desdobramento da outros movimentos [...]”, leia-se: “Este movimento teve importante relevância para o desdobramento de outros movimentos”.

4. Na **página 64**, onde se lê: “Se as modificações corporais tomadas pela ótica da biossegurança [...]”, leia-se: “Se as modificações corporais *não estão* tomadas pela ótica da biossegurança”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – MÉTODO E PROCEDIMENTOS.....	15
1.1. Sobre o problema e o campo-tema.....	16
1.2. Sobre a construção das entrevistas.....	19
<i>1.2.1. Sobre o roteiro e utilização das imagens e das frases.....</i>	<i>22</i>
1.2.1.1. Imagens e frases usadas na entrevista.....	23
1.2.1.1.1 As imagens.....	23
1.2.1.1.2. As frases.....	26
1.3. Sobre os participantes e a realização das entrevistas.....	26
<i>1.3.1. Sobre os participantes.....</i>	<i>27</i>
<i>1.3.2 . Sobre entrevistas e o referencial teórico-metodológico.....</i>	<i>30</i>
1.4. Sobre a análise.....	32
CAPÍTULO 2 – DAS MODIFICAÇÕES CORPORAIS.....	33
2.1. Das marcas corporais.....	34
<i>2.1.1. O início da prática profissional da tatuagem e do piercing no Brasil.....</i>	<i>37</i>
<i>2.1.2. Body Art.....</i>	<i>38</i>
<i>2.1.3. Body Modification.....</i>	<i>39</i>
<i>2.1.4. Modern Primitives.....</i>	<i>41</i>
2.2. Das modificações corporais.....	42
CAPÍTULO 3 – AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS E A BIOSSEGURANÇA.....	49
3.1. Do poder de soberania ao poder sobre a vida.....	50
<i>3.1.1. Medicalização.....</i>	<i>52</i>

3.1.2. Biossegurança.....	54
3.2. Profissionalizar a prática: negociar para legitimar.....	58
3.3. Modificações corporais: problema de saúde pública?.....	62
CAPÍTULO 4 – TÉCNICAS DE SI E SUBJETIVAÇÃO NAS PRÁTICAS DE	65
MODIFICAÇÕES CORPORAIS.....	
4.1. Biossociabilidade e bioascese.....	70
4.2. Elementos da cultura somática.....	71
4.3. Técnicas de si, normatividade e diferença.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
ANEXOS.....	86

Uma experiência é qualquer coisa
da qual saímos transformados em
nós mesmos.

Michel Foucault

INTRODUÇÃO

No decorrer da história, observamos que o corpo humano esteve, em maior ou menor grau, no foco da atenção de pensadores das artes, das ciências, das religiões. Constituído sócio-historicamente, ele leva a marca da cultura num processo de construção constante. É possível observar a tentativa de domínio do corpo através de diversas modificações e técnicas – ele é adornado, mutilado, manipulado. Neste trabalho, conduziremos uma discussão sobre o corpo, a partir de um recorte sobre as modificações corporais. Mais especificamente, discutiremos a seguinte questão: é possível pensar as práticas profissionais de modificação corporal como práticas de si?

No primeiro capítulo, são apresentados os métodos adotados nessa pesquisa, explicitando o percurso desenvolvido, desde os procedimentos de escolha e contato com os participantes até a elaboração do instrumento – entrevista semi-dirigida com uso de imagens e frases disparadoras. Apontamos também como desenvolvemos o nosso problema de pesquisa. Por fim, são explicitados os procedimentos analíticos utilizados na compreensão e interpretação das entrevistas.

No segundo capítulo, apresentamos um breve histórico sobre a prática de modificações corporais em algumas culturas. Para isso, discutimos a inserção e apropriação de tais práticas na sociedade ocidental, difundidas a partir do contato com sociedades tradicionais não européias. Abordamos também a introdução das práticas de tatuagem e *body piercing* no Brasil, usando os participantes da pesquisa como autores e atores desse processo. Descrevemos as

técnicas mais antigas e as contemporâneas utilizadas nessas práticas, de acordo com seus contextos sociais e históricos. Realizamos uma breve discussão sobre os modos como são categorizadas as divisões grupais dos adeptos às modificações, no contexto atual, pelas Ciências Humanas, com destaque para a Antropologia.

No terceiro capítulo, a partir dos conteúdos trazidos pelos profissionais das práticas de modificações corporais nas entrevistas, abordamos a temática da biossegurança como dispositivo de poder e controle sobre os corpos. Considerando os estudos de Michel Foucault, percorremos os investimentos políticos sobre corpos expondo os modos como os dispositivos de poder incidiram sobre o corpo na sociedade de soberania, na sociedade disciplinar e como incidem na sociedade atual. Nesse sentido, a biossegurança se apresenta como um dispositivo que visa assegurar a vida, ou seja, ela está sob a égide do biopoder.

Para Foucault (2006), nada é mais físico, mais material, mais corporal do que o exercício do poder. O corpo é uma peça dentro de um jogo de dominações e submissões presentes em toda uma rede social, que o torna depositário de marcas e sinais que nele se inscrevem. Seguindo essa trilha, discutimos a noção da medicalização e suas implicações nas estratégias de legitimação das práticas profissionais de modificações corporais. Explicitamos também reflexões acerca das práticas de modificações corporais como problema de saúde pública.

No capítulo 4, apresentamos as práticas de modificações corporais a partir do cuidado e da ética, que nos fizeram aproximar tais práticas de uma clínica, de uma terapêutica. Aproximamos-nos então, de modos de subjetivação, uma experiência do campo das liberdades que Foucault propõe. Pensamos que nessas práticas há um escape às formas do biopoder e a experimentação de um

governo autônomo do corpo. Buscamos apontar, nas considerações finais, caminhos que nos pareceram relevantes no campo das práticas de modificações corporais, bem como as “brechas” deixadas por nossa investigação.

CAPÍTULO 1

Humildade com técnica é o
seguinte: só se aproximando com
humildade da coisa é que ela não
escapa totalmente.

Clarice Lispector

MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Iniciar uma dissertação com um capítulo metodológico, a princípio, pode gerar certa estranheza. Contudo, essa estrutura faz-se coerente com a proposta de nosso trabalho, uma vez que optamos por tratar nossas entrevistas de modo diferente do que é usualmente realizado em trabalhos acadêmicos. As razões epistemológicas para tal tratamento serão explicitadas ao longo desse capítulo. Desta forma, a análise não será apresentada em uma seção específica. Ela atravessará todo corpo da dissertação, articulando os conteúdos das entrevistas com as reflexões teóricas.

Neste capítulo, buscamos apresentar o percurso traçado para a realização de nossa pesquisa. Para isso, inicialmente, explicitamos os caminhos percorridos para delimitação do tema e dos objetivos de pesquisa (1.1). Em seguida, indicamos os procedimentos adotados para montagem do roteiro da entrevista, bem como os critérios para a escolha dos entrevistados (1.2). Por fim, apontamos alguns pontos embasaram nossas análises (1.3).

1.1 Sobre o problema e o campo-tema

Para abordarmos a delimitação do nosso tema de pesquisa, achamos importante esclarecer o que entendemos por campo-tema. Peter Spink (2003), em uma discussão sobre campo e a pesquisa em Psicologia Social, propõe

que a noção de campo não se refere a um lugar específico, mas que ele se refere “à processualidade de temas situados” (2003, p. 18). Assim, partimos da premissa de que, no momento em que escolhemos um tema para pesquisa, já estamos inseridos (as), implicados(as) num campo-tema. Ou seja, quando delimitamos, por exemplo, um problema de pesquisa, estamos nos posicionando frente a um campo-tema. Estamos abrindo possibilidades de diálogo, de argumento frente a um debate (SPINK, P., 2003).

Inicialmente tínhamos a proposta de focar a multiplicidade de sentidos das modificações corporais, entendidas como sinalizadoras de resistência aos modos de saber-poder que modulam o corpo no contemporâneo, orientadas por uma perspectiva foucaultiana. Partíamos da hipótese de que os usos/práticas corporais pelos adeptos e profissionais das modificações corporais podem configurar modos de subjetivação singulares.

A partir dos estudos de Foucault, tratou-se de perceber em que medida o sujeito era constituído, respectivamente, pelas técnicas discursivas (saber) e pelos mecanismos de normalização (poder), configurando-se a perspectiva do assujeitamento. Nos seus trabalhos posteriores, especialmente com *A História da Sexualidade*, estudando os gregos (“o cuidado de si”), Foucault tratou de pensar no sujeito que se auto-constitui a partir de práticas ou técnicas de si, em suas relações com o saber e o poder, podendo-se falar propriamente em “subjetivação” (FONSECA, M. 2002).

Um outro fator importante para a delimitação do objeto e dos objetivos de nossa pesquisa foi a participação na 10ª Convenção Internacional de Tatuagem, realizada na cidade de São Paulo, em outubro de 2006. Lá estabelecemos os primeiros contatos com profissionais e adeptos às modificações

corporais. Pudemos observar que as tatuagens e os *piercings* movimentam um imenso mercado, gerando empregos, renda e, inclusive, investimento por parte da indústria especializada em produtos voltados para essa prática. Aliado a isso, nos chamou atenção a existência do Sindicato de Empresas de Tatuagens e Body Piercing do Estado de São Paulo¹, o SETAP-SP, que credencia profissionais para atuarem na área. Naquele momento, tínhamos como proposta convidar alguns adeptos às modificações corporais para participarem da pesquisa. Trazendo esses interlocutores, estaríamos situando o limite de ruptura com o padrão de “normalidade”. Nesse sentido, pensávamos em processos de subjetividade nômades ou dissidentes, conforme propõe Perlongher (1986) ao abordar os devires minoritários (de mulheres, negros, homossexuais, crianças, etc.):

Não se trata de uma paixão morbosa pelo exótico, nem um liberalismo radical, mas de pensar qual é o interesse dessas minorias de ponto de vista de mutação da existência coletiva. Elas estariam propondo, experimentando modos alternativos, dissidentes, “contra-culturais”, de subjetivação. Seu interesse residiria, então, em que abrem “pontos de fuga” para a implosão de certo paradigma normativo de personalidade social (p. 05).

Tendo isso em vista, realizamos uma primeira conversa com um profissional e adepto às modificações corporais extremas, o Mineiro². Esse encontro configurou-se como entrevista aberta, o que nos permitiu iniciar uma aproximação com os movimentos das modificações corporais em São Paulo, seus grupos e técnicas utilizadas.

¹ Na época em que foram realizadas as entrevistas (junho de 2007), Snoopy, um dos entrevistados, se referia ao sindicato como Sindicato de Empresas de Tatuagens e Body Piercing do Estado de São Paulo. Entretanto, atualmente, no site oficial da organização encontramos outra nomenclatura: Sindicato dos Estúdios de Tatuagens e Body Piercing do Brasil. Optamos por utilizar a primeira sempre que nos referirmos à tal organização, respeitando as informações dadas durante a entrevista.

² Solicitamos a todos os entrevistados que os mesmos optassem por serem ou não identificados na pesquisa, tendo em vista que se trata de pessoas com certa visibilidade no campo. Todos optaram por serem identificados. No caso do Mineiro, este é o pseudônimo usado por ele profissionalmente.

Desde essa primeira aproximação, percebemos que existe um vasto universo de práticas de modificações corporais e que os sentidos atribuídos a essas práticas destacam a noção de corpo. Sendo assim, partindo da reflexão foucaultiana de que há uma tecnologia política dos corpos (FOUCAULT, 2006), nos propusemos a compreender à luz dos sentidos atribuídos ao corpo pelos profissionais e adeptos às modificações corporais, os modos como, nessas práticas, o corpo é atualmente investido de poder.

Ainda na fase exploratória da pesquisa, observamos que muitas das experiências praticadas pelos adeptos às modificações corporais são publicadas na internet de diversas formas. A internet tem se revelado grande fonte de informações e debates sobre o tema, fazendo uso de diversos recursos, como fotos, entrevistas, depoimentos, vídeos (tornando público, por meio deles, inclusive detalhes sobre as intervenções, materiais utilizados e discussões sobre riscos envolvidos). Além disso, os sites e as redes de relacionamentos assumem formas de divulgação dos profissionais e também dos adeptos. Assim, a internet mostrou-se uma rica fonte de interlocução com o tema. Entendemos com Peter Spink que:

Não há múltiplas formas de coleta de dados e, sim, múltiplas maneiras de conversar com socialidades e materialidades em que buscamos entrecruzá-las, juntando os fragmentos para ampliar as vozes, argumentos e possibilidades presentes (SPINK, P. 2003, p.37).

1.2 Sobre a construção das entrevistas

Objetivando identificar os sentidos dessas práticas corporais para os adeptos às modificações corporais, escolhemos como estratégia procedimental a

realização de entrevistas individuais com os profissionais e/ou adeptos desse universo. Entendemos a entrevista como uma prática discursiva, ou seja, como uma interação contextualizada e constantemente negociada, “por meio do qual se produzem sentidos e se constroem versões da realidade” (PINHEIRO, 2000, p.186).

As entrevistas eram guiadas por um roteiro composto por questões abertas que visavam estimular o relato dos participantes sobre suas práticas enquanto profissionais e adeptos. Antes de iniciarmos as entrevistas, deixávamos claros os objetivos da pesquisa, focando temas – corpo, legitimação da prática, etc. – ressaltando que a entrevista não se ateriam somente às histórias de vida, uma vez que tínhamos como objetivo um enfoque na prática profissional de modificações corporais. No entanto, emergia uma questão: como fazê-los ‘falar’ o corpo, do seu corpo, do corpo do outro? A estratégia desenvolvida foi utilizar, como estratégia disparadora, cartões com imagens de diversos corpos (corpos sem modificação, corpos pouco modificados, corpos com modificações extremas, corpos passando por processos de modificação, etc.) e frases relacionadas ao tema. Esse era um modo de apresentar na cena da conversa um conjunto de sentidos que emergem a partir das experiências corporais. Assim, pretendíamos construir, com esses materiais, certo dispositivo³ que permitisse convocar nos participantes sentidos em circulação e suscitar a produção de outros.

Desde o princípio, imagens de modificações corporais faziam parte da pesquisa para identificar e conhecer o campo-tema. Realizamos pesquisa em sites, blogs, fotologs de praticantes e também de entusiastas das práticas de

³ A noção de dispositivo, desenvolvida por M. Foucault e trabalhada por Deleuze (especialmente em seu livro sobre M. Foucault) aponta para algo (uma montagem, um artifício, uma estratégia) que faz funcionar, que aciona um processo de decomposição, que produz novos acontecimentos e que acentua a polivocidade dos componentes de subjetivação. (Barembliitt, Gregório. *Compêndio de análise institucional e outras correntes. Teoria e Prática*. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1992).

modificações corporais, onde extraímos as imagens fotográficas que puderam auxiliar o nosso diálogo. As imagens escolhidas propunham conter corpos esteticamente diferentes, com e sem modificações. Acreditamos que a heterogeneidade de tais imagens mobilizaria os participantes a negociar na entrevista múltiplos sentidos de corpo. Nesse sentido, além do uso das imagens, frases relacionadas às modificações corporais foram selecionadas, entre elas alguns trechos de textos expostos na internet. Elegemos também um fragmento da fala de um pesquisador do campo das modificações corporais. Ao trazermos as imagens para a entrevista, podemos trabalhar a interface entre os aspectos discursivos e a rede de materialidades em que as imagens estão inseridas. Segundo Peter Spink (2003),

A materialidade tem também as características de um meio na medida em que permite conversar com outros lugares e tempos. Nos mesmos moldes, a internet, documentos, artefatos de todos os tipos podem também ser partes do campo, maneiras de aumentar nossa capacidade de diálogo. O documento público não é um mero registro, ele é parte do processo; ele é materialidade e não matéria, parte de um diálogo lento (p. 32).

Sendo consideradas desta forma, as imagens e os textos possuem grande poder de produção de sentidos, bem como são usadas de diferentes maneiras para produzi-los.

Como dito anteriormente, as entrevistas foram elaboradas com base nos objetivos descritos. Entretanto, ao entrevistarmos exclusivamente os profissionais das práticas (escolha que será explicada à frente), compareceu menos a tematização da *subjetividade dissidente* e da transgressão à norma e mais a questão da intervenção no corpo do outro. Assim, a discussão das técnicas e do

cuidado de si, também trabalhadas por Foucault, mostraram-se mais relevantes, principalmente quando articulados aos conceitos de biossegurança e biopolítica.

Por técnicas de si entendemos “as práticas pelas quais os indivíduos, por seus meios ou com ajuda de outros, agem sobre seus próprios corpos, almas, pensamentos, condutas e formas de ser, de forma a transformar-se a si próprios e chegar a um certo estágio de perfeição ou felicidade” (FOUCAULT, 1988).

Assim, nossa trajetória na dissertação passou a acompanhar as *técnicas de si* acionadas pelos profissionais das modificações corporais, enquanto tecnologia política do corpo, e os modos como essas práticas vão forjando suas fronteiras com outras tecnologias políticas como a *medicalização* e a *biossegurança*.

Passamos também a ter como objetivo a articulação entre o discurso dos participantes da pesquisa com as reflexões teóricas, dando um outro status à fala dos participantes, colocando-os no mesmo patamar das produções teóricas relacionadas ao nosso fenômeno de pesquisa.

1.2.1 Sobre o roteiro e utilização das imagens e das frases

Na etapa narrativa da entrevista, baseada no roteiro básico, buscávamos abordar:

- A prática profissional dos entrevistados;
- Sua inserção no campo profissional;

- Suas vivências com modificações corporais.

Após discutirmos as questões contidas neste roteiro, dispúnhamos os cartões com as imagens na frente do participante, seguindo uma ordem aleatória, e pedíamos para ele escolher três. Neste momento, tomávamos o cuidado de não direcionar sua escolha, ou seja, o critério deveria ser do participante e, em seguida perguntávamos o porquê da escolha. Por fim, trazíamos os cartões com as frases, para que o participante selecionasse uma delas. Solicitávamos que ele a relacionasse com suas vivências e práticas.

Sabíamos que qualquer que fosse a ordem escolhida para a introdução desses dispositivos, ela contaminaria o olhar do participante. Entretanto, partimos do princípio de que a imagem permite mais abertura a sentidos variados. Já as frases capturam mais, induzem os sentidos. Optamos, então, por utilizar a sequência narrativa – imagens – texto.

1.2.1.1. Imagens e frases usadas na entrevista

1.2.1.1.1. As imagens



Fig. 01 – Implantes intra e sub-dermais.



Fig. 02 – Bebê.

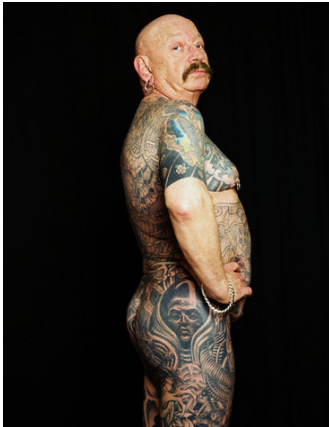


Fig. 03 – Homem tatuado



Fig.04 – Idoso tatuado



Fig.05 – Modelação da cintura através de cintos de metal; perfurações peitorais e tatuagens.



Fig.06 – Adultos jovens tatuados.



Fig.07 – Mulher com narinas alargadas e tatuagens faciais.



Fig. 08 – Processo da prática de escarificação contemporânea.



Fig. 09 – Tatuagem, *piercings* faciais e implantes dentários.



Fig. 10 – Processo da prática de tatuagem contemporânea.



Fig.11 –Processo de *Tongue Splitting* com sutura.



Fig. 12 – Mulher com botoque no lábio superior e orelhas alargadas.

1.2.1.1.2. As frases

- (A) “O corpo é obsoleto”.
- (B) “Não possuo mais pele, tenho apenas tela”.
- (C) “Olha, é pra sempre mesmo”.
- (D) “O gosto amargo do preconceito e o doce prazer de ter o direito de ser diferente”.
- (E) “As modificações corporais perturbam as fronteiras entre a natureza e a cultura”.

1.3 Sobre os participantes e a realização das entrevistas

Até agora explicitamos as etapas percorridas para a reformulação do nosso problema de pesquisa, bem como as implicações dessas mudanças na análise das entrevistas. Nesse tópico, esclareceremos os procedimentos que utilizamos para a escolha dos participantes da pesquisa e o percurso traçado para encontrá-los.

Como já dissemos, inicialmente tínhamos a idéia de entrevistar as pessoas cujo contato havia sido feito durante a 10ª Convenção Internacional de Tatuagem. Entretanto, essa estratégia mostrou-se pouco interessante, pois diante de um campo heterogêneo e com tantas multiplicidades de adeptos, interessados e profissionais, qual recorte poderíamos realizar?

Pensamos então em trabalhar com os profissionais, pois eles ocupam um lugar estratégico: estando em relação tanto com as demandas dos que solicitam o seu trabalho, quanto com agências que socialmente têm algum mandato de controle social sobre a gestão dessas práticas.

O caminho encontrado foi entrar em contato com o Sindicato de Empresas de Tatuagem e *Body Piercing* do Estado de São Paulo (SETAP-SP). Fundado em 2005, o SETAP-SP busca regularizar a prática de tatuagem e *body piercing* no estado de São Paulo, acolhendo, inclusive, empresas e estúdios de outros estados do país. O sindicato foi responsável pela criação do código de ética da profissão, bem como de um estatuto que visa a normatizar esta prática profissional. Assim, os profissionais inseridos nessa rede social devem formular sentidos para normatizar e legitimar suas práticas.

1.3.1. Sobre os participantes

Ao entrarmos em contato com Antonio Carlos Ferrari - Carlinhos, diretor presidente do SETAP-SP, explicitamos os objetivos da pesquisa e solicitamos a indicação de pessoas que trabalham ou que já tiveram alguma experiência com modificações corporais. Nossa proposta era de que cada participante pudesse indicar uma outra pessoa do campo formando um processo 'bola de neve'. Assim, Carlinhos nos indicou Ronaldo Sampaio Brito – Snoopy, diretor vice-presidente do

sindicato e *body piercier*. Após a realização da entrevista, Snoopy nos indicou mais dois profissionais: o tatuador Elcio Sorrentino – Polaco⁴ e Rafael Mendes – Rafa, *body piercer* e adepto às modificações corporais extremas. Polaco, por sua vez, nos indicou André Meyer, profissional e precursor da prática de *piercing* no Brasil. As entrevistas foram realizadas no estúdio de cada profissional (nos meses de junho e agosto de 2007), exceto com o Rafa que atualmente não trabalha com modificações corporais (quadro 1).

Quadro 1 – Participantes

Entrevistado	Prática profissional
Ronaldo Sampaio – Snoopy	Body piercer desde 1997, possui mais de vinte mil cadastros de pessoas nas quais aplicou piercing. Um dos fundadores e diretor vice-presidente do Sindicato de Empresas de Tatuagens e Piercings do Estado de São Paulo, Snoopy atua também oferecendo cursos sobre a prática profissional do piercing e biossegurança.
André Meyer	Precursor do piercing no Brasil, começou a se interessar pelas modificações corporais após uma viagem para o Amazonas, onde teve contato com os índios. Realizou sua primeira tatuagem em 1986, aos 16 anos. No início da década de 1990, viajou para a Europa e trouxe a técnica/prática do piercing para o Brasil. Pioneiro em vários segmentos das modificações corporais, André Meyer abriu sua primeira loja em 1996, na cidade de São Paulo. Tornou-se referência da prática no Brasil e atualmente está focado no desenvolvimento e criação de jóias para o corpo.

⁴ Realizamos a entrevista com o profissional, no entanto, tivemos um problema com o gravador que nos impediu trabalhar com o material da entrevista.

Rafael Mendes – Rafa	Começou a se tatuar por volta dos doze anos. Realizou as primeiras modificações extremas aos quinze anos. Possui vários piercings, tatuagens e implantes. A fim de aperfeiçoar sua prática, realizou vários cursos, incluindo enfermagem e costumava marcar consultas médicas com o intuito de tirar suas dúvidas sobre fisiologia e cuidados com o corpo. Trabalhou profissionalmente com piercings e modificações durante sete anos na cidade de Franca, interior de São Paulo. A procura maior era por piercings estéticos, entretanto, realizava modificações extremas em outras cidades. Hoje não mais trabalha profissionalmente com modificações corporais.
----------------------	--

Os critérios éticos adotados nessa pesquisa seguem a postura construcionista que, conforme propõem Spink e Menegon (2000), toma a pesquisa enquanto prática social com uma postura reflexiva frente à produção de conhecimento; explicita os critérios adotados, possibilitando a visibilidade dos procedimentos e aceita a dialogia própria da relação entre pesquisadores e participantes. Em todas as entrevistas, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A), conforme dispõem as diretrizes do Ministério da Saúde - Conselho Nacional de Saúde – Resolução nº 196, de 10/10/1996 – *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. A questão da identificação foi negociada com cada participante. Até aqui, apresentamos os procedimentos de produção do *corpus* de nossa pesquisa. Nos tópicos seguintes, apresentaremos as análises que dele derivaram.

1.3.2. Sobre entrevistas e o referencial teórico-metodológico

A perspectiva construcionista, por meio de reflexões epistemológicas e ontológicas, problematiza os modos de produção de conhecimento e o estatuto da realidade, dando centralidade às discussões sobre linguagem. Tal abordagem nos ofereceu o aporte metodológico da pesquisa ao permitir uma postura não realista diante do nosso objeto, possibilitando reconhecer o discurso dos participantes como conhecimento, posto ao nível de qualquer outra produção discursiva. Partindo dessa perspectiva, deixamos de nos referir a uma verdade última no processo de construção do conhecimento, fazendo equiparar perspectivas teórico-científicas e prático-vivenciais. Entendemos que o processo de construção do conhecimento científico envolve regras específicas para sua legitimação. Ademais, consideramos que os participantes da pesquisa são como porta-vozes⁵ do campo das práticas. Propusemos então, diálogos entre o conhecimento prático dos participantes com reflexões teóricas acerca do cuidado de si, da biopolítica e biossegurança.

Realizando uma crítica à postura realista, que concebe o conhecimento científico como representando fielmente a realidade exterior, a perspectiva construcionista propõe que sujeito e objeto de conhecimento são construções sócio-históricas. Isso implica na consideração de que o acesso à realidade constrói os seus objetos, construções essas limitadas pelas características sociais e biológicas das pessoas que as produzem (SPINK, M.J., 2000). Nessa perspectiva não existe uma realidade em si, separada do sujeito que a conhece. Tal

⁵ A noção de porta-voz que estamos empregando aqui esta sustentada pelas idéias de Latour (2000), que considera ser este alguém que fala no lugar daquele que não fala. Um/uma porta-voz é a unificação da voz de uma coletividade.

realidade é discursivamente construída nas interações sociais, participando conjuntamente da construção das pessoas com quem interage.

Se os objetos da natureza são constituídos por nossas categorias, se essas categorias são artefatos humanos, produtos de interações historicamente situadas, então a hegemonia dos sistemas de categorias depende das vicissitudes dos processos sociais e não da validade interna dos constructos (SPINK, M. J. e FREZZA, 2000, p.28).

De acordo com a autora, esta perspectiva trata a concepção de verdade como uma convenção social que segue critérios coletivos. É importante ressaltar que, para a perspectiva construcionista, não há verdades e conhecimentos absolutos; a distinção entre enunciados verdadeiros e falsos não se refere à aproximação maior ou menor com a realidade pensada objetivamente. Dessa forma, enunciados são sempre interpretações, que podem ser considerados mais ou menos adequados de acordo com os critérios de construção de conhecimento. Essa postura considera que tais critérios devem estar pautados nas suas implicações éticas. O conhecimento científico seria, então, uma forma de interpretação sistematizada por tais critérios, que deve garantir a explicitação do modo como seus argumentos foram construídos, permitindo a discussão pública.

A centralidade oferecida pelo construcionismo à linguagem na constituição da realidade não considera que todos os fenômenos tenham somente natureza lingüística. No processo de objetivação, as materialidades assumem importante papel na constituição das práticas discursivas e sociais.

Ao relacionar práticas discursivas com produção de sentidos, estamos assumindo que os sentidos não estão na linguagem como materialidade, mas no discurso que faz da linguagem a ferramenta para a construção da linguagem (PINHEIRO, 2000, p.193).

1.4 Sobre a análise

Após a realização das entrevistas, realizamos a transcrição integral de cada uma delas. A partir de diversas leituras desse material, pudemos identificar as principais temáticas abordadas pelos participantes. Realizamos um agrupamento dos principais eixos abordados pelos profissionais, eixos esses que estavam vinculados ao nosso objeto de investigação. Com isso, percebemos três temáticas predominantes: classificação/diferença das práticas de modificações corporais; biossegurança e ética/respeito ao corpo.

Essas temáticas foram analisadas e estão discutidas nos capítulos seguintes. No capítulo 2, buscamos tratar um pouco sobre a história das modificações corporais, suas distinções e a inserção da prática de modo profissional no Brasil. No capítulo 3, focalizamos a biossegurança como estratégia biopolítica e os modos como tal estratégia ancora a legitimação das práticas de modificações corporais. E por fim, no capítulo 4 tratamos a temática da ética/respeito pelo viés das tecnologias de si.

CAPÍTULO 2

“Que o corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. [...] Em cada sociedade poder-se-ia levantar o inventário dessas impressões-mensagens e descobrir-lhes o código: bom caminho para demonstrar nas superfícies dos corpos as profundezas da vida social.”

José Carlos Rodrigues

DAS MODIFICAÇÕES CORPORAIS

2.1. Das marcas corporais

A relação do ser humano com seu corpo é atravessada por práticas de manipulação cultural-historicamente situadas. Cada uma dessas práticas – arranhar, rasgar, queimar, perfurar a pele - pode ser explicada por uma razão particular. São “cicatrizes-signo”, formas artísticas ou indicadores rituais de *status*, em que a sociedade projeta a “fisionomia do seu espírito” e legitima um “sistema político”, são “signos de pertinência ao grupo” e de “concordância com seus princípios”, como nos ensina Rodrigues (2006,p.62-63).

Nesse capítulo, abordamos os modos como o corpo vem sendo alvo de intervenções, trazendo exemplos de culturas tradicionais, suas técnicas e funções, bem como uma discussão sobre as práticas de modificação corporal na sociedade contemporânea ocidental. Trazendo, também, as vozes dos participantes da pesquisa, uma vez que suas práticas fizeram e fazem a história da modificação corporal no Brasil.

Registros de formas de arte anteriores ao surgimento da escrita e do uso dos metais apontam a possibilidade da marcação da pele por homens e mulheres há milhares de anos (RODRIGUES, 2006; FRANGE, 2004). Em um estudo sobre o processo retrospectivo de escrever no corpo, Ramos (2001) relata descobertas de corpos preservados de períodos muito antigos com inscrições

tatuadas na pele, datados de até cinco mil e trezentos anos. Esses achados parecem indicar que a existência de práticas interventivas sobre o corpo estava intimamente relacionada com uma cultura compartilhada.

A prática da tatuagem apresentava (e ainda apresenta) significações distintas em sociedades não ocidentais. Na região da Oceania, por exemplo, a tatuagem marcava a diferenciação social. Como seus habitantes acreditavam que as tatuagens possuíam uma força sagrada, somente quem era livre e nobre poderia portá-la. Desta forma, lhe era atribuído um *status* diferenciado dos demais. Neste contexto, um escravo não tinha direito de portar uma tatuagem. Na África, a tatuagem ainda é considerada como um ornamento protetor, um agente terapêutico e também um símbolo de beleza (FRANGE, 2004; RAMOS, 2001). As técnicas utilizadas pelos povos africanos são diversificadas. A realização de cortes na pele onde são introduzidos materiais como terra, óleos e fragmentos de bambu, causam quelóides, que chegam a ser consideradas como escarificações por alguns antropólogos (RAMOS, 2001).

No Japão, a prática da tatuagem é milenar, o que permitiu o aperfeiçoamento das técnicas. Com relação às suas funções e significados, Ramos (2001, p. 34) afirma que “como em nenhuma outra cultura, a tatuagem no Japão cobre o corpo todo com signos, que vão do corporativismo às discriminações sociais”. De acordo com a autora, atualmente, somente profissionais licenciados podem exercer essa prática. Já Nas Américas essas práticas foram difundidas com os primeiros habitantes. No Brasil, por exemplo, tribos indígenas faziam marcas corporais que demarcavam hierarquias sociais. Na Europa, por sua vez, a tatuagem foi difundida e apreciada por alguns nobres. No entanto, grande parte da sociedade manifestava aversão a essas práticas.

As marcas corporais se manifestaram de diversas formas no Ocidente, entretanto, na Idade Média o Cristianismo aboliu tais práticas. Denis Bruna (2001 *apud* Costa, A. 2003) relata que as marcas corporais estavam relacionadas aos que se situavam à margem da prática cristã e que assim podiam quebrar a imagem sacralizada do corpo, do corpo humano como imagem e semelhança de Deus. Com isso, as marcas corporais permaneceram impregnadas de exclusão e, até mesmo, de interdição durante muito tempo e em diversas sociedades.

Como essas práticas foram retomadas pela sociedade ocidental? As grandes navegações do final do século XVIII permitiram que os europeus entrassem em contato com práticas culturais diferentes das suas. As tatuagens despertaram assim, a curiosidade e o desejo de experimentá-las em seus corpos:

Vários capitães e marinheiros começaram a se interessar por esta arte, fazendo-se tatuar, transformando, dessa maneira, seus próprios corpos numa tela para ser exibida aos incrédulos olhos do Ocidente. Apesar de que já se tinha conhecimento de diferentes marcas corporais existentes entre os povos “primitivos”, somente quando os marinheiros e viajantes talharam suas peles foi que se estabeleceu uma ponte através da qual o Ocidente se aproximou e iniciou sua trajetória na tatuagem (FONSECA, 2003:19).

Por volta do fim do século XIX e início do século XX, as tatuagens passam a ser realizadas pelos chamados “marginais” da sociedade – marinheiros, prostitutas, detentos – transformando-os nos protagonistas dessa prática no Ocidente (COSTA,2003). Para Le Breton, os adeptos às tatuagens escolhiam “expressar sua infâmia por esse desenho tegumentar que traduziria a sua dissidência diante dos valores colocados como sendo os da civilização” (2003, p.35). Esse viés da marginalidade foi mantido durante algum tempo, no entanto, a entrada do corpo como objeto da arte (*body art*), marcou uma diferença.

2.1.1. O início da prática profissional da tatuagem e do piercing no Brasil

A prática profissional da tatuagem no Brasil iniciou-se através de um intercâmbio com tatuadores estrangeiros, que trouxeram as técnicas, executaram e difundiram tal exercício. No início da década de 1960, a prática, ainda informal, teve como mentor um imigrante dinamarquês, o Lucky, pioneiro no uso da máquina elétrica no Brasil. Ele foi, segundo Fonseca,

um ponto de referência para as gerações modernas de tatuadores e, em especial, para seus pioneiros, que tiveram, se assim se pode afirmar, a primeira escola com ele, através de uma aprendizagem informal, característica desse ofício, que guarda com muito receio seus segredos e truques, e que só se evidencia na e através da prática (2003, p. 24).

No início dos anos 1980, ainda incipientes, começam a surgir as primeiras lojas de tatuagem no Brasil. André Meyer nos contou que seu contato com essa prática ainda vinha através de filhos dos amigos de seus pais, que traziam as tatuagens como *souvenirs* de viagens à Europa: “aqui não era uma coisa muito comum”(sic).

André Meyer foi um dos introdutores da prática do *piercing* em São Paulo, no início dos anos 1990, como podemos observar em seu relato:

quando eu cheguei no Brasil pra fazer essa atividade, ninguém sabia nem o que era piercing. Não sabiam nem o que era a palavra, não sabia! Foi muito difícil eu adquirir meus clientes. Conquistar o público e tal... Porque não era uma prática existente, não tinham pessoas exercendo isso profissionalmente. Tinham uns tatuadores que tentavam isso por experiência, mas ninguém que vivesse disso, chegasse com os instrumentos próprios, né? Nem com a técnica também. (André Meyer, p. 111).

André Meyer acredita que sua prática profissional foi estabelecida num paralelo entre a tatuagem e o *piercing*, uma vez que, inicialmente, ele fazia uso das lojas de tatuagem para exercer profissionalmente a prática do *piercing*. Em 1996, ele abriu sua primeira loja na cidade de São Paulo.

2.1.2. *Body Art*

No final da década de 1960, e nos anos 1970, o movimento da *body art* tomou o corpo como instrumento da arte. O artista foi colocado como obra viva e havia um destaque para a relação com público. Este movimento inscreveu-se num contexto marcado por importantes acontecimentos políticos e sociais nos Estados Unidos, tais como a Guerra do Vietnã e a Guerra Fria, além de questionamentos sobre liberdade de expressão, liberação sexual e a relação com as drogas (PIRES, 2005; LE BRETON, 2003).

Nesse contexto, a *body art*, ou arte do corpo, tinha como propósito potencializar o corpo para uma libertação, de modo a sensibilizar os outros quanto à relação com seus corpos, questionando, assim, os valores e as regras sociais. Para isso, os artistas expunham seus corpos, provocando os expectadores com exposição dos órgãos sexuais, sangue, etc. Essas performances buscavam gerar sensações diversas, que iam do prazer a repulsa (PIRES, 2005). Le Breton nos traz um panorama sobre o movimento:

O corpo entra em cena em sua materialidade. A incorporação da arte como ato inscrito no efêmero do momento, inserido em um ritualismo combinado ou improvisado segundo as interações dos participantes, contesta os funcionamentos sociais, culturais ou políticos por um engajamento pessoal imediato. A *body art* é uma crítica pelo corpo das condições de existência. Oscila de acordo

com os artistas e as performances entre a radicalidade do ataque direto à carne por um exercício de crueldade de si, ou a conduta simbólica de uma vontade de perturbar o auditório, de romper a segurança do espetáculo. As performances questionam com força a identidade sexual, os limites corporais, a resistência física, as relações homem-mulher, a sexualidade, o pudor, a dor, a morte, a relação com os objetos, etc (LE BRETON, 2003, p.44).

Este movimento teve importante relevância para o desdobramento da outros movimentos, tais como os *modern primitives* e a *body modification*.

2.1.3. Body Modification

Em meados da década de 1970, a *Body Modification* surgiu como um desdobramento da *body art*, acompanhando o surgimento do movimento *punk*, que inicialmente levava a marca de uma revolta contra as condições de existência, marca essa que era carregada na própria pele. Segundo Le Breton (2003, p. 34), nesse período “o ódio do social [converteu-se] em um ódio do corpo que justamente simboliza a relação forçada com o outro”.

É importante lembrar que “nessa época, a tatuagem já contava com mais de setenta anos de má reputação e era reconhecida como uma ‘marca da marginalidade’” (FONSECA, 2004, p.21). Entretanto, a assimilação das marcas corporais pela cultura *punk*, permitiu uma mudança de status dessas práticas. Tomadas pela moda, elas passam a ser difundidas como uma busca de singularidade (LE BRETON, 2003; PIRES, 2005).

Em sua entrevista, André Meyer nos contou que a prática profissional do piercing teve duas vertentes. Uma em meados da década de 1970, em São Francisco e a outra, a qual ele fez parte, na Inglaterra. A primeira foi impulsionada por “gays excêntricos” (sic) que faziam uso somente do piercing. Já a segunda, a prática do piercing tinha uma relação com a tatuagem e movimento

punk, ou seja, tratava-se de “duas escolas diferentes. (...) tatuagem e piercing têm uma ligação, mas nem sempre” (sic).

Segundo Pires (2005), a expressão *body modification* refere-se a um conceito utilizado para designar as modificações corporais executadas das mais diversas formas, que usam desde produtos químicos até intervenções cirúrgicas. De acordo com a autora, a *body modification* cria uma relação do artista com o corpo totalmente diferente das estabelecidas pela *body art* e pela *performance*. Nela a relação corpo-objeto é independente da relação tempo-espaço. “Não há distinção entre o artista e a obra, entre o sujeito criador e o objeto criado. O sujeito é o objeto e não deixará de ser, independentemente do tempo e do espaço em que se encontre. O evento artístico não se reduz ao tempo da exposição ou da apresentação” (p.138). O tempo de exposição é o tempo de vida do indivíduo, e o espaço destinado a ela é composto por todos os ambientes por onde ele circula.

Braz (2006) não acredita que tais distinções na *body art* (artista/obra; sujeito/objeto) sejam tão demarcadas a ponto de se localizar na ausência ou presença delas a diferença entre esses dois universos. Ele afirma que tais fronteiras “permanecem borradas” (p.24). Para ele, a *body modification* nasce da *body art* e guarda bastantes semelhanças. O que não significa, contudo, que sejam a mesma coisa. “A *body modification* vem sendo afirmada nos últimos anos como um campo profissional (e artístico) independente, com técnicas, saberes e um aparato discursivo próprio” (p.24).

2.1.4. *Modern Primitives*

O movimento *Modern Primitives* teve origem nos Estados Unidos, e teve como precursor Fakir Musafar. Em suas práticas há uma grande ênfase na questão ritualística, bem como, na superação da dor e na elevação espiritual. Fakir Musafar sempre dispôs seu corpo a diversas experimentações. Evocava práticas que em sociedades - consideradas por Fakir Musafar e seus seguidores - tradicionais são carregadas de significados, apropriando-se dos ritos e das modificações corporais.

Le Breton (2003, p. 37) nos alerta que pode haver uma “colagem nas práticas e de rituais fora de contexto, flutuando em uma eternidade indiferente, longe de seu significado cultural original, muitas vezes ignorado por aqueles que o empregam, transformando-o em performances físicas”. Entretanto, como exemplo dessa transposição, Snoopy nos falou sobre os modos e os cuidados no exercício de tais práticas:

Então não vem somente o ato de perfurar. Vem toda uma cena teatral, toda uma ideologia... Porque é aquela coisa: você pega uma pessoa que nunca viu isso na vida? Ou uma, ou uma centena delas? E de repente ela se defronta com uma coisa dessas? Ela vai entrar em choque! Mal súbito, pressão baixa, alguma coisa acontece. Agora, quando a pessoa já tá preparada pra o que ela vai ver, que ela sabe o que ela vai ver... e a pessoa que está se predispondo a fazer isso, e a outra a sofrer isso.. quer dizer, tem a consciência disso, então, fica uma coisa mais fácil de você passar pro público. (Snoopy, p. 90).

Os adeptos e difusores da *Modern Primitives* agrupam as modificações corporais em sete tipos: contorção, constrição, privação, tortura, jogos corporais pelo fogo, penetração e suspensão. Todas estariam articuladas à

separação e à superação do corpo, na forma dos chamados estados alterados de consciência ou de alguns estados de excitação sexual.

Encontramos um exemplo da prática de suspensão exercida como uma superação no relato de Rafa Mendes:

Têm pessoas que nunca se interessaram por tatuagem e piercing e achou legal a idéia da suspensão... Assistiu e gostou e quer fazer por diferentes motivos, né? Ou por realização pessoal, ou superação da dor, né? Não sei... “N” motivos. Ou por um lado espiritual, também, que é o que o pessoal mais procura... Essas coisas. Suspensão pra mim é um jeito que eu tenho pra relaxar. Pra mim é um lance de mediunidade, que eu trabalho a respiração, concentração. É uma coisa que eu faço pra relaxar. Me divirto, lógico. Mas eu descarrego todas as minhas energias ruins na suspensão. Porque eu não tenho nenhum tipo de vício, sou totalmente natural, então eu faço isso pra me relaxar. (Rafa Mendes, p. 122).

2.2. Das modificações corporais

Neste trabalho chamamos de modificações corporais as ações que visam à modificação da imagem individual do corpo *standard*, a modificação do corpo real. Dito de outra maneira, são alterações no corpo que se opõem ou, de alguma maneira, questionam as formas e as funções que são estabelecidas a partir da educação corporal do seu tempo. Nessas práticas incluímos os *piercings*, as tatuagens, as escarificações e as inserções de implantes. Contudo, acreditamos que cada uma dessas práticas é específica, cada uma cria determinado corpo. (GIL, 1997; LE BRETON, 1999 apud GALINDO, 2006). Não trataremos a especificidade de cada prática, entretanto, apresentamos uma breve descrição das técnicas mais utilizadas:

- Tatuagem: utiliza substâncias que alteram a coloração da epiderme.
- *Piercing*: Perfuração da pele com introdução de jóias em aço cirúrgico. Dependendo da região do corpo onde é aplicado, diz-se que o piercing é estético ou funcional. Os funcionais têm objetivo exclusivamente sexual. Atualmente tem o intuito de intensificar o prazer do sujeito que o possui, durante o ato sexual ou não, e de seu parceiro. Para isto são vários os tipos de perfurações e combinações possíveis.
- Escarificação: Produção de cicatrizes que podem ser feitas através de incisões – *cutting* – ou queimaduras – *branding*. Após a queima ou corte da pele uma cicatriz forma um desenho.
- Implantes subcutâneos: Implantação de um objeto (de silicone, aço cirúrgico, osso, etc.) sobre a pele. Há duas formas de implantes. Na primeira, o objeto é implantado subcutaneamente, formando um alto relevo. Na segunda, somente a parte do objeto necessária para sua fixação é implantada, e podemos vê-lo quase que totalmente.

Apresentaremos, a seguir, um panorama das pesquisas realizadas no campo das modificações corporais. Com isso, pretendemos demonstrar a fluidez das discussões e conceitualizações do nosso campo de pesquisa.

Essa definição deve ser tomada apenas operacionalmente, pois as pesquisas já realizadas e a interlocução com os participantes da nossa pesquisa permitem ver a fluidez das discussões e conceitualizações desse campo e sugerem que esse é um campo em movimentação.

Por modificações corporais Kemp (2005) considera quaisquer intervenções sobre o corpo de modo a transformá-lo. Ela categoriza as modificações corporais em dois grandes grupos: (1) *mainstream*, que corresponde a uma

tendência reconhecida e legitimada socialmente e que se articula em torno da idéia da busca da beleza e da saúde e (2) Arte corporal ou *body art*, que corresponde a um grupo bastante heterogêneo que realiza modificações corporais invasivas, como tatuagens, *piercings* e implantes. Contudo, essa distinção é trazida pela autora como um recurso puramente textual. Ela acredita que apesar de parecerem fenômenos muito distintos, ambos são respostas ao nosso tempo, a uma mesma experiência social.

Cunha (2002) chama de modificação corporal toda ação do próprio indivíduo - ou de um outro autorizado diretamente por ele ou por meio de pactos grupais e laços sociais – sobre seu corpo, com vista a transformá-lo de maneira visível e pretensamente definitiva. Cunha inclui nessa definição as cirurgias plásticas, o *piercing*, as tatuagens, as dietas de emagrecimento, o fisioculturismo e certas práticas mutilatórias. Cada uma dessas ações – ou categorias de ação, já que existem diferentes tipos de tatuagem, de cirurgia plástica etc. – possui especificidades e um campo próprio de sentidos, interpretações e efeitos sobre a vida do indivíduo e sua posição no mundo.

Braz (2006) realizou um estudo etnográfico junto aos profissionais, adeptos e entusiastas daquilo que ele chamou de “parte pouco usual das modificações corporais” (p.03), ou seja, das práticas denominadas no próprio campo como extremas ou radicais. Seu trabalho constituiu em uma tentativa de interpretar antropologicamente o universo da *body modification* na cidade de São Paulo. A partir das técnicas corporais e da medicalização da *body modification*, o autor discutiu a possibilidade de efetivação de um discurso que enxerga nessas práticas um meio de conformação de projetos corporais individuais, em contraposição com a crescente profissionalização e normatização desse universo. Por fim, o autor buscou

discutir “uma potencialidade subversiva” (p.165) dessas práticas corporais. Sua pesquisa trouxe uma considerável contribuição para o campo, na medida em que realizou um mapeamento do universo das modificações corporais, contextualizando a realidade de São Paulo.

O autor considera que dentro do universo da *body modification* existem “práticas pouco convencionais”, como, por exemplo, “*piercings* em locais menos comuns, especialmente nos genitais, *piercings* alargados, como os alargadores de orelha (geralmente no lóbulo), escarificações (marcas feitas a partir de queimaduras ou cortes), implantes subcutâneos, bem como os ditos rituais de suspensão⁶” (p.26). Na tentativa de compreender as categorias *body modification* e *extreme body modification*, Braz (2006) observou que “essas fronteiras são bastante fluidas, talvez até circunstanciais. Há, porém, algumas idéias que se repetem, compondo um quadro de representações comuns” (p.27). Para os participantes de sua pesquisa, a tatuagem e os *piercings* tradicionais, por já terem sido, nos termos deles, “aceitos pela sociedade” e pela moda, não seriam mais *body modification*.

Podemos observar na entrevista com Rafa Mendes essa fluidez relatada por Braz:

Ah, modificação é tudo o que altera mesmo o corpo, né? Só que eu considero mesmo, modificação... umas coisas mais extremas, igual... implante na testa, que eu tinha, agora não tenho mais... Porque agora eu vou trocar, né? Botar umas peças maiores... Bifurcar a língua... Essas coisas mais extremas que eu considero modificação... mas a partir de um brinquinho que você tem, você modificou o seu corpo... (Rafa Mendes, p. 120).

⁶ Nesta pesquisa não trabalharemos com os rituais de suspensão, acreditando que se trata de uma prática de ordem distinta à ordem do nosso objeto de pesquisa.

Sobre a realidade das modificações corporais consideradas extremas, no Brasil e no exterior, André Meyer nos conta que há muitos anos temos contato com tais práticas em outros contextos:

Eu sempre falo que quando eu viajo, eu vejo uns malucos, loucos lá fora, de língua bifurcada, e chifre, implantes, essas coisas... E aí, cê fala: Ah, meu! Isso aí pode ser diferente, mas aqui no Brasil, desde pequeno, a gente via travestis, né? Então, a gente sempre teve esse contato com essa modificação que é extrema! Nada mais como mudar sua aparência, de mulher pra homem, de homem pra mulher, enfim... Hoje em dia trocar de sexo... (André Meyer, p. 116).

Galindo (2006) realizou uma discussão sobre o que pode ser considerado como modalidades brandas e extremas no campo das modificações corporais. Desta forma, ela propõe que

em sua modalidade extrema, a estética convencional é questionada, são impostos limites à inserção social dos seus praticantes, além dos riscos à saúde a que se expõem. A modalidade branda, além de não limitar o trânsito social dos praticantes, implica adesão por modismo e a seleção de procedimentos cuja segurança está razoavelmente consolidada pelo uso. A definição de modificações é sempre relacional, uma vez que as alterações da forma corporal podem ter efeitos diversos em função da sociedade com a qual dialogam. Não podem ser classificadas em brandas ou extremas baseando-se apenas no mal estar ou sensação de conforto que causam ao pesquisador (p.76).

Soares Neto (2005), por sua vez, utiliza o termo modificações corporais para se referir às práticas voluntárias e conscientes que alteram a forma e o funcionamento do corpo. São práticas com objetivos demarcados e riscos conhecidos. Genericamente, ele as divide em duas categorias: (1) práticas com empenho individual e que geralmente são reversíveis – tais como os cuidados relativos à aparência estética: regimes alimentares, exercícios físicos, etc.; e (2) práticas que dependem de um outro – práticas ligadas ao ornamento do corpo

(*piercings*, tatuagens, implante e *branding*); práticas que modificam a forma e/ou a função corporal (cirurgias estéticas, o uso do botox, *splitting* lingual, esculturas dentárias); e as práticas que exploram as faculdades sensoriais ou elásticas do organismo (escarificações, alargamentos de orifícios e as suspensões). Soares Neto ainda antevê que as modificações corporais possam passar por um processo semelhante ao da loucura no Ocidente, já que acredita que “as modificações corporais têm o potencial de sofrer o mesmo processo de aprisionamento discursivo pela nosografia científica e de se tornar uma questão de saúde pública, pois já aparecem como midiático e fonte de preocupação social” (p.14).

Já para Galindo (2006), ainda não é possível falar sobre o ingresso dessas práticas – neste caso, as práticas de modificações extremas (escarificação, implantes, etc.) – nos dispositivos de segurança da vida, uma vez que para isso é necessário, inicialmente, que estas sejam consideradas um problema público de saúde. No capítulo quatro desenvolveremos mais esta idéia.

As pesquisas e estudos indicam de um lado a “potencialidade subversiva” e a possibilidade de conformação de projetos corporais individuais que as modificações encarnam em contraposição com a crescente normatização e risco de aprisionamento discursivo desse universo, inclusive sob o signo da medicalização. Ao iniciarmos nossa pesquisa, esse eixo de discussão era também de certo modo nosso interesse: a escolha dos participantes por um viés profissional, como explicitamos no capítulo 1, parecia nos conduzir a essa mesma problematização, que aparecerá colocada no campo das fronteiras com a saúde pública, como veremos no capítulo seguinte.

No entanto, o eixo das práticas das modificações corporais como experimentação dos limites do corpo e como superação apareceu fortemente

referido pelos participantes e apesar do risco apontado por Le Breton de redução dos seus contextos culturais de origem e de sua transformação em “performances físicas”, nos pareceu importante acompanhar que lugar essas experiências ganham no contemporâneo e como podem ganhar singularidade nessa conformação sócio-histórica. Conforme Soares e Terra (2007) apontam, “o fascínio que o corpo exerce é imenso, pois é ao mesmo tempo material e imaterial. Constituído de carnes e entranhas, mas, também, de subjetividade, não cessa de nos surpreender, de revelar em seus mais íntimos recônditos os traços da história e da cultura em sua constituição” (p.113). Seguindo essa direção, os discursos dos profissionais das práticas de modificações corporais nos indicam que tais práticas estão tomadas por duas dimensões: 1) pela biossegurança, ou seja, o corpo material e 2) por práticas clínicas e técnicas de si, ou seja, o corpo imaterial. Esses aspectos serão aprofundados nos capítulos que se seguem (capítulo 3 e 4).

CAPÍTULO 3

Não é que a vida tenha sido
exaustivamente integrada em técnicas que a
dominem e gerem; ela lhes escapa continuamente.

Michel Foucault

AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS E A BIOSSEGURANÇA

Neste capítulo, buscaremos apresentar a noção de biossegurança abordada pelos participantes da pesquisa no que concerne às práticas de modificações corporais. A partir disso, explicitaremos uma articulação da biossegurança com a discussão que Foucault propõe sobre biopolítica e biopoder.

3.1. “Do poder de soberania ao poder sobre a vida”⁷

Foucault (1999) em uma aula ministrada em março de 1976 no Collège de France, publicada posteriormente como “Em defesa da sociedade”, afirma que “uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico ou, pelo menos uma certa inclinação que se conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico”(p. 286), foi um dos fenômenos mais importantes do século XIX. A fim de aprofundar a compreensão desse fenômeno, o filósofo recorre à teoria clássica da soberania, lembrando que o direito de vida e de morte eram vinculados ao poder do soberano. “A vida e a morte dos súditos só se tornam direitos pelo efeito da vontade soberana”, ou seja, “o soberano pode fazer morrer e deixar viver” (p.286). Assim, o direito de vida e de morte é assimétrico, sendo exercido somente do lado da morte.

No final do século XVII e no decorrer do século XVIII, emergiram técnicas centradas no corpo individual, chamadas pelo autor de tecnologias disciplinares ou o poder disciplinar. Tratava-se de um poder que se aplicava aos

⁷ FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

corpos individualmente, visando ao controle e à ordem através de técnicas de vigilância que possibilitavam o aumento da força útil do corpo. Esse poder sobre o corpo individual era imposto pelas instituições (tais como escolas, fábricas, hospitais), visando a docilizar e a disciplinar os corpos, em outras palavras, era um poder que atuava sobre o homem-corpo. De acordo com Engelman (2004), “o objetivo da disciplinarização não era destruir e bloquear a produção dos corpos, mas sim incitá-los a produzir mais para o nascente sistema econômico. O poder caracterizava-se pela sua positividade e não apenas por mostrar-se repressivo e negativo” (p.53). Nas palavras de Foucault (2001), “o corpo como máquina, no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos” (p.131).

Por volta da metade do século XVIII, surgiu um novo pólo de poder sobre a vida, que se centrava no

corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica da população” (Foucault, 2001, p.131).

Foi no século XVIII que aconteceu, segundo Foucault (2001), uma grande transformação: a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder, no campo das técnicas políticas:

o homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva em um mundo vivo, ter um corpo, uma condição de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar e um espaço em que se pode reparti-las de um

modo ótimo. (...) O fato de viver não é mais um sustentáculo que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo do controle do saber e de intervenções de poder (Foucault, 2001, p.134).

Para o autor, essa organização do poder sobre a vida se desenvolveu a partir de dois pólos principais: as disciplinas do corpo e as regulações da população. Abre-se, assim, a era de um biopoder: “sua articulação não será feita no nível de um discurso especulativo, mas na forma de agenciamentos concretos que constituirão a grande tecnologia do poder no século XIX” (Foucault, 2001, p.132) e que terá a vida como alvo do poder. Enquanto a disciplina se dá como anátomo-política dos corpos e se aplica essencialmente aos indivíduos, a biopolítica se aplica à população a fim de governar a vida. Essa “grande medicina social” (Revel, 2005) encontra no surgimento da medicina social um ponto importante de implantação, na medida em que a medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população. Do mesmo modo, o elemento que vai circular entre o disciplina, que se aplica sobre um corpo, e sobre a o regulamentador, que se aplica sobre a multiplicidade biológica – a população – será a norma (Foucault, 1999).

3.1.1. Medicalização

De acordo com Foucault (1999), o saber técnico da medicina atrelado à higiene exerceram grandes influências científicas sobre a corpo e a população no século XIX. Atuando como uma “técnica política de intervenção”, a medicina também possui efeitos de poder próprios. “A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores” (p.302).

Foucault (2001, p.08) ao conceber o poder de modo positivo, como “uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”, nos permite compreender as práticas da medicina como produtora de realidades e subjetividades. O discurso médico constitui formas de agir, pensar e se comportar. À medida que esse discurso opera no tecido social, “os indivíduos e a sociedade vão sendo produzidos por eles, se moldando ao saber médico” (AGUIAR, 2004, p. 135).

Segundo Foucault (2001), a medicalização é o processo pelo qual o saber médico expande-se para outros domínios, além do campo da Medicina, assumindo a função de regulação social. Processo esse que teve início no século XVIII por meio do reconhecimento do saber científico como um coadjuvante no tratamento da doença e que contribuiu para legitimar o lugar da clínica nosográfica e do esquadrinhamento da doença.

A medicalização também é um conceito bastante usado na sociologia moderna. Ele refere-se a uma das grandes mudanças do Ocidente, que substituiu a dicotomia entre bem e mal por outra dicotomia, culturalmente mais poderosa: a diferença entre saudável e doente (CLARKE 2000, *apud* AGUIAR, 2004). Inicialmente, o processo de medicalização correspondeu a uma expansão da jurisdição da profissão médica a novos domínios, como o espiritual, o moral e o legal, no contexto da nova biopolítica. Serviu assim, de meio para um maior controle social dos corpos, no sentido disciplinar sugerido por Foucault (SOARES NETO, 2005). Em outras palavras, o saber médico apresenta verdades que eram expandidas para outros domínios, além do campo da Medicina, assumindo a função de regulação social.

4.1.2. Biossegurança

Uma dimensão da medicalização no contemporâneo, na perspectiva do biopoder, se expressa na biossegurança. Podemos considerá-la como um dispositivo que visa a assegurar a vida, um mecanismo implantado pela biopolítica que busca intervir no fenômeno de modo global. O poder intervém para fazer viver, controlando os acidentes, as eventualidades e as deficiências da vida. (FOUCAULT, 1999). Seria então, a biossegurança uma tecnologia regulamentadora da vida: “uma tecnologia que agrupa efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a probabilidade desses eventos” (p.297).

Outras definições de biossegurança encontram-se descritas na literatura, como por exemplo, a definição utilizada pela Fundação Oswaldo Cruz:

a condição de segurança alcançada por um conjunto de ações destinadas a prevenir, controlar, reduzir ou eliminar riscos inerentes às atividades que possam comprometer a saúde humana, animal e vegetal e o meio ambiente. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2002).

A acepção da Fundação Oswaldo Cruz aborda: 1) as normas e mecanismos controladores do impacto de possíveis efeitos negativos de novas espécies ou produtos originados por espécies geneticamente modificadas; e 2) a manutenção de condições seguras nas atividades de pesquisa biológica, de modo a impedir danos aos trabalhadores, a organismos externos ao laboratório e ao ambiente. No caso das práticas de modificações corporais, nos interessa a seguinte definição:

Conjunto de medidas voltadas para prevenção, minimização ou eliminação de riscos inerentes às atividades de pesquisa, produção, ensino, desenvolvimento tecnológico e **prestação de serviços, que podem comprometer a saúde do homem**, dos animais, do meio ambiente ou a qualidade dos trabalhos desenvolvidos (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2002, grifo nosso).

Galindo (2006), que toma como referências Foucault e também a Fundação Oswaldo Cruz, descreve a biossegurança como um recente mecanismo de segurança da vida criado para controlar os riscos advindos ou que possam advir do laboratório tendo em vista a proteção dos trabalhadores e do ambiente externo. Segundo a autora, a gestão da biossegurança ainda está se consolidando no Brasil, e é dividida em duas áreas: uma referente a organismos geneticamente modificados – que se encontra numa fase mais regulamentatória que a segunda – e a outra relativa a organismos não geneticamente modificados.

A biossegurança no Brasil só se estruturou como área específica da Saúde Pública nas décadas de 1970 e 1980. Entretanto, desde a instituição das escolas médicas e da ciência experimental, no século XIX, vêm sendo elaboradas noções sobre os benefícios e riscos inerentes à realização do trabalho científico, em especial nos ambientes laboratoriais (ALMEIDA e ALBUQUERQUE, 2000).

As práticas que envolvem a biossegurança têm se expandido gradativamente para áreas além dos laboratórios. O Sindicato de Empresas de Tatuagem e *Body Piercing* do Estado de São Paulo, também caracteriza a biossegurança “por um conjunto de normas e procedimentos considerados seguros e adequados a manutenção da saúde em atividades de risco” (Sindicato de Empresas de Tatuagem e *Body Piercing* do Estado de São Paulo). As práticas de biossegurança mencionadas pelos três profissionais entrevistados ilustram o processo de inserção da preocupação com a higiene ocorrido nas últimas décadas

no campo das modificações corporais no Brasil (COSTA, 2004; GALINDO, 2006; BRAZ, 2007) - tal como podemos observar no seguinte trecho da fala de Snoopy:

Então, a superação que eu falo não é simplesmente cravar os ganchos. Tem todo um preparo, desde a assepsia de pele, pra você não jogar nenhuma bactéria pra dentro; as medições corretas pra fazer a passagem da agulha, onde vai ser introduzido. Então, quer dizer, tem todo um cuidado. (Snoopy, p.89)

No relato de Rafa Mendes, observamos também uma preocupação relacionada às tecnologias de higiene e prevenção de riscos:

Aí, você tem que usar toda uma roupa estéril, luva, máscara, touca... Tudo. O máximo cuidado que você puder tomar, ainda não é o bastante. **Você ainda corre risco tomando o máximo de cuidados.** Tanto que a gente vê várias pessoas com infecção hospitalar, né? Dentro de salas cirúrgicas. (p.126)

Já André Meyer acredita que a inserção de materiais que visam a diminuir ou eliminar os riscos à saúde nas práticas de modificações corporais têm uma relação com o consumo, que faz parte da “evolução do mercado”:

Cada dia mais, como eu tava falando, as empresas cirúrgicas tendem a pesquisar pra colocar no mercado, materiais modernos e consumíveis. Inclusive pela beleza. Hoje em dia a gente vê luvas de nitril de várias cores, com cheirinho, pra facilitar e visualizar melhor a profissão. E dar mais segurança também, né? Então, faz parte da evolução do mercado. (p.117)

Snoopy ressalta a importância de que as práticas sejam executadas por pessoas qualificadas e “do meio”. Nesse sentido, o risco estaria em realizar as práticas fora “do meio”. Quando são executadas por pessoas “qualificadas para estarem prestando esse tipo de apresentação”, não há um risco em absoluto, ele é controlado. O risco surgiria quando essas práticas não estão inseridas na ritualidade que lhe é singular. Desta forma, para que seja uma prática consistente, que não

acarrete em prejuízos ao corpo, há um conjunto de elementos que vão das técnicas (conhecimento do corpo) aos significados das práticas (cultura). Em outras palavras, “o meio” assegura e dá a estabilidade necessária para a manipulação do corpo.

Snoopy, em sua narrativa, ressalta a importância de ‘quem executa’ e ‘como executa’ as modificações corporais. Para ele, primeiramente é necessário ter conhecimento do corpo biológico, dos seus limites e também de suas potências. Além disso, o profissional precisa estar comprometido com as medidas de biossegurança e higiene, passando pelo cuidado e o “respeito” com o corpo do cliente. A questão da segurança e da saúde é constantemente negociada com o campo do saber médico. Isso pode ser observado quando são adotados os procedimentos de assepsia e higiene, além da aderência às entidades reguladoras da saúde (Vigilância sanitária e ANVISA⁸), tal como podemos observar na seguinte fala de Snoopy:

Eu, particularmente, quando comecei a trabalhar com piercing, eu senti uma carência danada a nível de quê? Mais **respaldo a nível de biossegurança**. Eu, graças a Deus, sempre tive muitos amigos médicos. **O quê que esses médicos faziam por mim? Eles me emprestavam livros, essas coisas...** Então, dentro dessas coisas, eu fui adaptando... **Eu fui introduzindo o meu conhecimento de piercing e comecei a introduzir o conhecimento a nível de saúde, de biossegurança**. Pra quê? Pra eu poder oferecer pros meus clientes mais segurança no ato da aplicação, e até informação mesmo (p. 97).

André Meyer justifica a relação das práticas profissionais de modificações corporais com a biossegurança através de um processo evolutivo, fazendo referência às práticas em outros contextos culturais. A biossegurança aparece como o diferencial, algo que assegura a prática.

⁸ Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

É, é inevitável que a biossegurança seja prioridade nesse mercado. Como nós vendemos, né, dor, nós precisamos vender segurança. Né? **A gente precisa vender um trabalho que não prejudique a pessoa futuramente, né? Nem no próprio serviço.** Se você contaminar uma pessoa com uma jóia infectada, com uma agulha, você já tá atrapalhando o seu próprio serviço! É inconcebível! **Como é que você vai fazer algo numa pessoa que ao invés de você tá melhorando, você tá pondo em risco?** Então, isso é óbvio. Para profissionais, isso é fundamental. Essa evolução. Porque é profissional! Você não pode comparar tribos que fazem essas modificações há centenas de anos, que lá passa de pai pra filho, sabe exatamente qual a madeira adequada, qual é a planta certa, é muito óbvio. E lá eles não cobram por isso. Tem o pajé, tem o xamã, que sabe como cuidar disso. É muito vulnerável, a outras doenças, né? Já no nosso caso, **a gente tá cobrando por um serviço a gente tem que dar ao cliente total segurança!** É óbvio! **Isso faz parte do capitalismo, isso faz parte do processo profissional.** (p.117)

3.2. Profissionalizar a prática: negociar para legitimar

Observamos que a crescente profissionalização das práticas de modificações corporais, mais especificamente das práticas de tatuagem e *piercing* no Brasil tem-se dado através de uma articulação com as questões de segurança da vida, bem como o estabelecimento de um ‘diálogo’ com a medicina. Essas negociações têm trazido importantes implicações sociais no exercício das práticas de modificações corporais.

Segundo Perez (2003) a prática da tatuagem tem passado por um “processo de institucionalização” - e nesse caso expandimos para as práticas de *piercing* – uma vez que para instalar um estúdio é necessário que se cumpra uma série de requerimentos de ordem jurídica, sanitária e também comercial para a obtenção de uma licença de funcionamento. Com essas medidas, há um aumento

de controle social das práticas, o que também traz em certo grau o reconhecimento e legitimidade social para a profissão.

A criação do SETAP-SP, bem como as medidas jurídicas expedidas em torno da prática de tatuagens e *piercings* parecem ser os grandes marcos de legalidade da profissão. A fala de Snoopy sobre a função do SETAP-SP na profissão ilustra uma tentativa de adesão a alguns princípios médicos, e também de uma demarcação que tem por objetivo assegurar e controlar o exercício da prática:

“O trabalho do SETAP-SP, em si, é primeiro, resguardar os direitos adquiridos dos tatuadores e pierciers.”(p.18)

Então, o SETAP-SP ele foi isso, a desenvoltura... a idéia do SETAP-SP realmente foi isso [...] Fazer o quê? **Se organizar, pra quê? Pra que se ocorrer alguma porcaria ali, falar: “opa, esse cara não tinha nada a ver com nós profissionais!** Esse cara, é um cara que, meu... Resolveu, acordou e falou: eu vou começar a fazer tatuagem, vou começar a aplicar piercing e começou a fazer. Deu certo um, dois, três e agora eu”. Porque o que acontece geralmente, hoje em dia é: faz qualquer besteira? Entendeu? E relacionam o todo. **É que nem na Medicina**, entendeu? Só que **a Medicina tem um Conselho Federal de Medicina e um Regional. Então, a nossa idéia é fazer a nossa entidade federativa e, em cada estado ter um conselho regional de tatuadores e pierciers.** (p.09)

A partir do que foi visto anteriormente, podemos pensar em estratégias que visam a regulamentar e a legitimar as práticas profissionais de modificações corporais. Legitimação que Snoopy faz questão de frisar:

Porque, meu! Você dar uma palestra pro pessoal do meio da tatuagem, é uma coisa. Você dar uma palestra pro pessoal do Ministério da Saúde, ou médicos e ser aplaudido, é outra. Porque você vê que realmente o que você tá falando tem a ver... É a dinâmica que você vê aqui no meu serviço foi desenvolvida por mim! Mediante o quê? As dificuldades (p.97).

Institucionalização que passa por fazer fronteiras com o saber médico: “eles [os médicos] me emprestavam livros, essas coisas...”, mas, ao mesmo tempo, com o conhecimento das práticas de outros territórios culturais:

Em 2001, também, veio aquela coisa de suspensão humana, entendeu? Aí, o que aconteceu? Eu já tava trabalhando com piercing desde 1997. **Aí comecei a estudar sobre.** Quer dizer, nessa época, você não tinha tanto acesso à internet sobre. Então eu tive que importar muitos livros, entendeu? Trazer muita coisa. E é aquela coisa, muitas vezes dificuldades até de falar inglês, hoje não (risos). Mas na época... Então o que acontece? Tipo, meu... Muito tradutor, varava a noite... Por gostar e por querer conhecer a cultura, o que levava uma pessoa a ser suspensa? Aí foi que eu descobri que o lance mesmo da suspensão é... ela é originária dos índios silks. Isso em 1840, teve um relato de um francês. E trouxe pro ocidente o que rolava com os índios silks... (p.88, grifo nosso)

É interessante observar que através da articulação dos profissionais das modificações corporais com as áreas da saúde, ou seja, com a medicina, a vigilância sanitária e a biossegurança, há a instalação de “uma estrutura punitiva de controle e regimento público de uma prática que, em seus albores e através de sua história, esteve fora do “status quo” dentro de formas e cenários tipicamente marginais. Assim, no momento, em que se regulamenta, também se legitima, mas dentro de normas” (PEREZ, 2003, p.39).

Em contrapartida, há algo nas práticas de modificações corporais que escapa da técnica médica, do corpo médico, biológico: “Só que o piercing foge”, destaca Snoopy ao falar sobre a especificidade de sua prática. Há uma singularidade, um conhecimento que o campo médico não dá conta.

Médico tem o conhecimento fisiológico e biológico do corpo. **Só que piercing foge. É totalmente outra técnica.** Quer dizer, não adianta o cara ser formado em Medicina, ou ser um enfermeiro. Porque se ele não tiver o conhecimento de como funciona as técnicas de piercing, ou até as técnicas de modificação, ele acaba até

machucando mesmo. Mesmo ele tendo conhecimento (p.88, grifo nosso).

Em outras palavras, ele propõe que a modificação corporal não seja uma prática pra qualquer um, nem para quem é submetido, nem para quem a executa. Há regras heterônomas (no sentido da fiscalização, da vigilância sanitária, dos cuidados com o corpo) e há também a dimensão que o sujeito precisa estar inserido numa cultura que o assegure. Ou seja, de um lado ele apóia certo grau de normatização e de outro uma cultura própria das modificações corporais. Isso pode ser visto quando Snoopy aponta para os cuidados de assepsia no instrumentário utilizado para a inserção de *piercings*. Ele coloca: “o meu diferencial eu faço com a qualidade. Então, quer dizer, é a mesma coisa. **Na vitrine você tem os piercings. O ar tem bactérias. Então, se a pessoa for fazer, da minha sala de aplicação pra dentro vai tá tudo lacrado e estéril**”⁹ (p.98).

⁹ Em sua prática, Snoopy usa o referente da Portaria da Vigilância Sanitária do Município de São Paulo Artigo, que aponta:

Artigo 9º - Na execução de procedimentos inerentes às práticas de tatuagem e de piercing, antes de atender cada cliente, o tatuador prático e o prático em piercing deverão: Inciso I - **realizar a lavagem das mãos com água e sabão/detergente, escovando a região entre os dedos e sob as unhas, seguida de anti-sepsia com álcool etílico iodado a 2% ou álcool etílico a 70%.**

Lavagem das mãos é a fricção manual vigorosa de toda a superfície das mãos e punhos, utilizando-se sabão/detergente, seguida de enxágue abundante em água corrente; Inciso II - **calçar um par de luvas, obrigatoriamente descartável e de uso único.** O uso de luvas não dispensa a lavagem das mãos antes e após contatos que envolvam sangue ou outros fluídos corpóreo do cliente;

Inciso III - realizar a limpeza da pele do cliente com água potável e sabão/detergente apropriado e eficaz para esta finalidade;

Inciso IV - após a limpeza da pele descrita no inciso anterior, proceder a anti-sepsia da pele do cliente empregando álcool etílico iodado a 2% ou álcool etílico a 70%, com tempo de exposição mínimo de 3 minutos.

Artigo 10º - **Obrigatoriamente, todo o instrumental empregado na execução de procedimentos inerentes às práticas de tatuagem e de piercing, deverá ser submetido a processos de descontaminação, limpeza e esterilização** (grifo nosso).

Parágrafo Primeiro - As agulhas, lâminas ou dispositivos destinados a remover pelos, empregados na prática de tatuagem, deverão ser descartáveis e de uso único.

Parágrafo Segundo - Os materiais a que se refere o Parágrafo anterior, não poderão ser reprocessados ou reutilizados.

Parágrafo Terceiro - **Antes de serem introduzidos e fixados no corpo humano, os adornos deverão ser submetidos à processo de esterilização.**

Rafa Mendes também se posiciona de modo semelhante ao de Snoopy, no que diz respeito à necessidade em aprofundar seus conhecimentos sobre as práticas de modificações corporais. A diferença trazida por ele se dá na ênfase acerca da relação entre as práticas de modificações corporais e o saber médico:

Eu sempre tenho na minha cabeceira livros de anatomia, fisiologia, cinesiologia, histologia... To sempre me reciclando, meus conhecimentos... Estudando bastante... Eu comecei até, no começo do ano... ano passado... uma faculdade de Educação Física, junto com a Enfermagem, só pra pegar as aulas de anatomia, estudar as aulas teóricas... Quando acabou eu parei a faculdade... Que nos outros anos não teriam... Aí, eu tô sempre estudando... (p.126)

3.3. Modificações corporais: problema de saúde pública?

As medidas jurídicas que até o momento têm sido expedidas em torno do exercício da tatuagem e do *piercing*¹⁰ são: do Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, onde se regulamentou o funcionamento dos locais ou “gabinetes de tatuagem” e “gabinetes de *piercings*”, as medidas higiênicas que deviam seguir e algumas proibições em torno da sua prática; a Lei Estadual n. 9.828, de 06-11-97, proíbe a realização, em menores de idade, de procedimentos inerentes à prática da tatuagem; e a Portaria CVS-12, de 30-7-99, do Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, que dispõe sobre os “gabinetes de tatuagem” e os “gabinetes de *piercing*”, realizando uma série de definições dessas práticas, suas normas de funcionamento, os requerimentos que devem cumprir, as medidas higiênicas que devem seguir e a proibição aos menores de idade. Todas essas normas jurídicas têm sido expedidas pelo Estado de São Paulo e atualmente os Estados do Rio de Janeiro, Paraná, Ceará e Espírito Santo também constituíram suas próprias legislações.

¹⁰ a Portaria CVS-12, de 30-7-99.

Há também o projeto de lei¹¹ nº 2104/07 apresentado pelo deputado João Paulo Cunha, que visa à regulamentação cultural da prática de tatuagem e piercing no Brasil, e está tramitando na Câmara dos Deputados. Em tal projeto são apresentadas algumas justificativas que nos parecem reforçar o ingresso das práticas profissionais de modificações corporais (*piercings* e tatuagens) nos dispositivos de segurança da vida, das quais destacamos:

É notório o risco de contrair doenças infectas contagiosas em Ateliês de Body Piercing e Tatuagens, pois, não raramente ocorre a inobservância das precauções universais de biossegurança, sendo constatado o uso de utensílios, bem como meio de desinfecção e esterilização fora dos padrões mínimos de higiene e segurança. As determinações de **medidas eficazes para o controle de doenças transmissíveis nesses tipos de atividades, são de responsabilidade das autoridades sanitárias, que igualmente devem intervir sempre que houver possibilidade de ameaça à saúde pública**. Através desse Projeto de Lei queremos exigir condições mínimas de higiene e segurança para o adequado funcionamento dos estabelecimentos onde se desenvolve a atividade de prático em DERMOPIGMENTAÇÃO e prático em piercing, **eliminando o risco de exposição dos clientes aos agentes infecciosos veiculados pelo sangue**, tais como: Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV, Vírus da Hepatite C, Vírus da Hepatite B, dentre outros, bem como a ocorrência de acidentes durante a realização de tais procedimentos, salvaguardando a integridade de todos os brasileiros que se utilizarem desse tipo de serviço (BRASIL, 2007).

Desse modo, um fator que ajudou notoriamente a orientar essa atual fachada do cenário da tatuagem e do *piercing* é o “relacionado com a saúde, já que a manipulação do corpo e, em especial, do sangue, convertem-na num objeto de controle sanitário e de vigilância social” (PEREZ, 2003, p.37).

Conforme apontamos no capítulo dois, Galindo (2006) afirma que a entrada das modificações corporais nos dispositivos de segurança da vida se

¹¹ “Dispõe sobre a Regulamentação da ATIVIDADE de DERMOPIGMENTAÇÃO ARTÍSTICA (popularmente chamada de TATUAGEM) e PERFURAÇÃO CORPORAL (popularmente chamado de Piercing) e condições de funcionamento dos estúdios de TATUAGEM e BODY PIERCING” (Projeto de Lei nº 2104/07).

restringe às práticas de *piercing* e tatuagem, uma vez que estas se encontram numa esfera da saúde pública. Assim, ainda não é possível afirmar que as modificações corporais (nesse caso, as práticas consideradas extremas, de escarificação, implantes, *branding*, etc.) estejam inseridas na lógica da segurança. A autora argumenta que pode haver uma indagação dessas práticas por duas vias da saúde: pelos efeitos adversos – inflamações, infecções decorrentes das aplicações das técnicas de modificação corporal – e pelo viés da saúde mental – numa tentativa de dar conotações distintas da patologização (PEREZ, 2004; SOARES NETO, 2005).

Outra justificativa na qual se fundamenta o não ingresso dessas práticas nos campo da biossegurança ou da biopolítica se dá com a perspectiva que aponta motivações estéticas, políticas ou sensacionais (Galindo, 2006) como justificativa para as ações no corpo. Tal perspectiva constitui o foco argumentativo de vários autores, como Almeida (*apud* PEREZ, 2003), que afirma que o processo de tatuar-se está determinado pelo mero “prazer e imaginação estética” e Liotard (*apud* GALINDO, 2006), quando aponta as modificações corporais como algo que “é, a priori é inútil e não institucional”.

Se as modificações corporais não estão tomadas pela ótica da biossegurança, elas não deixam de fazer fronteiras ou interfaces importantes com as questões da saúde, porém, menos por uma perspectiva normatizante (no sentido da biopolítica) e mais como potência de diferir. Ou seja, menos como norma e mais como normatividade, tal como pensada por Canguilhem (1990). Desenvolveremos essa idéia no capítulo seguinte, argumentando que as práticas profissionais de modificações corporais podem ter conotações distintas, neste caso, próximas das práticas clínicas e das técnicas de si.

CAPÍTULO 4

Constitua-te livremente, pelo
domínio de ti mesmo.

Michel Foucault

TÉCNICAS DE SI E SUBJETIVAÇÃO NAS PRÁTICAS DE MODIFICAÇÕES CORPORAIS

No capítulo 2, acompanhando os estudiosos do campo das modificações corporais, vimos aparecer um tensionamento entre duas maneiras de pensar a emergência das modificações corporais no contemporâneo: 1) sua tematização como algo da ordem das sensações e das vertigens num corpo-lugar de encenação de ‘efeitos especiais’” (Le Breton, 2003, p. 28) e 2) como ‘ato performativo’, um meio de conformação de projetos corporais individuais em que uma potência subversiva pode se realizar, construindo alternativas ao possível. (Braz, 2006).

Não entendemos tal tensionamento como duas formas antagônicas de compreender essa experiência, mas como dois modos de agenciá-la às formas do contemporâneo, uma destacando seu feito “espetáculo” e seu risco de captura nas lógicas da sociedade de mercado-consumo e a outra seu efeito “subversão/criação” e invenção de novos corpos-mundo.

Nossa opção em ouvir os profissionais nos levou a uma direção na qual ganharam visibilidade os “cuidados” com o corpo do outro, quando as modificações se mostram então como uma complexa tecnologia de intervenção com suas prescrições, “regras de prudência” e preocupações éticas. Esse modo de apresentar as práticas profissionais como exercício de cuidado e que coloca questões éticas, certamente se relaciona ao tema da profissionalização, como vimos

anteriormente, e quase poderia ser reduzida a uma mera distinção “charlatões *versus* profissionais”. No entanto, vimos comparecer na fala dos profissionais um saber-fazer que é nomeado ora como “xamanismo”, como “ato terapêutico” (André), em que se destaca a delicadeza da intervenção, o que nos fez aproximá-los de uma prática “clínica”. Vejamos porque, acompanhando André, Snoopy e Rafa, clínicos do/no contemporâneo.

André Meyer apresenta-se como um “xamã¹²” do contemporâneo:

E eu acho que é super interessante o que eu exerço, nessa geração. Sendo que, pesquisando, estudando, eu sei que isso é feito há milhares de anos em outras culturas. A única diferença é que eu sou... eu me sustendo disso, sou um profissional, né? É lógico que qualquer pagé, xamã de tribo recebe premio (p.109).

Exemplo disso pode ser observado quando ele fala sobre os motivos que levam às pessoas a submeterem seus corpos às modificações: “[...] é a solução pra algum problema. Pra despertar alguma coisa adormecida, algum sentimento, esse sentimento pode ser positivo quanto negativo... quando é negativo, eu evito fazer. Porque eu não uso do meu trabalho como um auto-flagelo” (p.109).

Há uma forte insistência na discussão da ética, destacando sua responsabilidade quanto aos efeitos que as práticas produzem, conforme podemos observar também nos seguintes trechos:

Porque eu sempre gostei da parte profissional, ética, sem ser sensacionalista, né? Do real, do verdadeiro, sempre consciente. Tipo: ‘ó, tomem cuidado porque também não é tão fácil.’ **Você pode traumatizar as pessoas, você pode prejudicar as pessoas. E meu trabalho não é isso. É deixar todo mundo que me procura, melhor do que veio** (André Meyer, p. 112, grifo nosso).

Você lidar com o corpo humano é fantástico! Desde... Desde que você tenha o quê? Desde que você tenha um certo respeito. Tem que ter respeito pelas pessoas (Snoopy, p.101).

¹² “Entre certos povos, espécie de sacerdote que recorre a forças ou entidades sobrenaturais para realizar curas, adivinhação, exorcismo, encantamentos, etc” (FERREIRA, 2005).

Trabalho *terapêutico*, por diferentes razões (religiosas, sexuais, espirituais):

Então eu acho que a minha profissão tem muito um trabalho... é... pra algumas pessoas, terapêutico, né? (..) Pra marcar a vida dessas pessoas por vários motivos. A maior parte dos motivos é pela moda. Nessa geração que a gente vive. Por outros motivos, espirituais, religiosos, sexuais, céticos, enfim... (André Meyer, p.01).

Um trabalho com a dor¹³:

Eu não sou fã nem adepto de modificações extremas. Eu trabalho... Como chama?... **Eu tento passar a dor, como um prazer. Sem traumatizar.** (...) isso só quando o corpo comporta determinado adorno (p.109 grifo nosso).

Tatuagem eu acho que veio muito bem, assim, na minha profissão, porque os primeiros lugares que eu vim trabalhar no Brasil, não foi em estúdio de cabeleireiro, estética... **Lógico que tava muito ligado à tatuagem, a dor. Adorno!**¹⁴ (André Meyer, p.114 grifo nosso).

Um trabalho de superação, como vemos com Snoopy:

Então, quer dizer, na realidade, eu entendo a suspensão hoje como **uma superação**. Por que? Porque hoje em dia você, que nem no caso da suspensão, você olha e diz: meu, **eu tô brigando com meu próprio instinto**. Entendeu? (p.89 grifo nosso).

Xamãs, terapeutas, trabalhadores da invenção de um corpo-adorno, para além dos instintos, podemos pensá-lo como clínicos do/no contemporâneo se entendemos a clínica como uma tecnologia da subjetividade inventando novas formas de reordenar a existência. Uma clínica comprometida a remexer nas formas de estar no mundo, fazendo-as sempre potencializadoras da vida, produtoras de uma nova saúde (PAULON, 2004).

¹³ A temática da dor nos parece um importante campo de pesquisa no que concerne às práticas de modificações corporais e merece futuras investigações.

¹⁴ Durante esse momento da entrevista, André Meyer ao falar sobre a dor utiliza um trocadilho com a palavra 'adorno', utilizando uma entonação que conota referência à dor. Algo como um adorno que dói.

As noções de sujeito e subjetividade trabalhadas por Foucault nos auxiliam a pensar as práticas profissionais de modificações corporais como produtoras de vetores de subjetivação. Foucault (2000) acredita que a constituição do sujeito se dá de duas formas: a) através de práticas de assujeitamento; b) através de práticas de liberação, de liberdade, uma forma mais autônoma. Pensamos, então, que as práticas de modificações corporais, tal como aparecem formuladas por esses profissionais, estariam de acordo com esta última. Nesse caso, trata-se de práticas de si, práticas que permitem um trabalho sobre si mesmo. Foucault denomina de técnicas de si: "os procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transforma-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si" (FOUCAULT, 1997, p.109). No início dos anos 80, o tema do cuidado de si aparece nos trabalhos de Foucault no prolongamento da idéia de governamentalidade, referindo-se à idéia do *governo de si*, isto é, a maneira pela qual os sujeitos se relacionam consigo mesmos e tornam possível a relação com o outro. Na Antiguidade Clássica, que ele estuda, "o ethos do cuidado de si não está em oposição ao cuidado dos outros: ele é uma arte de governar os outros e, para isso, é essencial saber tomar cuidado de si" (REVEL, 2005, p. 34).

André nos fala de um ethos em que é essencial cuidar do outro e de si: "eu ensino as pessoas a ter ética, a ter respeito ao corpo" (p.02)

"É... quando eu entrei nessa de perfurações, eu procurei o máximo de informações, o máximo que eu pude a respeito dessa profissão, né? E aí, por ver essas opções, **eu tive a liberdade de escolher o que eu queria e o que eu não queria fazer. O que eu achava saudável e viável**, o que eu achava que era só sensacionalista, né? Então como **eu tô fundado na minha prática de vida também, nesse respeito com os seres e ao meu respeito também**, que eu não quero me agredir fazendo algo que tá incomodando,

machucando, que ta sendo violento pra determinadas pessoas” (p. 112, grifos nossos).

4.1. Biossociabilidade e bioascese

Ortega (2003) ao analisar a formação das chamadas “identidades somáticas” ou “bioidentidades” - que deslocam para a exterioridade o modelo internalista e intimista da construção e descrição de si, afirma que a construção de tais tipos se dá através da ênfase dada os cuidados corporais, da medicina, e da higiene. Tais identidades podem ser observadas através de uma forma de sociabilidade chamada de biossociabilidade que busca “descrever e analisar as novas formas de sociabilidade surgidas da interação do capital com as biotecnologias e a medicina” (p.63). Trata-se de uma sociabilidade constituída por grupos de interesses privados que seguem critérios de saúde, performances corporais, etc. Diferente da biopolítica clássica, onde se davam agrupamentos tradicionais, como raça, classe, orientação política. Na biossociabilidade são criados critérios de mérito e reconhecimento fundamentados em regras de higiene, criação de modelos ideais de sujeitos baseados em critérios físicos e de saúde.

Para o autor, as formas de biossociabilidade e bioascese são fundamentais no processo de “desmontagem da cultura íntima e de somatização e exteriorização da subjetividade” (p.62).

Uma outra tematização relevante sobre o corpo no contemporâneo, nos é dada pela idéia de *cultura somática*.

4.2. Elementos da cultura somática

O advento da cultura somática (Costa, 2004) pôs em questão o lugar que o corpo vem ocupando nas construções das identidades na contemporaneidade. As mudanças subjetivas da história que se convencionou chamar de culto ao corpo, ou cultura somática é um fenômeno com várias facetas e complexidades, com origem nas transformações históricas da modernidade. Costa ancora-se na expressão conceitual de Lash (1978) chamada “cultura narcísica”¹⁵, acreditando, entretanto, que os principais traços da cultura narcísica presentes nos estudos de Lash perderam seus lugares para o atual domínio da cultura somática.

Costa propõe que dois fatores em especial têm possibilitado esse fenômeno: 1) o remapeamento do corpo físico – fornece justificativas racionais para a redescritção do que somos e 2) a invasão da cultura pela moral do espetáculo – as normas morais do que devemos ser. O primeiro fator diz respeito às mudanças que a visão de corpo, no Ocidente, vem passando ao longo do tempo: na Antiguidade Clássica - onde o corpo era concebido como uma espécie de instrumento a serviço da ação; na educação burguesa - o corpo passou a ser pensado como uma ameaça “à delicadeza da interioridade psicológica”. Atualmente, o remapeamento cognitivo do corpo físico que tem como fatores decisivos para a revalorização do corpo: o progresso das ciências; os avanços tecnológicos da medicina; o desinvestimento nos temas políticos tradicionais (conflitos de classes, econômicos) que provocou um deslocamento do interesse dos indivíduos para questões da esfera social; as transformações de ordem espiritual (inclusão de elementos de religiões asiáticas,

¹⁵ Foucault, ao elaborar seu projeto sobre a cultura de si, foi influenciado pela leitura de “A cultura do narcisismo” de Christofer Lash. Para Foucault, a descrição uma desilusão com o mundo moderno presente nos estudos de Lash pareciam similares com o a situação ocorrida no Império Romano. Assim, Foucault localizou as raízes do moderno conceito de si no primeiro e no segundo século da filosofia greco-romana e no quarto e quinto da espiritualidade cristã (EIZIRIK, 2005).

por exemplo) e, por fim o progresso intelectual, que postula a não distinção entre o físico e o mental.

Com a junção dessa série de progressos, “o interesse pelo corpo exacerbou a atenção dos indivíduos para com a sensorialidade, e a superexploração dessa faceta da experiência corporal vem sendo acompanhada de efeitos físicos, mentais e socioculturais inusitados” (p.192).

Costa sugere que pensemos a cultura somática como um complexo cultural com duas dimensões distintas: a moral do espetáculo e a moral do governo autônomo do corpo. A moral do espetáculo é um dos componentes do que Guy Debord (1999) chamou de “sociedade do espetáculo”. Ela é “a trama dos dispositivos discursivos e não-discursivos que se apresenta como independente da ação e do julgamento dos indivíduos” (Costa, 2004, p.227). A moral do espetáculo imprime as formas ideais do sujeito atuar e dar sentido à vida, tendo como via de condução a mídia. Além de espectadores, os sujeitos são levados a tornarem-se protagonistas da realidade-espetáculo. De acordo com o autor, essa atuação se dá através da imitação de personagens de destaque, da moda. Limitada pelas impossibilidades do real - neste caso, as riquezas, o poder político, dotes artísticos, formação intelectual dos personagens em evidência – a imitação vem através da aparência corporal. Ou seja, no que há de mais acessível a qualquer um. Nasce então, o que o autor chama de corpo-espetacular.

Costa ainda faz referência aos sentimentos de passividade e impotência gerados pela moral do espetáculo, que resultam na forma como o sujeito se isenta de responsabilidade com o mundo real e permanece com a fantasia da “realidade-espetáculo”. Entretanto, “o impacto do espetáculo sobre o sujeito, apesar de nefasto, não impede o surgimento de ações e reações contra-alienantes”(p.230).

Nesse sentido, Costa sugere também a existência de um “lado positivo” da cultura somática. Nele, os cuidados e atenção voltada para o corpo, podem aparecer como uma “preocupação ética consigo” (p.236), entendendo ética conforme expusemos anteriormente. Há um espaço para experimentações que possibilitem melhores formas de viver, que não estão sucumbidos pela cultura do espetáculo, do narcisismo. Exemplo disso são as espiritualidades asiáticas, que têm como uma das características fundamentais o tratamento dado ao físico (corpo) na condição moral do sujeito. A corporeidade física não é vista como um obstáculo ao aperfeiçoamento espiritual, diferentemente das religiões judaico-cristãs. Conhecer o corpo físico de modo a dominar formas de se alimentar, respirar, sentar corretamente são etapas que possibilitam a superação do sofrimento e o alcance da sabedoria e serenidade. Para Costa, esse conforto físico-mental produzido pelas práticas corporais (menos opressivas e alienantes) são modos de resistência às formas impostas pela moral do espetáculo. É a partir dessas referências e discussões que sustentamos também nosso argumento de que as práticas das modificações corporais ensejam essa possibilidade.

Para Ortega (2003) a incorporação das práticas espirituais orientais se dá como forma de bioascese, ou seja, perdem a dimensão simbólico-transcendente original, objetivando somente a melhora da performance corporal. Assim, a subjetividade e interioridade do sujeito são deslocadas para o corpo, dando lugar às sensações. Enquanto que as ascetes clássicas visavam atingir a coragem, a sabedoria, o conhecimento de si, a bondade, as práticas de bioascese buscam desafiar os limites estabelecidos de satisfação, potência física, o bem-estar físico.

A pesquisa e o contato (por exemplo sobre as suspensões, como vimos com Snoopy) com práticas que eram circunscritas a determinados grupos e

culturas e, que de algum modo são incorporadas pelos adeptos na contemporaneidade, essa retomada das práticas e das performances rituais - que parece invocar algum saber das sociedades tradicionais- ao invés de “colagem fora de contexto, flutuando em uma eternidade indiferente, longe de seu significado cultural original” como quer Le Breton, não podem ser olhadas também como uma tentativa de escape à somatização e à busca da superação do sofrimento, como sugere Costa?

Isso não quer dizer que não haja o risco da captura na cultura somática e na lógica do “espetáculo”. Os participantes dessa pesquisa percebem e fazem a crítica dessa possibilidade:

Eu acho que o piercing se popularizou tanto na nossa sociedade, eu acho super legal, assim... E isso foi mutio aceito, como eu tava falando, porque... na verdade, antes era uma marca definitiva. Hoje em dia é muito mais **uma marca temporária**. Né? [...] Então, eu acho que é isso, né? **Faz parte dessa geração como uma moda**. Então, é isso aí. Eu tava na hora certa, no lugar certo quando e comecei a exercer esse trabalho. [...] Perante essa sociedade atual, moderna, **é tudo cíclico**, né? Tem partes que tem uma procura, uma demanda maior, tem partes que neutraliza, como criatividade. **Tem hora que tem uma busca frenética**, tem hora que tem uma calma, assim... (André Meyer, p. 110, grifos nossos).

Teve uma época da minha vida que eu fiquei com uma grande questão. **‘Será que esse piercing vai durar até quando?’** Meus familiares já falavam... **Pessoas mais velhas já falavam: ‘Isso é uma moda, daqui a pouco passa.’. é verdade, eles estavam certos. Hoje em dia é moda, é comum. Antes era uma coisa que despertava, realmente, interesse... diferenciava uma pessoa da outra.** Hoje em dia tá estampado na nossa cara aí! Todo mundo usa, todo mundo tem, em todas as classes sociais. Não são só mais os modernos, né? Então, é.... **Esse negócio do temporal vai bem pra essa geração**, né? (André Meyer, p. 115, grifos nossos).

É importante lembrar também o alerta que nos traz Castiel (2007) que o autocuidado, na perspectiva da governamentalidade, pode operar também

como uma estratégia de assujeitamento, tornando os indivíduos pessoalmente responsáveis pela gestão de riscos socialmente gerados¹⁶, conforme vemos atualmente com o uso da *qualidade de vida* e do *estilo de vida* para esse fim:

é necessário um corpo apto, delgado, atraente de vários modos, não só com beleza física, mas também desfilando sinais indicativos de disponibilidade e abertura a experiências (como indicam certas marcas corporais - tatuagens , *piercings*). Corpos capazes, sobretudo, de dar conta do máximo de opções e possibilidades que se descortinam nos extensos e variados menus de atividades cotidianas, oferecidos para além das alternativas gastronômicas. Para isto, cabe a realização de 'sacrifícios auto-infligidos' (*idem*, p. 62).

4.3. Técnicas de si, normatividade e diferença

Ao tomarmos as práticas de modificações corporais como técnicas de si, em que a experiência ética se coloca, inovando as formas de subjetivação, podemos pensá-las como práticas que possibilitam a criação de novas normas, práticas que se instauram no campo da vida e da saúde, tal como pensada por Canguilhem (1990). Para o autor, normatividade é a capacidade de instituir normas:

[...] a limitação forçada de um ser humano a uma condição única e invariável é considerada pejorativamente, em referência ao ideal humano normal que é a adaptação possível e voluntária a todas as condições imagináveis. [...] O homem normal é o homem normativo, o ser capaz de instituir novas normas, mesmo orgânicas (p.109)¹⁷

¹⁶ Possíveis desdobramentos dessa pesquisa, certamente, precisarão dialogar mais precisamente com a discussão de risco de Beck (1993) e com as produções do Núcleo de Práticas Discursivas de Produção de Sentidos – PUC.

¹⁷ Trabalhando sobre as ciências da vida, o autor problematiza os conceitos de norma, patologia e saúde, pois os viventes comportam irregularidades, no sentido positivo das diferenças. É impossível constituir uma ciência do vivente (a biologia e a medicina) sem que se leve em conta –como essencial a seu objeto- a possibilidade da doença, da morte, da monstruosidade, da anomalia e do erro. A vida é atividade normativa e a “boa saúde” se dá quando o homem se sente mais do que normal, isto é, não apenas adaptado ao meio e às suas exigências, mas também normativo, capaz de seguir/criar novas normas de vida.

Desse ponto de vista, as práticas de modificações corporais podem ser olhadas como produtoras de vetores de subjetivação: produzem sujeitos normativos, ou seja, que criam novos padrões para si.

A ênfase dada à diferença como exercício de liberdade também parece relacionar-se com a ativação da potência de normatividade, como vemos em alguns trechos das entrevistas:

Hoje em dia eu posso dizer pra você, com toda exatidão que, eu tenho o doce prazer em ser diferente. Porque eu conquistei minha liberdade. E isso tem um pouco de política. **Porque o sistema em si, ele faz desenho do que você tem que ser.** Escravo do dinheiro, escravo do relógio. Assim, não que eu tenha... Não que eu esteja sendo aqui extremista, não. Eu hoje em dia por dizer pra você que eu trabalho há 10 anos, virado de costas, com todo o preconceito conhecido [...] **pra mim o prazer de ser diferente é o prazer de você poder ser você mesmo, de repente.** Tem um dizer que eu achei muito legal: “nada mais igual do que um bando de diferentes”. Então, quer dizer, a gente só vê um bando de diferentes juntos em convenção de tatuagem. Mas aí, **o que é que é ser diferente?** (Snoopy, p. 108)

[...] todo mundo tem um rótulo diferente, todos nós somos rótulos diferentes. Então... sei lá. É muita igualdade de todo mundo, **um fato igual, que todo mundo tem, é o fato de ser diferente mesmo,** né? É a única coisa em comum que todo mundo vai ter. Não tem como ter duas pessoas iguais, nem gêmeos. Então, é por isso que eu não gosto de falar ‘ ah, você é diferente’. **Tá, não sou igual a você mesmo!** (Rafa Mendes, p.133)

Eu acho que a gente tem que respeitar. Isso é o mais importante que a gente aprende. **Que nós somos todos diferentes e que a gente tem que respeitar o próximo** independente dele ter a língua cortada ou... daqui a pouco um implante do terceiro olho na testa, enfim... Ou um deficiente físico, ou uma pessoa extremamente bela, entendeu? Então é isso. As **diferenças que nós vivemos, que temperam a vida** (André Meyer, p.117).

Ortega (2003) acredita que nas práticas de bioascese não há lugar para a distinção entre corpo e *self*. Há, então, uma exterioridade do psiquismo, uma somatização. Assim, o autor compreende

as atividades de bodybuilding, as tatuagens, piercings, transplantes, próteses, clonagem, e até mesmo a última moda das amputações corporais (body modifications), como esforços de dar uma marca pessoal, uma configuração própria e individual ao corpo, uma singularidade que se define mais corporalmente do que psiquicamente (p.62)

Para ele, em tais práticas de bioascese há um desejo de adaptar-se à norma, uniformizar-se, constituir modos de existência “conformistas e egoístas”, tendo em vista apenas a busca da saúde e de um corpo perfeito.

Entretanto, observamos nas práticas profissionais de modificações corporais uma prática afirmativa, de cuidado com o corpo do outro. Um cuidado que não está necessariamente sob a égide das normas, que passam mais por uma ética, uma clínica. Nesse sentido, as práticas profissionais de modificações corporais parecem se aproximar mais das práticas de ascese, que implica um processo de subjetivação, “expressão da vontade de singularização, de estilo, de separação, de alteridade, de constituição de formas alternativas de sociabilidade” (p.71).

As práticas de modificações corporais, nesse caso se aproximam mais de uma reivindicação de criatividade e expressão de novas formas de vida como também nos sugere Soares Neto (2004), uma vez que se tratam de ações voluntárias sobre o próprio corpo, questionando os cânones de saúde que associam tradicionalmente “estranheza, radicalidade e perturbação mental”. Não se trata somente de ações individuais, pois, enquanto problema “de organização da existência”, a subjetivação remete à ética e à questão do poder, pois diz respeito tanto às relações dos indivíduos consigo mesmos, quanto ao campo das relações entre os indivíduos. E ainda implica a “responsabilidade com respeito às verdades que enunciemos, às estratégias políticas no interior das quais essas verdades se inserem, e responsabilidade com respeito às relações que estabelecemos conosco

mesmos e que nos fazem nos conformar com as configurações existentes ou resistir a elas” (Fonseca, M. A. 2002, p. 285).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo definimos o campo de problematizações, a partir do conteúdo das entrevistas realizadas, numa articulação de dois elementos principais: 1) a biossegurança, enquanto dispositivo de segurança da vida, suas implicações e articulações com as práticas profissionais de modificações corporais e 2) uma ética exercida através do cuidado e o respeito com o corpo, que nos levou a uma aproximação com a prática clínica, produtora de vetores de subjetivação.

Em síntese, podemos dizer que conforme analisados os conteúdos das entrevistas, as práticas profissionais de modificações corporais revestem-se de duas vias de cuidado. A primeira busca assegurar a vida através de dispositivos do biopoder, isto é, o domínio das técnicas que incidem sob o corpo, bem como uma articulação com disciplinas da área da saúde (nesse caso, a vigilância sanitária, a medicina). Assim, o cuidado é voltado ao corpo orgânico, um cuidado que busca legitimar a profissionalização das práticas de modificações corporais. A segunda via de cuidado parece se efetivar enquanto prática clínica, ou seja, uma prática que busca produzir modos de subjetivação, uma ascese. Há nesse caso, tecnologias de si, conforme aponta Foucault. “Formular a existência de tecnologias de si é enunciar, ao mesmo tempo, que a subjetividade não é nem um dado nem tampouco um ponto de partida, mas algo da ordem da produção. A subjetividade não estaria na origem, como uma invariante encarada de maneira naturalista, mas como ponto de chegada de um processo complexo” (BIRMAN, 2003, p.80).

Sabemos, entretanto, não ter encerrado todas as questões que mobilizaram a realização dessa pesquisa. Ao contrário, abriram-se algumas

possibilidades para investigações futuras. Uma delas se apresenta através da nossa escolha em entrevistar profissionais do campo de modificações corporais. A dimensão clínica apareceu como um modo que merece desdobramentos, no sentido de que tais práticas estão ancoradas em uma ética, que possibilitam um exercício de liberdade.

Apontamos também certa fragilidade em nosso instrumento de pesquisa, no caso a utilização de imagens e frases durante a entrevista. A utilização das imagens pareceu apenas confirmar os conteúdos abordados na etapa discursiva da entrevista. Com relação ao uso das frases, o instrumento possibilitou a abordagem de temas específicos, no caso: diferença, preconceito. Entretanto, percebemos uma potência do instrumento com os não adeptos às modificações corporais durante a fase de elaboração. O instrumento pareceu possibilitar uma abertura ao imaginário social acerca das modificações corporais. Importante lembrar que a construção de nosso dispositivo se deu quando ainda não havia sido feita a escolha em trabalhar com os profissionais das práticas de modificação corporal. Assim, em nossa análise o instrumento não foi utilizado amplamente, não sendo possível avaliá-lo e experimentá-lo amplamente.

Uma outra forma de avançarmos nas reflexões sobre o nosso objeto de pesquisa é investigar o lugar da dor nas práticas de modificações corporais. As dimensões de controle da dor, a relação com as sensações e as superações, parecem indicar a existência de um cuidado com a dor.

Por fim, pensamos que nas práticas profissionais de modificações corporais há uma implicação da responsabilidade que possibilita a criação de novos padrões para si, ou seja, há espaço para a liberdade para o exercício de um poder sobre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Adriano Amaral de. A psiquiatria no divã: entre as ciências da vida e a medicalização da existência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ALMEIDA, Anna Beatriz e ALBUQUERQUE, Marli Brito M. de. *Biossegurança: um enfoque histórico através da história oral*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 2000, vol.7, n. 1, ISSN 0104-5970.

BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de análise institucional e outras correntes. Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992.

BRASIL. *Projeto de lei nº2104*, de 2007. Da regulamentação da Atividade da Tatuagem e Piercing no País. Disponível em: <<http://www.setap-sp.com.br/>>. Acesso em:15 mar. 2007.

_____. *Projeto de lei nº7703*, de 2006. Dispõe do exercício da medicina. Disponível em: < <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/432204.pdf>>. Acesso em:15 mar. 2007.

BIRMAN, Joel. *Entre o cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BRAZ, Camilo Albuquerque. *Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

BRUNA, Denis. Piercing: sur les traces d'une infamie médiévale. Paris: Textuel, 2001. In: COSTA, Ana. *Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CASTIEL, Luis David e DIAZ, Carlos Alvarez-Dardet. A saúde persecutória: os limites da responsabilidade. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COSTA, Ana. *Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CLARKE, A.; FISHMAN, J.; FOSKET, J.; MAMO, L.; SHIM, J. Technosciences et nouvelle biomédicalization: racines occidentales, rhizomes mondiaux. *Sciences Sociales et Santé*, vol 18, n2, juin 2000. In: AGUIAR, Adriano Amaral de. *A psiquiatria no divã: entre as ciências da vida e a medicalização da existência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

CUNHA, Eduardo Leal. Um olhar sobre as modificações corporais. In: PLASTINO, Carlos Alberto(org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 2002.

EIZIRIK, Marisa Faermann. *Michel Foucault: um pensador do presente*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2005.

FONSECA, Andréa Lissett Perez. *Tatuar e ser tatuado: etnografia da prática contemporânea da tatuagem*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de pós-graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2003.

FONSECA, Marcio Alves. *Michel Foucault e o direito*. São Paulo, Max Limonad: 2002

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006.

_____. Verdade, poder, self. In: EIZIRIK, Marisa Faermann. *Michel Foucault: um pensador do presente*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2001.

_____. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Resumos dos cursos do Collège de France: 1970-1982*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990.

_____. *Tecnologías del yo*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1990.

FRANGE, Cristina Mattos Pereira. *Escrever na carne: as modificações corporais como forma de inclusão social e comunicação*. Dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

GALINDO, Dolores Cristina Gomes. *Ilustrar, modificar, manipular: arte como questão de segurança da vida*. Tese de doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

GIL, José. *No pain, no gain: o corpo mutante do body-piercing*. In: *Cadernos de Subjetividade*, v.5, n.2. São Paulo: Educ, 1997.

JAPPE, Anselm. Guy Debord. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. In: COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

KEMP, Kênia. *Corpo modificado, corpo livre?* São Paulo: Ed. Paulus, 2005.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LASH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

_____. L'incision dans la chair: marques et douleurs pour exister. Quasimodo. Nº 7 modifications corporelles, 1999. In: GALINDO, Dolores Cristina Gomes. *Ilustrar, modificar, manipular: arte como questão de segurança da vida*. Tese de doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

ORTEGA, Francisco. *Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades*. Cadernos de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro 11(1):59 -77, 2003.<http://www.nesc.ufri.br/cadernos/2003_1/2003_1%20FOrtega.pdf> Acesso em: 19 dez. 2007.

PAULON, Simone Mainieri. Clínica ampliada: que(m) demanda ampliações? In: FONSECA, Tânia Mara Galli e ENGELMAN, Selda (org.). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PERLONGHER, Nestor. *Os devires minoritários*. Folha de São Paulo. 1 de junho de 1986. p. 5-7.

PINHEIRO, Odete de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000. p.183-214.

PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

RAMOS, Cecília Maria Antonacci. *Teorias da tatuagem: corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tatoo da Pedra*. Florianópolis: UDESC, 2001.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, José Ricardo. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

RODRIGUES, Apoenan. *Tatuagens: Dor. Prazer. Moda. E muita vaidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome/Mostarda Editora, 2006.

SÃO PAULO (Município). Secretaria de Estado de Saúde da São Paulo, Portaria nº 12, de 30 de julho de 1999. Disponível em: <<http://www.setap-sp.com.br/>>. Acesso em:15 mar. 2007.

SÃO PAULO (Estado). Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, Lei nº9828 de 6 de novembro de 1997. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/porta/site/Internet/BuscaDdiLei?vgnextoid=82ea0b9198067110VgnVCM100000590014acRCRD&texto=>>> Acesso em: 15 mar. 2007.

SOARES, Carmen. (org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007.

SOARES NETO, José Fernando. *A saúde modificada: criatividade, espontaneidade e satisfação na experiência corporal contemporânea*. Tese de doutorado. Instituto de Medicina Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

SPINK, Mary Jane Paris. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.

SPINK, Mary Jane Paris e LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000. p.93-122.

SPINK, Mary Jane Paris e FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000. p.17-39.

SPINK, Mary Jane Paris e MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000. p.63-92.

SPINK, Peter K. Pesquisa de campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*. 15, (2), p. 18-42; jul/dez. 2003.

ANEXOS

ANEXO A – Modelo de termo de consentimento informado

CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO EM ENTREVISTA

O objetivo da pesquisa “Modificações corporais: os sentidos do corpo” é mapear os sentidos atribuídos ao corpo pelos adeptos às modificações corporais extremas ou radicais. Para a consecução deste objetivo realizaremos entrevistas com adeptos/as às modificações corporais e/ou profissionais da área.

A entrevista será gravada de modo a facilitar o registro das informações e para isto é necessário ter seu consentimento explícito, sendo este um procedimento normal dentro dos padrões de ética em pesquisa. O meu compromisso em relação ao uso desta gravação é:

1. que sua voz não será, em hipótese alguma, utilizada nos meios de comunicação;
2. que as informações obtidas serão utilizadas somente para fins desta pesquisa, como dado complementar para consecução dos objetivos delineados acima;
3. que a análise dos dados obtidos através da entrevista estarão disponíveis para o/a participante da pesquisa.
4. que sua participação é totalmente voluntária e que, durante a realização da entrevista, você poderá interrompê-la no momento em que desejar sem ser em nada prejudicado/a.

Caso concorde com os termos propostos, solicito sua assinatura neste documento.

Nome: _____

Assinatura do/a participante

RG: _____

TERMO DE COMPROMISSO

Eu, Letícia Souto Ribeiro de França, pesquisadora principal desta atividade de pesquisa, comprometo-me a utilizar as informações fornecidas na entrevista obedecendo aos termos do presente Consentimento Informado.

Pesquisadora

RG: 5542865 – SSP/PE

Contatos: (11) 8197-6007

leticiasouto07@hotmail.com

ANEXO B – Transcrição da entrevista com Ronaldo Sampaio

Entrevista - Snoopy

Data: 28 de Junho de 2007

Iniciei a entrevista falando sobre os objetivos da pesquisa e pedindo que o Snoopy me falasse sobre sua prática enquanto profissional e adepto às modificações corporais.

Snoopy- A procura maior por esse tipo de trabalho, são pessoas já do meio. Ou seja, é muito difícil uma pessoa chegar, um cliente de porta. Geralmente é muito difícil chegar um cliente de porta e falar “eu quero fazer uma escarificação, quero fazer um implante, quero fazer um transdermal ou uma suspensão”, entendeu? Então, esse tipo de trabalho é mais focado pro pessoal do meio, entendeu? Porém, às vezes acontece de chegar um e falar “pow, eu quero fazer”. Por quê? Porque já viajou, tem conhecimento. Porque hoje em dia a gente fala... Você nem precisa desse lance de viajar pra adquirir conhecimento a nível desse tipo de cultura, né? Porque você tem a internet, a globalização faz isso e muito mais. Então é isso. Eu tenho algumas coisas pra mostrar pra você (Ele pega um livro). Esse aqui é um livro que não é vendido aqui no país, tá? É direcionado à modificação mesmo, corporal. Fala direitinho sobre suspensão...

Letícia: Tu acreditas que a suspensão tá no mesmo nível de um implante...

Snoopy: Não, não, não. Eu caracterizo, até por ser um trabalho subcutâneo, mais leve, entendeu? O implante ele já é um trabalho interno. Quer dizer, a pessoa vai fazer o que primeiro? A pessoa vai fazer uma incisão pra fazer a aplicação. Geralmente, são usados não anestésicos intradérmicos, e sim tópicos, entendeu? Pra fazer esse tipo de intervenção. Mesmo porque a pessoa pode vir a ter algum choque anafilático, algum mal súbito por causa do anestésico.

Letícia: Certo.

Snoopy: E outra: anestesia é pra médico! Já muda de coisa... Os materiais usados geralmente pra implantes são variados. Então a gente tem o PTFE, que é o politetrafluoretileno, mais conhecido como bioplástico. Esse produto... Esse... Produto, na América, na América e na Europa, ele líquido, já tá sendo usado como substituto do plasma sanguíneo. E lá fora também eles estão usando o... Sabe o (xxxxx)? Que você tem no carro, normalmente? Eles introduzem um microchip, dentro do PTFE e embute nas pessoas também. É uma forma de você ter como... Vai, se a pessoa for seqüestrada, por via satélite você busca ela. Nova tecnologia, entendeu? Mas de início, são esses materiais, o PTFE e o silicone. Só que o silicone usado na implantação é um silicone que eles usam... A medicina usa, geralmente, pra fazer a reconstituição no caso da narina, da cartilagem, entendeu? É um silicone próprio pra implante. Esse material mesmo de implante, no caso, o PTFE, ele veio... Quando ele surgiu, ele veio com o nome TEFLON, isso em meados de 1997 pra 1998. Porque assim, o mentor dessa técnica, chama-se Steve Halrd. Ele é de São Francisco, Califórnia. O pai dele, geralmente, trabalha até hoje com hospitais. Então

ele fazia o coração mecânico, válvulas, essas coisas, tudo à base de PTFE. Aí, o que ele começou a fazer? Ele começou a trazer esse material em forma de adorno, pra fazer o quê? Um relevo 3d. Então foi daí que começou a surgir o implante.

Aí, em 2001 eu tive a... Aqui no Brasil, eu tive a visita de um dos melhores, que é mundial, o Lucas , não se você conhece, se já chegou nessa parte. É um francês. E eu fiz workshop com ele, tudo direitinho, tal... certinho. Foi uma puta experiência legal, o cara veio com muita informação... Ou seja, a gente fora a informação, que eu posso tá absorvendo via internet, a gente tem um intercâmbio muito forte, entendeu? Agora mesmo, no final agora de julho, vai rolar em Toronto, Canadá, um Modcom. Eu fui o único brasileiro convidado a participar. Mas não porquê... Porque foi eu o primeiro a focar. Porque quem começou com essas coisas aqui no país, foi eu e o André Fernandes.

Letícia: André Fernandes.

Snoopy: Que é da Tattoo You. Ele mesmo. Porque antes de vir o Lucas, esse pessoal, o André ele já tinha... Na época que eu fiz o curso com ele, ele já tava indo pra esse lado da implantação. E eu curioso, como todo curioso que trabalha... Que nem no meu caso: eu não fiz porque eu queria ser diferente de ninguém. Eu fiz porque eu queria conhecer a técnica pra eu poder falar sobre. E estudar piercing, porque também é uma cultura que é aquela coisa que a gente sabe: médico tem o conhecimento fisiológico e biológico do corpo. Só que piercing foge. É totalmente outra técnica. Quer dizer, não adiante o cara ser formado em Medicina, ou ser um enfermeiro. Porque se ele não tiver o conhecimento de como funciona as técnicas de piercing, ou até as técnicas de modificação, ele acaba até machucando mesmo. Mesmo ele tendo conhecimento.

Letícia: Sim.

Snoopy: Então a coisa veio mesmo por esse lado. Fora difundido, que nem eu te falei. O cara veio, deu aquele 'bum' no país... E aí o que acontece? Hoje, atualmente, o André Fernandes ele não trabalha mais com piercing, no caso, com modificação também. Porque agora ele é dono de um bar. Eu, no começo, fiz. Tive experiências, fui implantado, meu braço tinha 10 esferas. Só que na realidade, não eram esferas inteiras, então quer dizer, era um terço delas. Por que? Porque por baixo, eu não posso ter nenhum atrito em baixo... (Carlinhos-presidente do sindicato-entra na sala)

Aí, veio surgindo. Em 2001, também, veio aquela coisa de suspensão humana, entendeu? Aí, o que aconteceu? Eu já tava trabalhando com piercing desde 1997. Aí comecei a estudar sobre. Quer dizer, nessa época, você não tinha tanto acesso à internet sobre. Então eu tive que importar muitos livros, entendeu? Trazer muita coisa. E é aquela coisa, muitas vezes dificuldades até de falar inglês, hoje não (risos). Mas na época... Então o que acontece? Tipo, meu... Muito tradutor, varava a noite... Por gostar e por querer conhecer a cultura, o que levava uma pessoa a ser suspensão? Aí foi que eu descobri que o lance mesmo da suspensão é... ela é originária dos índios silks. Isso em 1840, teve um relato de um francês. E trouxe pro ocidente o que rolava com os índios silks. Pra quê que era feita a suspensão humana? No caso, a suspensão humana tem várias. Tem o frontal, que é o geralmente usado pelos silks, né? Como forma de um pagamento de promessas. Tipo, a pessoa sobe uma escada... Uma pessoa é devota de Nossa Senhora

Aparecida, sobre uma escada de 1100 degraus, um exemplo. Então, pra pagar uma promessa, que ela...

Letícia: Alcançou uma graça...

Snoopy: Alcançou! Perfeito. A mesma coisa é o índio. Só que em 1840, isso, essa versão que eu tô te falando, essa versão ela tá em livros... Atualmente, da forma como eu tô te falando aqui. Só que eu fui a fundo. Então eu descobri livros, como: Modern Primitives, você já deve ter ouvido falar.

Letícia: Hum-rum.

Snoopy: Entre o Pagan fashion work que também é do Steve... E aí você começa a entrar na coisa... e ver um lance muito mais anterior. É a hora que você vai vendo que pra um índio se tornar um guerreiro, ele não passa que nem aqui, num quartel, todo um treinamento... Ele teria que ser suspenso. Então, geralmente a suspensão era feita... Esse índio não ficava, tipo.. horas. Vai, 30 minutos ou 2, 3, 10 horas. Ele ficava dois dias! Então, quer dizer, nas festividades eles desciam, se alimentavam e subiam de novo. Então, isso é uma cultura deles. Então, quer dizer, na realidade, eu entendo a suspensão hoje como uma superação. Por que? Porque hoje em dia você, que nem no caso da suspensão, você olha e diz: meu, eu tô brigando com meu próprio instinto. Entendeu? Então, a superação que eu falo não é simplesmente cravar os ganchos. Tem todo um preparo, desde a assepsia de pele, pra você não jogar nenhuma bactéria pra dentro; as medições corretas pra fazer a passagem da agulha, onde vai ser introduzido. Então, quer dizer, tem todo um cuidado. Porém, como isso chegou e está difundido no mundo inteiro, a suspensão, várias pessoas também se metem a fazer isso, entendeu? Então, graças a Deus aqui no Brasil, a gente ainda não teve nenhum problema com óbito, no nível de suspensão, por causa de um curioso. Ou a nível, até mesmo, implantação por causa de um curioso. Como já aconteceu no piercing básico, uma garota de... Acho que se eu não me engano....

Letícia: 13 anos...

Snoopy: Isso, 13 anos. Eu fiz até uma matéria pro Fantástico, "Piercing: moda perigosa", essa matéria foi comigo. Então, o que é que acontecia? A garota foi... A gente tem uma lei aqui em São Paulo que é proibida a aplicação de piercings em menores... Então, quer dizer, o Campos Machado fez a lei, só que automaticamente, os órgãos fiscalizadores, acabaram fazendo o quê? Acabaram pecando. Por quê? Não fiscalizam. Tudo o que você tá vendo aqui, que você vai até ver nas demais salas, o policiamento é nosso.

Letícia: Certo...

Snoopy: O que eu não quero pra os meus filhos, eu não quero pra os filhos dos outros. E é aquela coisa: é... que nem to te falando, hoje em dia tem muito mais loja, do que pessoas pra perfurar. Essa é a grande verdade. Então, o que acontece? Pessoas como eu, que já trabalham há 10 anos com isso, acaba ejetado por pessoas que começaram e não têm o mínimo conhecimento, o mínimo embasamento técnico, ou qualquer conhecimento na área de saúde... O que eu cobro R\$80,00, essa pessoa cobra R\$25,00. o brasileiro ele tem a cultura do mais

barato mesmo. Então, nessa é o que sai caro. Muitas vezes não é nem um óbito, mas uma infecção, né? Uma série de outras coisas. O complicado é isso. A gente teria que ter um controle hoje em dia, bem maior. Um controle do quê? Até aonde o cidadão pode ir? Pra começar. Que nem eu te falei, eu tô há 10 anos, do meu primeiro ao quarto ano com piercing, tudo pra mim era novo. Eu queria conhecer tudo. Mas você também amadurece dentro da profissão, por quê? Por causa de família. Eu sou casado, também há 10 anos. Tenho 2 filhos... Então você já começa a pensar em como podar, não incentivar seu filho... Mas em como podar. Mas ao mesmo tempo educar. Não tem como falar: não bebe dessa água, que não presta. Por que isso aí também pode fazer: ah, se ele bebeu e tá aqui, por que ele tá falando pra eu não beber? Então, eu acho que a coisa vai muito mais além... Pra mim, hoje em dia, eu me sinto um cara muito mais maduro e mais consciente dentro do que eu faço. Então isso daí me deu opção pra falar 'sim' pra algumas coisas e 'não' pra as outras. Por que? Porque é um mercado que eu tô vendo... que nem o caso da suspensão, tranquilo ainda. As pessoas que estão fazendo, pelo menos no Brasil, então como são poucos, tem como você saber quem tá fazendo isso, o nível de conhecimento que a pessoa tem. E até então, isso também não é uma coisa de outro mundo. Se você reparar bem, o fakir, no mundo inteiro, né?

Letícia: Hum-rum...

Snoopy: ... Engolindo espada, deitando em cama de prego... Então, quer dizer, as pessoas que estão se propondo a fazer isso, são pessoas que estão levando as coisas pra esse segmento. Então não vem somente o ato de perfurar. Vem toda uma cena teatral, toda uma ideologia... Porque é aquela coisa: você pega uma pessoa que nunca viu isso na vida? Ou uma, ou uma centena delas? E de repente ela se defronta com uma coisa dessas? Ela vai entrar em choque! Mal súbito, pressão baixa, alguma coisa acontece. Agora, quando a pessoa já tá preparada pra o que ela vai ver, que ela sabe o que ela vai ver... e a pessoa que está se predispondo a fazer isso, e a outra a sofrer isso.. quer dizer, tem a consciência disso, então, fica uma coisa mais fácil de você passar pro público. De uma forma tipo: 'olha, você tá vendo isso mas são pessoas qualificadas para estarem se prestando e fazendo esse tipo de apresentação'. Como: 'não tentem isso', que é o que acontece. Porque, geralmente, você vê muito aí, a molecada... tá no ápice da coisa. Tá se machucando sozinha. Ou então, a algum outro amigo. Então, aí é que tá o perigo de tudo isso... Pode perguntar!(risos)

Letícia: Eu vou te perguntar! Você já falou que teve implantes, e hoje você não tem mais...

Snoopy: Não, eu não tenho mais. Eu não tirei porque deu problema, ou infeccionou, nem nada. Foi como eu te falei, mediante a profissão mesmo, você vai amadurecendo com isso. Eu já cheguei a me olhar porque... isso daí eu tô te falando até uma visão minha. Eu trabalhava muito com mãe e filha. Então, quer dizer, mesmo eu sendo um dos pioneiros... Eu comecei a sentir o quê? Meu, é muita informação pra uma pessoa mais velha. De repente, uma pessoa mais nova, ela tendo a informação que ela tem, ela pode enxergar isso e aceitar. Mas uma pessoa mais velha, não. Tantas pessoas com hemodiálise... com uma série de coisas, querendo remover... e o outro criando uma diferenciação. Porém, é nessa parte que a coisa começa, entendeu? Que cê fala, diferenciação. Então, quer dizer,

geralmente quem me procura pra fazer, no caso scar, como eu te falei, são pessoas que já têm trabalho corporal, ou seja, tattoo, piercing, implante... Ou então, quer dizer, eu não tenho como te dar uma base certa do que a pessoa procura, entendeu? Porque na realidade, todas elas dizem a mesma coisa: 'eu quero fazer porque eu gosto. Porque eu me identifiquei com a arte. Não por querer ser diferente dos demais da sociedade'. De repente, no fundo, no fundo pode ser até isso. Porque o meu questionário, ele vem do quê? Dados pessoais, dados clínicos, né? Eu tenho um questionário para isso. Eu não invado a vida pessoa: "como é você em casa com sua mãe, com seu pai..." mesmo porque esse tipo de trabalho quem procura... é muito difícil você pegar uma pessoa, por exemplo, de 18 anos. Geralmente a faixa etária disso varia de 22 a 30 anos. É um público...

Letícia: Mais maduro...

Snoopy: Geralmente uma pessoa que se pressupõe a sofrer um processo de implante ou até mesmo escarificação, é uma pessoa que ela já tá... Geralmente, as que me procuram, né? Eu não posso generalizar... Mas é uma pessoa já estabilizada. Ou que tem o seu estúdio, ou que tem a sua loja, entendeu? Não no mesmo segmento... Ou CD, ou roupa, ou carro. Isso é que é interessante, esse mercado, porque é relativo. Eu não tenho um público só. Eu trabalho com uma faixa etária, hoje, de 18 a 56 anos. A pessoa... que eu coloquei semana passada, tinha 62. Então, quer dizer, você... A gente sofreu muito aqui no início com o próprio preconceito... não só da sociedade, quanto da própria medicina, certo? O que é que acontece? É cultural do brasileiro: o que ele desconhece, ele abomina. Ele não vai procurar entender. Então, o entendimento pode até vir... por via de você mesma, entendeu? De levar esse tipo de informação aos demais. Tanto acadêmicos, quanto não acadêmicos... Então as coisas eu creio que aconteçam por aí. E a internet também, né? Hoje em dia, rola bastante.

Mas é isso, Letícia. É aquela coisa, assim... Eu conheci um rapaz, isso... ele era do Sul. Na época ele devia ter uns 23 anos. E... o que aconteceu? Esse rapaz... em 2003, por aí. Foi. Ele... Meu, tinha muita tattoo, tal... No entanto, a única pessoa que eu conheci complexada nesse meio... Complexada, que eu falo assim, algumas desavenças com família, algo do tipo assim... foi ele. Que veio a falecer. Não por erro, nem de nada. Ele mesmo acabou se matando. O pai, um político, entendeu? Eu acho que assim... de repente a educação que esse pai deu, de repente por ser ausente pela vida política, essas coisas... eu acho que abalou um pouco a pessoa. No caso, esse rapaz que veio a falecer. Nada a ver com isso! Cê vê que a pessoa já tinha um problema... dele. Ele fazia as coisas... Pelo que eu entendi, depois do óbito... eu não sou nenhum psicólogo, nenhum psicanalista, mas não precisa ser! Pra você entender que essa pessoa fazia o que fazia pra se defrontar mesmo com o pai. Eu acho que ele já não tinha a mãe, umas coisas assim.

Letícia: Uma história...

Snoopy: Atribulada mesmo! Entendeu?

Letícia: Entendi. Mas me diga aí, esse lance com a medicina. Porque quando tu falas: "anestesia é uma coisa pra médico". E aí, como é que fica esse campo, essa divisão?

Snoopy: Essa divisão, porque geralmente aqui, no caso do implante, eu posso te falar com exatidão. O implante é um trabalho subcutâneo. Então você tem: epiderme, derme e endoderme. Geralmente, o trabalho subcutâneo fica entre a epiderme e a derme, ele não chega a pegar tecido gorduroso. Então, quer dizer, é usada uma espátula, pra afastar o quê? A elastina, o colágeno e a gordura. Depois que você espatulou, você descolou todo o tecido pra depois você embutir a peça. Então, geralmente, pontos são poucos que dão. Geralmente é usado o ponto falso. Então, esse tipo de trabalho é feito dessa forma. a área onde foi feita a assepsia, o isolamento local... o isolamento local que eu me refiro é: eu vou fazer um braço, eu isolo toda a lateral dele, a paramentação certinha... Isso eu tô falando aqui no Brasil, quem tá fazendo!

Letícia: Tá...

Snoopy: Porque na Europa, e na América essa coisa... por eles serem os precursores, europeu e americano eles têm aquela coisa tipo... de não sentir, de não querer usar a paramentação, que é importantíssima.

Letícia: E é?

Snoopy: É. Tanto é, que agora eu tô até saindo. Da parte de tatuagem e piercing os nossos enfermeiros e os médicos são vistos como os melhores mundiais. Porque geralmente, tanto o americano, quanto o europeu eles são muito, são frios no tratamento com as pessoas. Então, automaticamente... cê sabe disso. Quanto mais você dá atenção, cuida direitinho, essa pessoa ela tem uma porcentagem de voltar até mais rápido, entendeu? A nível de um ferimento, de uma doença degenerativa, entendeu? Eu acho que tem aquela coisa de você fazer uma coisa por gostar e ser obrigado. Então é assim. Eu vejo a coisa por esse lado também.

Letícia: Certo... E os médicos, a Medicina em geral chega a afrontar a classe...

Snoopy: Não, não, não...

Letícia: ...como se não fosse o campo de vocês... Porque tem uma lógica que rege que o corpo só quem cuida é o pessoal da saúde... O médico, o enfermeiro...

Snoopy: Hoje a gente tá em 2007 e você vê que a Medicina está tentando se regulamentar hoje! Você ver quê... O que é ato médico? Aí é que começa a coisa. O que é ato médico? É a mesma coisa: O que é que proíbe uma pessoa de ir até uma casa de... Vou dizer até diretamente, uma casa cirúrgica e comprar um bisturi? Qual a legislação que fala: não, você não é médico, você não pode comprar. Ou anestesista: você não é anestesista, você não pode comprar. Então, eu acho que isso daí deveria haver normas para... 'Opa, você não é médico, enfermeiro, alguma coisa do gênero, então por que você vai comprar? Eu não vou te vender'. Mas essa não é a nossa realidade de mercado. Eu acho que também por falta... eu não posso nem culpar a Medicina, e nem culpo. Às vezes por falta da fiscalização da própria vigilância mesmo, isso acaba acontecendo, entendeu? Por isso que eu te falei: eu entrei nesse meio... na hora que eu fui, falei: 'não. Meu negócio é piercing

tradicional. Umbigo, nariz, supercílio. Isso é o que eu quero fazer pro resto da vida, porque foi com isso que eu me consagrei e é com isso que eu me sustento.

Esse tipo de coisa não dá dinheiro! Então, quer dizer... Esse é o lado... você acaba lidando com um pessoal que tem a vontade de ser diferente, e muita vezes não tem grana pra pagar isso. Então, o que acontece? Eles acabam caindo na mão de pessoas sem o mínimo respaldo mesmo. E aí vem a hora que... graças a Deus ainda não... Mas podem começar a se machucar. Sericamente, entendeu?

Então é esse apoio. No campo mesmo médico, meu... eu tenho muitos amigos médicos e pros caras é aquela coisa. Tem um juramento pela vida, né? Então, não. Se for pra causar alguma coisa, que nem no caso... uma plástica... Hoje em dia se a gente for parar pra pensar, quem são os primeiros Body Moders, que é o nome correto, foram os travestis! Que naquela tentativa de alterar o corpo, eu quero ter peito, eu quero ter mais bunda... Então quer dizer, como é que era feito isso? De qualquer forma. Silicone industrial, tinha necrose, uma série de problemas...

Letícia: Que até hoje rola, né?...

Snoopy: Até hoje! Hoje em dia, a preocupação do SETAP-SP, hoje, é principalmente essa. A gente preza o quê? A arte. Corporal. Eu não posso descaracterizar uma implantação como uma expressão artística também. Eu não posso falar: não é uma expressão artística. É. Mas é uma expressão que a gente tem aqui... Eu falo isso com experiência, embasamento que eu tive total acesso dentro disso... que não tem pessoas aptas aqui, pra tá fazendo esse tipo de coisa, entendeu? Aptas, o que é que eu falo: médicos. Porque você fala, um enfermeiro. Meu, se você for lá... Enfermeiro já diz: cuidar do enfermo, né? Quer dizer, ou o pessoal tá confundindo muito essa coisa, como não tem... no meu ver, como não tem um pessoal que fiscaliza, um órgão fiscalizando isso, a coisa vai continuar acontecendo. Que foi como eu te falei, essas pessoas que prestam esse tipo de serviço, atualmente, eles não prestam esse serviço em lojas de tatuagem ou piercing. Então, geralmente, você conhece ele dentro de um google, orkut, ou um site dele próprio, entendeu? Então ele vai te falar... ele vai te convidar pra você ir até onde ele mora, começa daí...

Letícia: a coisa é meio marginal...?

Snoopy: É! Falou tudo! Underground mesmo! É aquela coisa, se você é um profissional, você tem um endereço fixo. Foi a mesma coisa que eu te falei: eu tive mesmo contato com isso. Fiz. Trabalhei, fiz alguns trabalhos. Tive contato direto, sempre com um médico do meu lado, monitorando direitinho... Porque é aquela coisa, você tá lidando com vida. Tem que ter um respeito. Repito: o que eu não quero pra os meus filhos, eu não quero pra os dos outros. Então, por isso, eu como vice-presidente do Sindicato hoje, eu fui o primeiro a entrar barrando isso, desde 2005. Porque é uma coisa que eu tava vendo, assim, uma molecada... uma molecada que eu falo assim, pra mim, no modo de falar, assim... entre 20 a 22 anos, 23... que acha, que se acham aptos a tá fazendo isso, porque fez um curso de enfermagem, dois anos. Então, graças a Deus, uma coisa que a gente tem que tá levando em consideração, não só... É uma comunidade pequena. Quer dizer, não é um grupo difundido, estendido. Uma coisa grande que nem tá rolando com o piercing. Cê vê. A gente colocou um piercing, tatuagem, não só a classe que trabalha com tatuagem e piercing, mas o pessoal da enfermagem mesmo, da

psicologia... uma série de outras classes estão sendo afetadas com essa regulação médica. Cê vê, tatuagem e piercing. Vamos até colocar: simples nada. A gente fala: o quê que é simples no corpo humano? Nada! Cada organismo reage de uma forma! Então seria até da minha parte, hipocrisia falar: simples! Então quer dizer, cada organismo reage de uma forma. Então eu tenho que trabalhar dentro de cada pessoa. Pra ter conhecimento adquirido. Então, agora, eu vou começar a prestar vestibular, faculdade mesmo... Tô querendo entrar mais na área da dermatologia mesmo pra dar uma seqüência legal. Mas não implantação. Piercing mesmo que é um respaldo maior, que é o que eu tô fazendo.

Letícia: E... Outra coisa, como foi a criação do Sindicato? Que necessidades?...

Snoopy: Então, o que foi acontecendo foi o seguinte: teve aquela coisa... teve uma lei de 1997 do Campos Machado proibindo a tatuagem e piercing em menores de idade, que foi... particularmente, eu não sou contra. Se realmente houvesse um órgão fiscalizador, pôxa, isso ia ser maravilhoso, entendeu? E o quê que aconteceu? Nós... a gente tem um conhecimento adquirido da prática, do piercing, entendeu? Acabamos ejetados e os grandes shoppings... Entendeu? Porque hoje em dia, você leva, um exemplo, uma sobrinha... eu não sei se você tem filha... Uma sobrinha, ou uma parente sua... Ou o seu amigo leva a filha dele ali dentro de um shopping... Eu não tô falando só de São Paulo, eu tô falando de todas as cidades do Brasil. Então, quer dizer, você chega num lugar que tem segurança, bombeiro... Quer dizer, você pensa: eu tô num lugar...

Letícia: Seguro...

Snoopy: Primeira: idôneo. Um lugar idôneo. Então você entra num lugar desses, só que meu... são verdadeiros abatedouros! Porque assim, eu trabalho muito com workshop de piercing. São pessoas que já trabalharam com piercing e tal e às vezes querem expandir e tal... Então, eu tenho conhecimento adquirido, pra passar o que eu adquiri dentro desses 10 anos. Muito mais do que qualquer faculdade aí. Então, o que acontece? Tipo... você escuta relatos. Relatos que chocam. Eu escutei o relato de uma garota da Vitória Régia, que é uma loja... Essa loja tem no Brasil inteiro, que ela usava o mesmo cateter o dia inteiro! Tipo, 20 pessoas! Só trocava de luva, quando a luva amarelava. E não quer dizer, mediante a isso, mediante essa lei do Campos Machado, mediante até mesmo à mídia, a opinião pública, até mesmo a saúde. Porque foi o que te falei, você vai e protocola uma denuncia na vigilância, a pessoa continua atendendo no mesmo lugar. A matéria que eu fiz pro Fantástico, então eles vieram na minha loja, dei todo o respaldo de como funcionava, monitorava o funcionamento da autoclave, porque tem muitas pessoas que acham... pegam o papel gral ali, vê a marca marrom e fala: não, tá estéril. Mas isso é uma grande inverdade! Pelo seguinte fato: a marca marrom, ela significa que passou vapor no papel gral, e não que ele tá estéril! Como é que eu tenho realmente uma noção de que tá estéril numa autoclave? Eu tenho que estar fazendo dois tipos de monitoramento: o clínico e o biológico. Entendeu? Por que? Então, isso são poucas pessoas que conhecem... Então a coisa vai muito além. Muitas vezes eu questiono... até o pessoal que me procurar... Meu, você extrairia um dente com uma pessoa que não tem um diploma? Que realmente fez um curso e tal? Então por que você aplica piercing em qualquer lugar? Na rua, em shopping, entendeu? Ah, mas eu vi lá placa: tatuagem e piercing! Então, quer dizer, muitas pessoas tão com placa e não sabem nem o que estão fazendo! O que acontece? Geralmente, a pessoa chega na loja: 'oi,

tudo bom'? não é cultura perguntar: 'posso ver os teus trabalhos? Você aprendeu a fazer com quem? Você tem alguma formação? É aculputurista, enfermeiro, o quê é que você é? Então, tem ainda esse tipo de cultura no Brasil. Porém, o mau do brasileiro, assim, no meu ver... é não usar os órgãos públicos. Que nem no caso, vai... Processo. Me deu um problema por causa de... vai e processa o cara. Não! No Brasil tem uma cultura de 'não, vou processar, vou gastar dinheiro, vai demorar', entendeu? Então isso daí também atrasa muito. Eu falo isso porque eu já tive vários contatos... Toronto, Costa Rica, Londres... E você acaba vendo que o pessoal de lá é mais exigente. E até a nível de metal mesmo. Na América você tem a (xxxxxx and drougs) que é um órgão que cuida diretamente dessas coisas, e na Europa você tem a (XXXXX) 56:45. Então, essas pessoas, o que é que elas fazem? Elas fazem um monitoramento do que é vendido nas lojas de piercing. Geralmente, todo metal usado no piercing é o mesmo metal usado na osteossíntese, eu não sei se você conhece... A pessoa que sofre uma fratura exposta, e vai fazer uma reconstituição... Os mesmos metais, os mesmos polímeros são usados, que é usado na osteossíntese, é usado também no piercing. Só que é aquela coisa: graças a Deus, por esse respaldo que a gente tem desses dois lugares, desses dois países que eu te falei, o americano e o europeu, que não chega porcaria pra nós. Entendeu? Porque senão a coisa ia ser pior ainda! Porque o que aconteceu? Em meados de 1999 para cá, o pessoal começou... Começou a acontecer muita fábrica de piercing aqui no país. Então, a gente sempre com o embasamento: 'olha, pra você abrir uma fábrica, você vai ter que ir lá no IPT, Instituto de Pesquisa Tecnológica, ou então, você vai ter que ir no IMETRO pra você laudar o seu metal, pra você poder oferecer uma jóia de acordo com o corpo, né? Hipoalérgica. Uma jóia certa, certo? Isso, vai... De 100%, 10% que vieram procurar a gente. Porque o que eu já cheguei a remover de piercing de umbigo?! Meu, piercing de aço de bicicleta! Então esse é que o grande problema, entendeu? O problema maior do piercing, hoje em dia, que eu vejo... Assim, no meu ver, é isso. É que assim, têm pessoas de boa índole fazendo isso. Como em toda área: têm bons médicos, têm maus médicos; têm bons policiais, têm maus policiais; bons governantes e uns lixos! Então, quer dizer, em toda área tem isso. Eu acho até mesmo que essa lei lá do ato médico, ela vai vir a ser útil também. Entendeu?

Letícia: Hum-rum.. Certo

Snoopy: Mesmo que assim, vá restringir... Mesmo que abra um artigo: "Parágrafo 4, inciso 2, abra um parênteses: exceto tatuagens e piercings". Legal! Mas isso a gente já tá correndo com a documentação. A gente já tá com poder mesmo, político! Deputados federais... Então, o SETAP-SP ele foi isso, a desenvoltura... a idéia do SETAP-SP realmente foi isso, viu Letícia? Fazer o quê? Se organizar, pra quê? Pra que se ocorrer alguma porcaria ali, falar: "opa, esse cara não tinha nada a ver com nós profissionais! Esse cara, é um cara que, meu... Resolveu, acordou e falou: eu vou começar a fazer tatuagem, vou começar a aplicar piercing e começou a fazer. Deu certo um, dois, três e agora eu". Porque o que acontece geralmente, Letícia, hoje em dia é: faz qualquer besteira? Entendeu? E relacionam o todo. É que nem na Medicina, entendeu? Só que a Medicina tem um Conselho Federal de Medicina e um Regional. Então, a nossa idéia é fazer a nossa entidade federativa e, em cada estado ter um conselho regional de tatuadores e pierciers. Então, quer dizer, são pessoas mais velhas no meio, entendeu? Isso lógico... O SETAP-SP mesmo oferece cursos com médicos, biomédicos, infectologistas... A gente já conseguiu dar esse

apoio pros nossos associados. Então o que é que acontece? Quando a pessoa não é associada... então ela... ela não é associada mas ela quer ter conhecimento, vocês abrem? Então, nós abrimos também. Só que ela não tem o privilégio de um associado, de pagar mais barato, aquela coisa... ela vai pagar um valor, um “xis” a mais ali, mas ela também vai poder obter, entendeu?

Conseguimos agora também com a ANVISA, que nem no caso dos pigmentos pra tatuagem, do Ministério da Saúde. Isso daí já é um grande avanço!

Letícia: É, um grande avanço!

Snoopy: Então, por que também? É aquela hora que você vê que o que acontece? A Medicina, eles eram os primeiros a nos atacar. Então quer dizer, quem não tem uma certificação e não sabe o que tá fazendo, eles podem atirar as pedras que eles quiserem, entendeu? Agora, antes de eu aplicar um piercing, um exemplo, no queixo, eu vou comparar primeiro a estrutura, a anatomia local, a espessura do lábio (lábio fino, lábio grosso), a espessura da chapa interna pra não acontecer retração. Então, quer dizer, eu não sou um leigo fazendo. Também não me considero tecnólogo, mais dez anos, pode falar...

Letícia: Prática, né?

Snoopy: Praticante e atuante. É a mesma coisa se for na língua! Se você puser uma jóia reta na língua, ela vai atrapalhar o palato superior e, possivelmente, daqui um ou dois anos, ela vai começar a bater no dente da frente e pode ter uma quebraçura dos dentes laterais. Enquanto que você pode fazer na diagonal a 45 graus e não causar nenhum mal ao palato superior e nenhuma quebraçura dos dentes. Então, tem todo um estudo aí. Daí você fala: “Pô Snoopy, como é que...?” Eu criei isso!

Letícia: Hum-rum...

Snoopy: Porque lá fora, o conhecimento dos caras são meros! Então, quer dizer, geralmente eles vêm... Eles aplicam o piercing reto! Então, não tem uma pinça específica. E é interessante que a pessoa esteja deitada num.. inclinada, entendeu? Pra quê? Porque se você faz numa pessoa sentada, ela vai começar a babar. Então, isso dificulta. Mesmo você usando toda paramentação, a baba da pessoa pode até para rosquear o piercing... Você trabalhando com a pessoa deitada, ela engole a própria saliva. Então eu tenho um meio mais seguro pra poder tá oferecendo isso. Tanto é que o único curso homologado pelo SETAP-SP é o meu. Por que, o que acontece? Temos aqui o pioneiro, você já deve ter ouvido falar, o André Meyer...

Letícia: Sim, sim!

Snoopy: ... Que trabalha desde 1992, porém, acontece muito aquela coisa... Tem pessoas que chegam num certo patamar da vida e de repente, não é mais aquilo que ela quer fazer, então ela não intensifica os estudos, né? Ou parte pra joalheria... É o que tá acontecendo geralmente. A coisa tá indo pra um canto que é assim: quem trabalha direito, vai sobreviver. Aquele que quiser ser abusado, não obedecer aos limites, essas coisas... Ele vai... Porque é a mesma coisa... Quando a gente se transformar num conselho regional, toda denúncia que chegar até o SETAP-SP vai ser encaminhada direto pra ANVISA, em Brasília, protocolada lá e levada pra vigilância daqui. Então, quer dizer, a coisa já tá caminhando pra isso. A gente já tem

ó: tanto o PCdoB mas, particularmente, a gente tá dando preferência ao PT. Porque assim, foi o único partido que desde o início apoiou a gente... Estão sempre ali... Em Brasília, no primeiro fórum de debates sobre o ato médico, a gente tava presente. Fomos bem recebidos por todo o corpo do pessoal da Medicina, da saúde, os acupunturistas. Porque, meu! Você dar uma palestra pro pessoal do meio da tatuagem, é uma coisa. Você dar uma palestra pro pessoal do ministério da saúde, ou médicos e ser aplaudido, é outra. Porque você vê que realmente o que você tá falando tem a ver... E a dinâmica que você vê aqui no meu serviço foi desenvolvida por mim! Mediante o quê? As dificuldades. Eu tenho uma pinça certa pra um local certo, eu tenho um cateter certo... Por exemplo, eu não perfuro a orelha com material, um fio de espessura mais grosso pra não dar interferência de vasos... Então, quer dizer, tem todo um estudo que eu criei pra isso, entendeu? A coisa tá andando por aí. Eu me sinto feliz de poder estar, ao mesmo tempo, contribuindo pro Brasil, no nível de diminuição de risco. Porque hoje em dia você vê o pessoal falar muito de AIDS. Só que o pessoal se esquece que a hepatite é a doença do 3º milênio. Se não existir um órgão fiscalizador, competente. Sim, porque tem que ser uma entidade competente. Então, a gente sempre tá falando do sindicato, da forma correta... Porque é a mesma coisa... os cirurgiões passaram a ter muitos problemas, com muitas pessoas fazendo intervenções plásticas. Têm pessoas que perderam mama, enfim, com a lipoaspiração... pessoas entrando em óbito... então, o que eles criaram? Um conselho regional deles ali. Um conselho deles, dos plásticos. Então, todo lugar que você for que tiver ali o certificado da entidade dos plásticos, pode ficar seguro. Eu, particularmente, quando comecei a trabalhar com piercing, eu senti uma carência danada ao nível de quê? Mais respaldo ao nível de biossegurança. Eu, graças a Deus, sempre tive muitos amigos médicos. O quê que esses médicos faziam por mim? Eles me emprestavam livros, essas coisas... Então, dentro dessas coisas, eu fui adaptando... Eu fui introduzindo o meu conhecimento de piercing e comecei a introduzir o conhecimento ao nível da saúde, da biossegurança. Pra quê? Pra eu poder oferecer pros meus clientes mais segurança no ato da aplicação, e até informação mesmo. Porque é aquela coisa mesmo que eu falo: todo piercing que geralmente eu aplico, essa pessoa vem, preenche o cadastro certinho, dali mesmo eu já pego... Por exemplo, se ela tiver antecedentes alérgicos à prata, ou latão chapeado, mesmo o aço cirúrgico não pode ser usado. Porque na composição do aço também tem carbono e níquel. Então eu tenho que inverter essa situação. Eu tenho que oferecer um metal que seja inócuo ao corpo dela. Que seja bio-compatível mesmo com as deficiências alérgicas dela. Então é a hora em que eu ofereço: titânio, bioplástico. O bioplástico é um resinado. O titânio o nosso organismo é saturado dele, então, a reconstituição celular é mais rápida porque ele é um metal de liga leve. É como eu tô te falando, são 10 anos trabalhando. Eu tenho atualmente mais de 22 mil cadastros com ficha de anamnese. Tem que ter todo um respaldo pra tá fazendo... Foi aquilo que eu te falei, por que o SETAP-SP chegou com essa coisa com a modificação? Porque lá fora é underground isso. Lá fora isso é underground mesmo. Não são feitas, entendeu? Por exemplo, você não vai a uma clínica fazer um implante. Não vai a uma clínica com médicos. Você procura pessoas que até são médicas, mas não têm clínica. Mas são médicos que estão trabalhando com tatuagem e piercing. Eu tenho muitos exemplos disso. Eu tenho um amigo que eu conheci ele trabalhando na área da medicina, hoje em dia ele tem estúdio de tatuagem e piercing e jogou o CRM dele dentro da gaveta e disse: "tô feliz do jeito que eu tô aqui". Tem uma série de coisas. Uma série de comparações que você vai vendo...

Particularmente, eu acho que a coisa tem que ser mais fiscalizada mesmo. Pra gente poder ter um embasamento melhor, porque do jeito que tá indo.. é aquela coisa. Até os enfermeiros fazendo, que nem lá fora que ocorre muito, e mesmo assim eles não são cassados lá fora por fazerem isso. Porque é aquela coisa, quando você fala punção, a punção ela tem várias coisas... Está escrito num artigo, na nova lei do ato médico... dá até a impressão, com todo respeito à você, mas até penetração vai ser proibido, né? Só reservado pra médicos... Então, é complicada a coisa, entendeu? Então, automaticamente o que é mal redigido passa a ser mal entendido.

Letícia: Fica pesado...

Snoopy: Fica pesado! Perfeito. Então, tem toda uma coisa, tem toda uma coisa que tem que se tomar um cuidado legal. Mas eu acho que tem que partir primeiro da entidade, entendeu? Porque a... porque a.... a sociedade como é uma... como é uma forma de expressão que não ganhou... não ganhou margem, e eu acredito que nem vá ganhar, entendeu? Então, a sociedade ainda tá longe dessa coisa, entendeu?

Letícia: Tu achas que não vai ter um 'bum'?

Snoopy: Não, não, não, não! Porque assim, foi o que eu te falei: isso já tá no Brasil desde 2001! Então, quer dizer, quem fez? O cara do estúdio ali, o outro cara do estúdio ali... ah! Quem fez nele? O enfermeiro ali, o outro enfermeiro ali... Mas você não vai chegar em loja, isso eu te asseguro, você não vai chegar em loja de tatuagem e piercing e ver moldes pra vender disso daí. Entendeu? O que eu acho extremamente ofensivo hoje em dia assim, pra mim, no meu ver é você ir numa 25 de março e ver aqueles cara vendendo piercing e cateter pras pessoas! Como se não bastasse piercing! Porque é aquela coisa, uma pessoa leiga ela compra um piercing aberto, ela não tem a noção daquilo, que aquilo precisa ser feito uma desinfecção de alto grau ou uma esterilização. Então, aí é que tá o grande problema da coisa, entendeu? Porque essa pessoa ela compra o piercing dela, a pessoa que fez não pediu o retorno, que é o mínimo que o cara pode fazer, que é o que eu faço. Quer dizer, eu fiz o piercing hoje, daqui a um mês eu tô pedindo um retorno. Geralmente essa pessoa que retorna, ela nunca retorna sozinha. Vem ela, uma amiga, dois amigos, ou o marido... Aí fala: 'pôxa, velho! Onde eu fiz lá, o cara não pediu nada disso!' Então, quer dizer, o meu diferencial eu faço com a qualidade. Então, quer dizer, é a mesma coisa. Na vitrine você tem os piercings. O ar tem bactérias. Então, se a pessoa for fazer, da minha sala de aplicação pra dentro vai tá tudo lacrado e estéril. Então a coisa muda tudo, entendeu? Só que esse tipo de concepção... é... a gente... a gente tem... agora, dia 29 de julho? Dia 22 e 23 de julho a gente vai dar uma palestra em... Mogi das Cruzes. No teatro municipal, entendeu? Pelo prefeito, a secretaria... Então, quer dizer, o pessoal já bancando a gente. Então, a coisa já começando a andar.

Letícia: Sei...

Snoopy: Porque assim, é... se fala do sindicato... eu como diretor vice-presidente, eu não ganho um puto. E eu tô diretamente focado nisso de corpo e alma. Então, quer dizer, eu tô falando aqui com você, mas eu poderia, se eu não estivesse agora falando com você, eu estaria lá dentro, entendeu?

Letícia: Sim, sim..

Snoopy: Vendo o que tá se passando, vendo o que tá se passando... tudo! No site, erros e acertos, entendeu? Então tem coisa pra se fazer, só que assim, eu acho que... o trabalho que a gente tá querendo fazer, eu acho que se a ajuda do governo vai ficar impossível. Entendeu? Porque é aquela coisa, tem que ter um custo governamental. Porque é aquela coisa que eu te falei, eu poderia estar fazendo mil coisas, menos informar o outro. E eu tô fazendo o que? Tô informando os outros. As mil e outras coisas eu tô deixando pra depois. Por quê? É uma prática, no caso da tatuagem e piercing, que feita de forma correta ela não oferece risco. Como em toda profissão, ela tem um risco, né? Isso é indiscutível. Mas feita de forma correta, ela não oferece risco. Só que o problema é: como é que eu vou pegar, eu vou barrar uma loja errada? Isso não é meu trabalho.

Letícia: Sim, não é.

Snoopy: Na realidade, eu acho que os órgãos fiscalizadores têm que ser mais diretos nisso daí, entendeu? Têm que ter uma posição mais... E infelizmente, ainda têm. E foi o que eu te falei, pra nossa proteção é tentar fazer a coisa com, com.. conselho regional de tatuadores e body piercers, entendeu? Pra gente tentar chegar em algum lugar legal, entendeu? Porque é a mesma coisa, cê fala desse ato médico. Que os médicos venham a fazer a prática do piercing e da tatuagem. Você acha que essa coisa vai parar? Então, quer dizer, a gente já tem uma cultura. Eu já trabalho com isso há mais de uma década. Eu tenho meu direito adquirido. Tem tatuadores que trabalham há 20 anos. Como é que um médico vai fazer um rosto perfeito? Entendeu? Como é que um médico vai adquirir cultura de piercing, se ele não vai estar com uma pessoa que já fez piercing? Eu conheço dentistas e médicos que, geralmente... eu vou te dar um exemplo básico. Geralmente, o médico cirurgião, aquele que faz a lipo, ele faz a remoção do umbigo pra fazer a remoção da gordura com as cânulas. Então, o que acontece? Depois que ele reconstitui o umbigo, ele vai lá e coloca um piercing. Então o que acontece? Esse piercing fica ali, junto com uma cinta, pra dar aderência, né?

Letícia: É mesmo? Já estão fazendo...

Snoopy: É, tem. Daí o que acontece? Esse ar, não tem por onde circular ar. Aquela cinta é usada pra dar aderência, né? Na elastina e no colágeno. Não tem como circular ar. Necrose.

Letícia: Nossa...

Snoopy: Rejeição mesmo. Então, quer dizer, a pessoa foi lá fazer uma plástica pra ficar mais bonita... No caso de uma mulher, pra poder vestir um top, um maiô, um biquinho legal, ela acaba tendo o quê? Constrangimento da cicatriz mediante a... pós a cirurgia. Porque foi lá que ela fez a intervenção. Eu já tive três problemas com médicos com isso daí. E os três que eu liguei, eu expliquei toda a teoria, toda a... toda a base... a logística, a função do piercing. Meu, os três, até hoje, eles me mandam clientes. Geralmente eles liberam pra fazer o piercing, eles não aplicam, liberam pra aplicar o piercing depois de três meses. Eu já peço seis. Entendeu?

Porque eu preciso de uma reconstituição celular ali, melhor. Eu preciso que aquela cicatriz já não tenha tanta fibrose ali. Então, tem uma série de coisas que têm que ser levadas em consideração.

Letícia: E hoje tu trabalhas só com piercing?

Snoopy: Só com piercing.

Letícia: tu já tatuaste?...

Snoopy: Não, não. Desde que eu comecei mesmo, é piercing! Quer dizer, antes de começar com piercing, eu trabalhei no consulado americano, aí saí do consul... Do consul eu comecei a trabalhar num bar. Aí nesse bar eu tive contato com esse meu amigo André Fernandes, que veio de Londres, daí eu falei pra ele: 'Pow, e aí, eu tenho tempo de dia pra fazer esse curso. Eu tava a fim de fazer esse curso, de aprender...' Porque era uma coisa nova no Brasil e era um mercado promissor. Infelizmente, vou te falar, Letícia. O que acontece, do meu ponto de vista, eu não falo só no piercing e na tatuagem, eu falo em geral. Tudo que faz isso, ó (levanta a mão para cima), sobe no nosso país, parece que chega um momento, ele faz assim, ó (ainda mostrando com a mão) ele vira um 'T' e começa a descer de novo. Por quê? O oportunismo. Eu vou te dar um exemplo básico. Você pegava boy, oficeboy. Depois motoboy. Hoje em dia, os cara, meu, mais morrem do que ganham dinheiro aí, né? Então, são exemplos do que tá acontecendo. A banalização, né? Se vai num Jacques Janine e quanto é um corte de cabelo? R\$200,00, R\$300,00. Cê vai ali, R\$5,00. Então, essa diferença brutal que tem que se acabar. Porque aquele cara que corta por R\$5,00, se ele não souber limpar a máquina direito, ele cria uma ferida na sua cabeça, aquilo vira um , entendeu? Vira uma série de outras coisas, entendeu? Essa diferença brutal, no meu ver, não tem o por que. Tá certo, ó? Que nem aqui, a minha situação real, vai. A pessoa me procura pra aplicar um piercing, eu vou cobrar dela de R\$60,00 a R\$200,00. Porque eu tenho o quê? Eu tenho aço, eu tenho titânio, tenho nióbio, tenho bioplástico, tenho ouro branco, ouro amarelo eu não aplico por causa da... na composição do ouro amarelo tem o cobre. Então na reconstituição celular local acaba escurecendo. Então tem toda uma preocupação. Não é simplesmente chegar e bum!

Letícia: Furar...

Snoopy: Entendeu? Que nem tão fazendo. É isso que é o problema maior. Porque... Jamais eu.. quer dizer, você poderia vir até a mim, eu te falar uma série de outras coisas: "não, porque é maravilhoso,". não, não é! Eu sou um cara bem pé no chão. Porque assim, se tiver formas de fazer uma coisa melhor e você for uma das portas pra isso, pow, eu vou ficar feliz, entendeu? Minha contribuição já... já valeu. Não critico quem tá fazendo.

Letícia: Certo...

Snoopy: Essa é a grande verdade. Desde que se faça consciente do que tá fazendo. Então, quer dizer, ninguém que procura esse trabalho... Pow, aí você fala: 'como é que você afirma isso?' eu afirmo isso porque eu tenho contato. Porque assim, como foi eu e o André os precursores, as pessoas tem em nós como referência. Então, pow, os caras começaram! Então, eu, o André Meyer, o André Fernandes, o Jairo,

entendeu? O xxxxxx, que é um húngaro, que teve grande papel na cultura body piercing do país, entendeu? Então essas pessoas vieram... A gente veio do celeiro, assim, modo de falar, mas de um celeiro consciente, certo? Aí o que acontece? Uma pessoa passou a trabalhar na loja, numa loja tal. Então, ela via o outro cara trabalhando. E então, o que é que ela fazia? Ela saía da loja onde ela tava trabalhando e ia trabalhar em outra loja. Não como faxineiro... Porque tem uma cultura do piercing, da tatuagem. Ninguém aqui começa já aplicando piercing, não. É dois anos quase, que a pessoa passa com a gente! Como um filho, um amigo, entendeu? Então, a pessoa, o que é que ela faz. Ela tem o emprego dela onde tiver, mas ela fica num estágio aqui com a gente. É que nem os workshops que eu faço. No meu workshop mesmo, a pessoa fica comigo trinta horas e nessas trinta horas... depois disso ela fica comigo. Então, o que é que acontece? Fica dois, três, quatro meses, se for o caso. Então, tem toda uma preocupação. Isso é a cultura correta, não é a que tá acontecendo aí fora. Entendeu? Aí é que é o complexo. Entendeu? Porque a... porque que a pessoa... Sei lá... Eu tô vendo a coisa de uma forma assim... tipo... eu acho que tem que ser, na realidade, assim... quem tá, quem tá... quem tá trabalhando com isso, fala: 'não, eu preciso me especializar'. E não é o que acontece, porque foi como eu te falei. O que eu cobro R\$100,00, tem gente que cobra R\$25,00. Então, ele ganha mais que eu. É a mesma coisa de você vender uma banana a R\$12,00 e você vender uma dúzia a R\$12,00. Entendeu? Então, complica. Então, isso daí tá me engessando. Foi o que eu te falei, eu sou pai, tenho dois filhos, tenho minha casa, tenho minhas despesas. Tenho todas essas questões. Até pra eu sobreviver com isso, hoje em dia, eu vou falar pra você, até o ano passado ainda tava ótimo. Mas esse ano já começou a me sufocar, entendeu? Porque é aquela coisa, meu. Eu sempre fui acostumado a trabalhar e ter grana. Não trabalhar pra pagar conta. Então, quer dizer, eu não sou um filhinho de papai estabilizado, entendeu? Eu sou um cara, meu... eu sou um cara, eu vim e acreditei nessa... acreditei. E até hoje eu tô acreditando, e vou morrer acreditando. Porque é aquela coisa, é o que eu faço de melhor. É o que eu descobri que eu faço de melhor, que eu descobri que eu me identifiquei. Você lidar com o corpo humano é fantástico! Desde... Desde que você tenha o quê? Desde que você tenha um certo respeito. Tem que ter respeito pelas pessoas. Desde formas... Eu vou te falar até de forma nua e crua... até mesmo o tratamento... Quando a pessoa adentra a minha sala, eu já trato ela como infectado. Entendeu? Pra quê? Dois pares de luvas. Primeiro procedimento, eu faço o quê? Anti-sepsia local, caneta tópica pra marcação, em língua eu não posso usar caneta tópica porque é porosa. Então eu já tenho que tá usando violeta líquida. Porque às vezes eu pego uma pessoa hepática e pego a caneta nela e marco. Aí eu vou lá com a mesma caneta e marco outro, faço uma intervenção. Então, o que acontece? Eu acabo infectando. Só que, quantos deles sabem disso?

Letícia: É verdade...

Snoopy: Então, eu não tô te mostrando aqui que eu sou superior. Eu me considero um cara, assim... que eu cheguei onde eu cheguei, primeiro por respeitar a saúde alheia, entendeu? E segundo, por ter vontade mesmo. Então, pra mim eu não me limito em buscar conhecimento. Eu sempre tô me aprofundando, eu quero saber mais. E é isso que me cria um diferencial, só que ao mesmo tempo é como eu te falei, não é um diferencial que tá me sustentando. Então, quer dizer, o André Fernandes parou. Daqui a um tempo, eu paro. E isso daí vai ficar na mão de quem?

Entendeu? Então é aí... é.... que a... esse lance do SETAP-SP é de sumária importância. Tem que existir mesmo um órgão fiscalizador representativo, entendeu? Pra quê? Porque, meu, eu quero me unir ao SETAP-SP-SP, porque você tá oferecendo vários cursos, tal... legal, e aí como é que é? Porque geralmente... fizeram um sindicato aqui, em 1999, chamado Sindicato dos Autônomos. Onde você vai conseguir força com o Sindicato dos Autônomos? Então, o SETAP-SP-SP é o Sindicato das Empresas de Tatuagem e Body Piercing do Estado de São Paulo, então é empresa! Então a coisa fica mais fácil de andar, porque é uma empresa. Só que tem todo esse tipo de preocupação. Então as pessoas que querem entrar, não é assim: Ah! Vai pagar o sindicato e vai entrar. Ele vai ter que primeiro fazer um giro de 360 graus no ambiente dele. Porque por exemplo, Macapá, Amapá, eu tenho... Nós temos clientes até de fora do país, associados! (risos)

Letícia: É mesmo, é?

Snoopy: Então você fala, o que é que tem a ver o cara... da Costa Rica ser associado ao SETAP-SP? Mas isso mostra a força que a gente já tem lá fora? Entendeu? Porque assim, como são entidades, então, na América tem entidades, na Europa tem a APP, a Associação Profissional Piercing. É até legal se você quiser ir a fundo, dar uma olhada. Cê vai ver que a coisa é muito séria... E essa seriedade lá fora, na parte técnica, é que a gente quer introduzir aqui. Então, porque, é mesma coisa de você dizer: 'pow, é justo o cara fazer medicina pra aplicar piercing?'. Mas é justo também o cara não saber o que tá fazendo e ir aplicando? Então, quer dizer, aonde que o SETAP-SP entra com isso? Cursos! O cara não precisa ficar numa faculdade quatro anos. Mesmo porque a gente tem uma carga horária. Tem um método avançado de aprendizado, no qual eu já tenho desenvolvido. Então, quer dizer, isso daí, o que é que acontece? São mais pessoas entrando. Hoje em dia mesmo, a vigilância sanitária ela já aceitando só o nosso certificado como...como... como referência mesmo no caso do piercing. Entendeu? Porque é a única entidade representativa do Brasil. Então, quer dizer, porque a entidade leva esse mérito? Porque é uma entidade séria! Uma entidade que vai pra Brasília, dar a cara pra bater pra uma série de pessoas, não é uma entidade que tá brincando com ninguém. É uma entidade que acredita no que faz e que tá indo pra cima porque sabe que tem a forma certa. Porque foi o que eu te falei, é justo a gente passar... eu sofri todo um preconceito de início. minha orelha, hoje dia cê tá vendo, ela tem 35 milímetros, minha orelha era 37 (milímetros). Implante no braço... Então, marginalizado, tudo... Pra hoje em dia nego chegar e falar: 'é nosso!'. Os colarinhos brancos, burguês.. 'é nosso! Vocês os marginal que começou'... Então é o direito adquirido pra eles... Então, eu tenho uma visão bem dessa, eu.. eu... eu caracterizo isso como monopolizar o saber. Só que isso não existe em lugar nenhum. No mundo inteiro se você procurar por piercing e tatuagem, você vai constatar que são técnicas culturais. Opa! Culturais por quê? Por que isso vem da onde? A tatuagem vem da onde? Tatau, maori, entendeu? Os marinheiros, entendeu? A mesma coisa com o piercing, pôxa, se você pegar referência indígena, maia, egípcia... Poucas pessoas sabem, mas Cleópatra, o que é que acontece, tem duas versões. A primeira versão é a seguinte: Cleópatra pra reconhecer as suas melhores... pra não precisar ficar procurando, ela ordenou que as mesmas tivessem um adorno no umbigo. Então daí vem o piercing. Uma outra, uma segunda versão diz que no Egito só a realeza ostentava piercing. A mesma coisa é do piercing do mamilo. Vem da parte... vem da parte do quê? Gladiadores romanos eles tinham piercing no mamilo. Aliás, não

piercing, um adorno no mamilo. Isso pra quê? Pra agradar os (-----) Em Roma, nos dias de hoje, eu falo isso com embasamento, é símbolo de virilidade. Os maias acreditavam que com a perfuração da língua eles conseguiam se elevar e ficar mais próximos daqueles que eles acreditavam como entidades. Então, quer dizer, tudo tem uma cultura. Nada foi assim: 'ah, vamos começar a fazer! No oba-oba!'. Não! Em 1975 teve um cara na... Chamado (xxxxxxxxx)28:35. Esse cara ele era o dono da (xxxxxxx). A (xxxxxxx) foi a primeira fábrica de piercing do mundo. Ele em contato também com o Fakir Musafar, que o pioneiro mundialmente com a prática de branding... É isso que eu tô te falando, escarificação e branding... tudo bem, isso é uma coisa. A implantação é outra. Cê tá entendendo o que eu tô defendendo? Eu tô defendendo uma coisa... eu tô... então, o que acontece, o branding é uma coisa. Escarificação é outra. Entendeu? Suspensão é outra. Implantação é outra, entendeu?

Letícia: Tua achas que... cada um...

Snoopy: Então, quer dizer, piercing... o biotipo da sua loja. Ah! quem tá fazendo implantação é médico, é enfermeiro? Enfermeiro padrão, pelo menos. É? Então, não. Então não serve. Então tem que ter isso. Foi como eu te falei, não por eu machucar ninguém que eu falei, eu senti essa necessidade de parar ou coisa assim. Foi de olhar e falar: 'opa! Peraí!', entendeu? Opa!? A coisa vai indo, vai indo, cada vez mais adentrando, mas peraí, vamos pôr o pé no chão. Vamos procurar oferecer um trabalho de qualidade pras pessoas. Porque foi o que eu te falei. Em momento algum eu fui procurado por pessoas que não tivessem vínculo com tatuagem, piercing. É a mesma coisa do piercing genital. A pessoa que procura fazer o capuz do (xxxxxxx) 26:55, lábio interno, lábio externo. Essa pessoa ela... é muito difícil você pegar uma "pessoa porta" pra fazer isso. São pessoas mais do meio. Às vezes acontece, sim! Às vezes chega o marido e diz: ' Ah, eu vi num filme lá da Buttmann um piercing assim, assim, assim.. ô Ronaldo, cê sabe fazer? Como é que é? Me conta aí o início como é que é, onde faz, o quê que é capuz, o quê que é prepúcio... Vamos conversar aí' Então, quer dizer, eu tenho ginecologistas que me mandam pessoas! Então, quer dizer, eu conquistei isso com respeito! Então hoje em dia eu não posso jogar todo esses meus dez anos por água abaixo. E levantar uma bandeira de uma coisa que: a) eu sei que não dá dinheiro; b) que é uma minoria, minoria mesmo, que procura esse tipo de trabalho... minoria mesmo! não tenho como te afirmar com números, mas ao nível da população brasileira, é um nada, entendeu? Vamos colocar... cinquenta milhões, dois, três, dez fazendo isso. Que têm isso. Porque não é uma coisa que . Mesmo porque se isso for pra "bum", eu como vice-presidente do SETAP-SP, eu vou em cima. Eu vou em cima por quê? Eu vou analisar quem é essa pessoa. Quem é você, porque você faz isso e tal... Mas não diretamente com ela, você tem meios. Hoje em dia a internet ela... você colocou ali google, aparece tudo e muito mais, entendeu? É isso. O trabalho do SETAP-SP, em si, é primeiro, resguardar os direitos adquiridos dos tatuadores e pierciers. Modificadores... Então, quer dizer já... esse termo no Brasil foge. Então, foge modificadores. Porque se você parar bem... Cê fala: modificação corporal. Que é que você acha que é isso? (aponta para seu corpo) Na lateral é uma modificação! Então, quer dizer, nós temos uma forma. Me sinto bem com um trabalho aqui. É a mesma coisa que eu te falei, eu tinha uma tattoo, pow, eu vou achar legal ter um trabalho 3d. Aí fiz. Eu não gostei e retirei e não tive problemas... Então, quer dizer, é isso também. A compatibilidade desse material é absurda! Entendeu? A

reconstituição celular com ele é absurda! Então, tem toda uma ciência em cima disso, entendeu? Só que também o que não pode haver é abuso, né? Tem que ter um mero respeito aí, né? E foi o que eu te falei... Eu não sei aonde você foi, eu não sei com quem você falou... Até então, você tá falando comigo aqui. Mas foi o que eu te falei, acho que tem até um lance espiritual... Espiritualidade mesmo, assim... Hoje em dia eu sou kardecista, quer dizer, eu adoro o Kardecismo... sempre tive... então, hoje em dia eu tô muito mais a fundo. Então, quer dizer, tem coisas na sua vida que, meu! Eu freqüentei uma igreja, freqüentei uma outra... Então, quer dizer, tudo isso é um conjunto pro ser humano, né meu? O ser humano vazio é um ser humano infértil. Então, quer dizer, essas coisas eu atribuo para uma melhora do ser humano... sua, né? Família, filho... Eu quando não tinha filho, minha cabeça era outra! Hoje em dia, com filho, minha cabeça é outra! Cê já olha pros filhos dos outros com outra... de outra forma... entendeu? Por isso que eu te falo, que nem eu falei... A gente sabe que não existe órgão fiscalizador, uma pessoa pega e perfura um filho meu. Cê fala: 'eu vou processar'? Cê fala: 'meu, eu vou pegar esse cara e vou arrebentar, meu!'. O que é que acontece? Cê vai numa Galeria do Rock aqui em São Paulo, nós temos das vinte... De vinte a trinta lojas, duas têm alvará de funcionamento. O resto? Tá aberto! Polícia chega lá, morde o dinheiro e vai embora. Órgão fiscalizador. O quê é que acontece? Entram pela parte de baixo e desaparecem. Então, aquilo ali, sabemos que é um patrimônio tombado, né? A galeria... A igreja ali do lado do Paisandú é do Niemeyer, a Galeria do Rock é do Niemeyer... Quer dizer, por que que tá ali? Ali é o pior foco que tem! Igual aos shoppings da Grande São Paulo. Pra mim, assim, o pior foco de todos são os shoppings. Os shoppings. Por que o que é que acontece? Meu, geralmente o trabalho oferecido ao público são naqueles mezaninos. Se a pessoa me sofre um mal súbito, ela vai descer uma escada... então, quer dizer, se ela cair o que tiver de frente, ela vai arrastar com a cabeça. Então daí a necessidade também da pessoa que tá aplicando dela ter conhecimento ao nível de enfermagem mesmo, biossegurança, socorrista, né? Porque a gente lida com mal súbito, né? Alto verão, vasodilatação. Pressão alta, baixa, hemofilia, hipoglicemia... O que é que eu posso aplicar? Se eu aplicar um piercing num hemofílico, será que... será que vai reconstituir? Será que vai parar de sangrar? Ele não tem coagulação! Entendeu? Então tem que ver... Hepático. Então, quer dizer, Hepatite B... tá bom, ele pode fazer, ele tem imunidade no organismo dele, não no meu! Tem que tomar cuidado! Então, tem que ter esse princípio de consciência ativa. Pra você fazer as coisas direito e continuar. E meu, foi o que eu te falei, depois de dez anos aí, eu tô feliz. Dia cinco de outubro desse ano, faz onze anos! E tamos aí!

Letícia: Tá certo! Então vamos passar pra segunda etapa da entrevista... Eu vou te mostrar umas imagens... e pedir que tu escolhas três, e me fale delas.

Snoopy: Tudo bem! Sem problema! Vamo lá!

Letícia: Disponho as imagens.

Snoopy: Hoje?

Letícia: É.

Snoopy: Essa daqui é nova até pra mim, sabia? (referindo-se a foto número 12). Esse tipo de batoque no lábio superior, eu nunca tinha visto não.

Letícia: Essa foto é uma foto antiga... Acho que ela é de...

Snoopy: Nossa, muito, muito bonita!

Letícia: Eu tenho a referência da foto, pra você. Depois eu posso lhe dar.

Snoopy: Ah, legal! Vamos trocar e-mail depois!

Letícia: Vamos! Vamos, sim!

Snoopy: Oh, Letícia... Que nem eu tô te falando... Hoje em dia... Eu prefiro até, ao invés de escolher 3, a gente ir falando de cada uma delas. Cê vê, ó, é que nem esse trabalho (referindo-se a foto número 7) se você acessa o BME, que é um site também, você vai ver que esse tipo de trabalho aqui, na aba do nariz, ele é irreversível. É uma cartilagem. Até 4 o 5 milímetros, por experiência eu tô te falando, essa cartilagem vai ter uma reconstituição celular ali, que provavelmente a pele pode cobrir... a cartilagem pode não se recompor, mas fecha. No caso desse calibre dessa senhora, é irreversível. Tribo Malori, pelo o que eu tô vendo o queixo, os riscos...

Tongue Split (foto número 11), tongue split, eu não sei se você sabe a função dele também.

Letícia: Me fale!

Snoopy: O que acontece é o seguinte, o tongue split é a língua mesmo, né?

Letícia: Sim...

Snoopy: Então, quando você faz o corte, você tem o movimento das duas. Dos dois lados. Isso daí tá até sendo pesquisado pela comunidade médica. E outra coisa, até 2003 eram... se você cortasse, era irreversível. Agora, tem reversão. Foi o que eu te falei, aí a gente tem duas artérias de baixo. Pode assim... tem a trava, o freio sublingual e a trava sublingual. Aqui nas laterais, nós temos duas artérias. Um corte ali errado, você pode perder um pedaço da língua. Necrose mesmo. Necrose, perda da região mesmo. Quer dizer, isso pode. Olha, experiência com tongue split eu já tive.

Letícia: De tu fazeres em....

Snoopy: Exatamente. Já tive, sim. Porque, meu... Porque você olha e deve pensar assim: meu, isso deve sangrar demais. Então, quer dizer, você parou a circulação local com pinça de (-----) lateral enquanto você tá fazendo o corte. Mas é que nem eu te falei, eu fiz isso ao lado de um enfermeiro em conjunto. Dois trabalhando. Mas tem coisa que cê olha assim, e... Pow, é isso que eu quero que você entenda. Hoje em dia, de 2001 a 2005 a sua visão é uma. A minha visão era uma. Até 2007, eu ainda postei foto no BME. De trabalhos meus de 2005. Eu ainda fui lá e postei, entendeu? E meu, é uma coisa que cê vai olhando assim...

Aqui mesmo (referindo-se à foto número 10). Esse cara tatuando sem paramentação nenhuma. Respirando em cima, sem um avental... Nem luva ele tá usando. Pelo jeito, nem luva. Esses são os tradicionais tatuadores de São Francisco...

Mas hoje em dia eu prezo... Eu tô prezando mais hoje em dia, por esse tipo de coisa mesmo, a vida, né?(pega a foto número 2) Bebê! (risos) Essa criança maravilhosa aqui! E segundo, tatuagem mesmo. Isso daqui eu amo de paixão (foto número 3). É minha vida. E terceiro, piercing. Cê vê que até aí eu não vi nada pra mim falar assim... que nem esse cara aqui que é o Fakir, né(foto número 5)?... entendeu? Que geralmente assim... isso deve tá aberto até hoje, esse tubo aqui... que ele usava pra manter isso aberto, era o PTFE.

Letícia: Ah é?

Snoopy: Ele fez a inserção, como se fosse uma inserção de lóbulo, pegou na base do tronco e depois usou uma barra de PTFE, que cicatrizou. É um Fakir, ele faz as apresentações... Ele vive disso. Hoje em dia não, né? Hoje em dia, pelo governo dos Estados Unidos, ele dá cursos! A única coisa que pode lá é o dele. Não tem conversa. Então é aquela coisa também, modificação no rosto. Os caninos aqui, ó...(foto numero 9) Aí, eu já vou entrar em outra questão que a parte de dentista. Então, quer dizer.. o exemplo desse cidadão aqui... deve ter uns 30 anos. Vamos colocar assim. Então, durante 30 anos, ele nunca teve um canino alongado, o canino dele sempre foi um canino normal. A partir do momento em que ele coloca isso, ele altera. Eu já tive debates com médicas, com dentistas, falando sobre essas coisas. 'Não, mas eu faço!'. Mas doutora, a gente tem a mandíbula e o maxilo... como é que a gente faz? (faz um barulho simulando a ausência de resposta da profissional). Já peguei dermatologista em rede nacional... deixei ela desnorteada. Porque ela falava 'é simplesmente pegar um piercing pra aplicar na aba do nariz'. E eu disse: 'discordo da senhora, doutora. Trabalho já com isso, na época há sete anos, e aqui é uma área toda irrigada por vasos. Se eu pegar, marcar e não mapear, eu vou interferir num vaso. E se esse vaso vai se interligar com outros vasos, sobrecarregar os outros...' ela... então, quer dizer, não humilhando a pessoa. Mas mostrando pra ela que eu sei mais do que ela. Porque muitas vezes eles se escondem atrás do CRQ, CRM... Não, eu tô aqui! Pra pagar pelas coisas que eu cometi mesmo, de erro. Consciente do que faz. Consciente do que também.. ação e reação. Mas é isso. As fotos aqui escolhidas são essas. Essa daqui eu até escolheria... Mas o canino aqui... (risos) (foto 9). Eu vou escolher essa que é cultural.

Letícia: Certo... A primeira que tu pegaste foi essa, né? (foto 12)

Snoopy: Eu quero até que tu me mandes.. Nossa, é muito bonito!

Letícia: Eu posso mandar. Isso é de um site... O Corbis. É um site de imagens, que é interessantíssimo. Tudo o que você quiser você acha lá... de imagens.

Snoopy: O que você achou lá... da matéria do Camilo?

Letícia: Muito bom. Muito interessante. O trabalho dele tá...

Snoopy: O Camilo foi um dos pioneiros. Eu fiquei muito feliz, porque quando ele veio procurar, eu achei muito legal... Foi em meados de 2001, 2003.

Letícia: Ele defendeu o ano passado! Em março, eu acho. E foi muito legal... Ele fez um mapeamento de São Paulo...

Snoopy: Na realidade, pelo pouco que eu tive contato com ele... mas, meu! Ele... onde tinha qualquer coisa, ele tava lá. Ele ganhou a amizade e a confiança desse pessoal. Por isso ele chegou onde chegou.

Letícia: O trabalho dele tá muito legal. Ele tá sendo muito importante pra mim.

Snoopy: Uma referência de um cara que tá fazendo bastante essas coisas... implantes, é o Sick.

Letícia: Sim, você me falou dele!

Snoopy: Você já teve contato com esse cara?

Letícia: Não...

Snoopy: Porque, meu... o cara é enfermeiro, trabalha tudo direitinho... ele fabrica as peças dele. Então, é um cara que poderia te dar um respaldo maior. Eu hoje em dia não tenho contato com ele... Não é nenhum tipo de divergência, nem nada... mas é que assim.. opa... eu tenho o meu caminho, ele tem o dele. Mas é um cara que pode te dar muita informação porque ele é ativo.

Letícia: Tu sabes como eu posso entrar em contato com ele?

Snoopy: Eu tenho o e-mail. Posso te passar tudo isso. Era legal tu tá conversando com os faquires mesmo. Você já teve contato com o Neto?

Letícia: Não.

Snoopy: esse Neto ele trabalha com apresentação de freak show. Puta cara dez! Legal de conversar, aberto... Pessoa que vai te passar conteúdo mesmo.

Letícia: Tá certo... Então as 3 que tu escolheste são essas... E por que tu não escolheste estas daqui?

Snoopy: Primeira, isso é o meu sonho (foto número 3). E isso daqui ó, expressão corporal correta, segura... e respeitar também o pessoal de onde veio a cultura, né (foto 12)? A escola começa desse povo, né? A medicina também tirou muita coisa deles, e tira até hoje.

Letícia: E pra fechar a história, deixa eu te mostrar mais uma coisa. Aqui eu tenho umas frases. São algumas frases... Diante disso que tu me faleste, alguma delas faz sentido pra você? Ou não?

Snoopy: Eu acho que essa primeira: "O gosto amargo do preconceito e o doce prazer de ser diferente". Porque é aquela coisa que eu te falei, é cultural do nosso

país, entendeu? O que as pessoas desconhecem, elas abominam. Quando eu comecei a fazer isso, eu senti o gosto amargo do preconceito. Hoje em dia eu posso dizer pra você, com toda exatidão que, eu tenho o doce prazer em ser diferente. Porque eu conquistei minha liberdade. E isso tem um pouco de política. Porque o sistema em si, ele faz desenho do que você tem que ser. Escravo do dinheiro, escravo do relógio. Assim, não que eu tenha... Não que eu esteja sendo aqui extremista, não. Eu hoje em dia por dizer pra você que eu trabalho há 10 anos, virado de costas, com todo o preconceito conhecido... E o que é que acontece? O sistema, hoje em dia, ele quer tomar da gente o que a gente fez. Então, “como é que uns caras desses”, na visão deles, de uma minoria, “maconheiro, drogado e tal. Como é que um cara desses ganha R\$ 5.000 por mês?”. Eu já escutei isso daí. Não pra mim, diretamente. Eu já escutei isso. E isso me incomodou, ué, mas por que a gente não pode ganhar? Porque a partir do momento em que ele generalizou os tatuados, é a mesma coisa de dizer que a polícia não presta, que a psicologia é uma farsa, que a acupuntura é uma medicina enganosa então, quer dizer, eu tô generalizando. Hoje em dia eu posso falar pra você isso aí. Com todas as letras. E é aquela coisa. Pra gente ser diferente hoje... No meu caso foi o que eu te falei, você tem filhos, chegar onde cheguei.... Isso daqui (referindo-se ao estúdio) funciona bem melhor do que qualquer mini-uti. Daqui a pouco eu vou te levar pra você conhecer. Então, são várias salas individuais, então cada qual tem um tatuador, um responsável pela sala. Aqui é um estabelecimento no qual cada um é responsável por seu ambiente, respondendo até judicialmente, com um documento que é bem específico...

Então hoje dia, eu cheguei a um ponto em que as pessoas me procuram. Você me achou, outros me acham... então pôxa, pra mim o prazer de ser diferente é o prazer de você poder ser você mesmo, de repente. Tem um dizer que eu achei muito legal: “nada mais igual do que um bando de diferentes”. Então, quer dizer, a gente só vê um bando de diferentes juntos em convenção de tatuagem. Mas aí, o que é que é ser diferente? Foi o que eu te falei. Às vezes a pessoa é infeliz porque não te um mamilo, vai, uma mulher não tem a mama do tamanho ideal... Pô, chegou ali e se sente bem. O porquê que uma pessoa não pode se tatuar e sentir bem? Então, esse tipo de concepção precisa ser revista. A sociedade precisa se rever, porque ela tá sendo hipócrita com uma série de outras coisas. Isso é um mal. Isso é a.... a pior doença, entendeu? É o preconceito. A pior. Eu não falo só de cor, de raça. Eu falo em geral. Porque pra eu falar assim Letícia, que eu não gosto de uma coisa, no meu caso, né? Eu vou procurar saber o que é essa coisa.

Letícia: que coisa é essa...

Snoopy: Pra falar que eu não gosto. Que nem eu te falei, eu fui lá e conheci o implante e disse: “Opa! Não é minha praia”

Letícia: Não é minha praia...

Snoopy: então, tem que haver essa coisa, um bom senso. Tendo um bom senso, você entra em um consenso pra dizer não. Então é isso.

ANEXO C – Transcrição da entrevista com André Meyer

Letícia: Eu queria que tu me falasse assim, da tua prática... Eu não tenho o objetivo de saber da tua história de vida, sei lá... Eu quero saber da sua prática mesmo. Como é isso, como é que tu vê essa prática aqui no Brasil, a coisa das modificações extremas, o que é uma modificação extrema pra tu...

André: Bom, eu só faço aquilo que os meus clientes pedem, isso só quando o corpo comporta determinado adorno. Eu não sou fã nem adepto de modificações extremas. Eu trabalho... Como chama?... Eu tento passar a dor, como um prazer. Sem traumatizar. Pra marcar a vida dessas pessoas por vários motivos. A maior parte dos motivos é pela moda. Nessa geração que a gente vive. Por outros motivos, espirituais, religiosos, sexuais, céticos, enfim... Então eu acho que a minha profissão tem muito um trabalho... é... pra algumas pessoas, terapêutico, né?

Letícia: Hum-rum..

André: Tipo... é a solução pra algum problema. Pra despertar alguma coisa adormecida, algum sentimento, esse sentimento pode ser positivo quanto negativo... quando é negativo, eu evito fazer. Porque eu não uso do meu trabalho como um auto-flagelo. E eu acho que é super interessante o que eu exerço, nessa geração. Sendo que, pesquisando, estudando, eu sei que isso é feito há milhares de anos em outras culturas. A única diferença é que eu sou... eu me sustendo disso, sou um profissional, né? É lógico que qualquer pagé, xamã de tribo recebe premio..

Letícia: Risos. É verdade... Alguma retribuição...

André: Alguma recompensa pelos trabalhos prestados! No nosso caso, essa retribuição vem em formas seguras de aplicação. Com materiais tecnológicos, todas as técnicas de assepsia, né? E de higiene, né? Então é isso, eu acho que o quê despertou nessas gerações, nessas últimas décadas, um interesse cada vez maior em se diferenciar... Lógico, porque você tá exposto à mídia. E a gente hoje tem muitas informações através da internet... coisa que antes era... hoje a gente pode ter acesso à outras culturas com muita facilidade, coisa que antigamente era impossível. As pessoas só voltavam tatuadas ou perfuradas quando elas tinham contato com outros povos. E isso servia como um souvenir de determinada região. Hoje em dia, nosso souvenir ele é muito rápido, muito temporário, né? Lógico que algumas modificações corporais podem ser traumatizantes e são permanentes, né? Mas, como eu não mexo com isso, eu tô falando mais da minha parte, né? Eu faço piercing desde 1992... É... A princípio, muita coisa mudou de lá pra cá... mesmo porque o início do piercing foi em 1975, profissionalmente falando, em São Francisco. E de lá pra cá, nesses trinta anos da profissão, muita coisa foi mudando. Vem mudando tanto, que a vertente dessa modificação corporal chegou ao extremo de amputação, de bifurcação de língua, de genitais, de implantes, de técnicas desenvolvidas nesses últimos anos. É... Normalmente a gente tem uma raiz, de uma referência do passado, de povos primitivos, que foi a minha escola.

Letícia: Sim...

André: Hoje em dia, tão evoluindo tanto que tão fazendo daquela ficção dos filmes, uma realidade. Então, é... Eu optei por desenvolver jóias e trabalhar com materiais, ao invés de trabalhar com o corpo. Eu ainda tento preservar o corpo. É... Muitas vezes eu percebi que quem procura essas novidades são pessoas de uma geração nova, não é de uma geração como a minha, de quarenta anos. Eu acho que a gente, quando tem 20 anos, na puberdade, na passagem da adolescência pra vida adulta, passa por essas modificações, por essas metamorfoses, que faz com que a pessoa se sinta mais responsável pelas... pelo menos pelo próprio corpo, né? Em outras culturas isso sempre existiu, e sempre foi induzido pela própria cultura. Quer dizer, determinados jovens só poderiam ter determinada atividade, passando por um rito de passagem.

Letícia: hum- rum..

André: E isso continua acontecendo. Então, eu acho que é inevitável, né? Só que eles não fazem mais parte da minha geração. Eu modifiquei as pessoas quando eu tinha a mesma idade das pessoas que se modificavam. Hoje em dia, eu modifico só as jóias. Só modifico e tento materializar a minha criatividade, com os materiais e toda a experiência de bagagem que eu tive nessas viagens. O mais incrível disso é que... é... sei lá, eu colaborei bastante pra profissionalizar essa atividade, né? Divulgar de uma forma positiva e... eu fico muito satisfeito de ter... ter tido contato com milhares de corpos, milhares de sensações. Né? Todo esse estresse de pré-aplicação, quanto a tranquilidade, a calma do pós-aplicação. Isso aí, como no começo, eu tava falando, é uma parte xamanica, parece terapêutica, porque a gente vendo emoções, né? Sempre falo que vende dor. Vender dor, é... não é tão fácil. A gente vende uma sensação, né? E pra isso se tornar uma experiência positiva, requer alguns anos de experiência. Porque no começo eu desmaiei muita gente. Então hoje em dia... a gente sabe como você evolui.

Letícia: Passa segurança, né?

André: Como é a evolução dessa... Mesmo porque eu faço workshop, eu ensino as pessoas... a ter ética, a ter respeito ao corpo... E basicamente é isso... Eu acho que o piercing se popularizou tanto, tá na nossa sociedade, eu acho super legal, assim... E isso foi mutio aceito, como eu tava falando, porque... na verdade, antes era uma marca definitiva. Hoje em dia é muito mais uma marca temporária. Né? (Bibi, abaixa um pouco o som, por favor.)

Então, eu acho que é isso, né? Faz parte dessa geração como uma moda. Então, é isso aí. Eu tava na hora certa, no lugar certo quando e comecei a exercer esse trabalho.

Letícia: E tu sempre tivesses interesse em culturas...

André: É, minha história é o seguinte, eu nasci em Porto Alegre, né... Meu pai é militar, da aeronáutica. É... Moro em São Paulo... Nasci em Porto Alegre, mas moro em São Paulo desde 1973 e... Na minha adolescência, com 12 anos, eu fui pro Amazonas, numa viagem de navio, lá tive contato com alguns índios... Achei interessante a forma como eles viviam... Liberdade e já adornados, né? E a partir

daí, sei lá... me despertou. Na década de 1970, final da década de 1970, começo da década de 1980, filhos mais velhos de amigos da minha mãe já tinham tatuagem, que fizeram na Europa.

Letícia: Sim.

André: Então, lá já era... demais... Aqui não era uma coisa muito comum. Tão incomum, o piercing, que quando eu cheguei no Brasil pra fazer essa atividade, ninguém sabia nem o que era piercing. Não sabiam nem o que era a palavra, não sabia! Foi muito difícil eu adquirir meus clientes. Conquistar o público e tal... Porque não era uma prática existente, não tinham pessoas exercendo isso profissionalmente. Tinham uns tatuadores que tentavam isso por experiência, mas ninguém que vivesse disso, chegasse com os instrumentos próprios, né? Nem com a técnica também.

Letícia: Sim...

André: Então... Ninguém tinha estudado, até então! Pelo que eu sei... Risos.

Letícia: Mas é verdade...!

André: Eu tive essa oportunidade e essa coragem de investir numa coisa que eu achei que, mais cedo ou mais tarde iria funcionar. Mesmo porque eu fiz com amor, daí funcionou. Sempre funciona!

Letícia: Funciona...

André: Mas é isso... Perante essa sociedade atual, moderna, é tudo cíclico, né? Tem partes que tem uma procura, uma demanda maior, tem partes que neutraliza, como criatividade. Tem hora que tem uma busca frenética, tem hora que tem uma calma, assim...

Letícia: hum-rum..

André: Acho que é meio por aí...

Letícia: E me diz uma coisa, na tua prática com piercing, tu classificas, um alargador como uma modificação extrema...

André: É verdade!

Letícia: Como é...

André: Na área do piercing, algumas técnicas são definitivas. E realmente é uma modificação corporal. Como uma expansão, né? Das perfurações. Mais como a gente vê perfurações no lóbulo da orelha expandidas, em tamanhos extremos, né? Um cilindro de 20 milímetros já é extrema porque é irreversível, porque não volta mais.

Letícia: Certo...

André: Muitas vezes, muitos jovens tentam expandir com técnicas de corte com bisturi e, normalmente quando essa expansão é feita com muita velocidade, o arrependimento vem na mesma velocidade. Então... Eu aprendi com os índios, com os povos tribais, que na vida a gente tem que ter calma. Paciência, e tem que se respeitar. Respeitar o próprio tempo. Se você quer fazer determinada atividade, que seja gradativa, progressiva. Pra você absorver essas sensações. Caso contrário, da mesma forma que vem, vai muito rápido.

Letícia: Hum-rum...

André: Por isso, as técnicas que eu uso são as técnicas primitivas. Eu respeito o corpo. Respeito a integridade do tecido. Sem romper, sem danificar, sem violar, pra não ocorrer algum trauma com a forma de algum quelóide, ou alguma dificuldade na cicatrização.

Letícia: Hum-rum... E tem gente que te procura, sei lá, com uma idéia.. louca... Daí tu já fizeste e hoje em dia não faz mais... Como é?

André: É... quando eu entrei nessa de perfurações, eu procurei o máximo de informações, o máximo que eu pude a respeito dessa profissão, né? E aí, por ver essas opções, eu tive a liberdade de escolher o que eu queria e o que eu não queria fazer. O que eu achava saudável e viável, o que eu achava que era só sensacionalista, né? Então como eu to fundado na minha prática de vida também, nesse respeito com os seres e ao meu respeito também, que eu não quero me agredir fazendo algo que tá incomodando, machucando, que tá sendo violento pra determinadas pessoas. Então, eu sempre aprendi essas práticas, mas pouco exerci, tá? Lógico, eu fiz branding, fiz técnicas de implantes... Eu mesmo tive... Fui o primeiro brasileiro a fazer suspensão... Pioneiro em vários segmentos dessa modificação corporal. Mas pouco exerci. Mas por experimentos mesmo. Mas pra tez certeza...

Letícia: de que “não é isso que eu quero”.

André: Não é isso que eu quero, né?

É isso. Hoje em dia tudo é mercado também, né? A oportunidade de trabalho, a oportunidade de ganhar dinheiro, a oportunidade de se destacar no meio de um mundo competitivo. Eu acho isso natural. Só que eu tenho que competir com outras formas. E eu deixo isso pras outras gerações.

Letícia: E tu viraste um ícone, né?

André: Fizeram! (risos)

Letícia: Risos. Você se fez? Será, né?

André: Talvez, né? Porque eu sempre gostei da parte profissional, ética, sem ser sensacionalista, né? Do real, do verdadeiro, sempre consciente. Tipo: ‘ó, tomem cuidado porque também não é tão fácil.’ Você pode traumatizar as pessoas, você pode prejudicar as pessoas. E meu trabalho não é isso. É deixar todo mundo que me procura, melhor do que veio.

Letícia: É. E hoje tu tas bem focado pro design, pra criação de jóias...

André: É. O que é que a gente pode fazer pelo corpo, porque isso é estética, né? Quais os materiais, o quê que a gente pode... Sair da referência da minha criação pra outras partes do mundo. Pra mim é mais importante hoje.

Letícia: E hoje tu tens... Tens pessoas que trabalham contigo, como é que funciona?

André: Tem. Eu já tive, como na vida, ápices de sucesso, trabalhando com equipes de mais de dez pessoas... várias lojas, muito ocupado... Foi bem no 'bum', essa história. Em 1999, 1998. Pra você ter uma noção, eu comecei em 1992 e continuei viajando... Voltei pro Brasil em 1993 e 1994, aqui ninguém sabia o que era isso... Voltei pra Europa e só 1996 que eu abri a primeira loja. Então, é.... Hoje eu trabalho com pessoas que me acompanham desde então... desde 1998, 1999... E é isso. Eu trabalho com design, criação e desenvolvimento de peças, com materiais clássicos, como o ouro, né? Materiais orgânicos, madeira. Minerais: pedras... E ultimamente eu tenho desenvolvido bastante, que tem me dado mais é... satisfação é... a exportação de jóias de vidro, enfim... e ouro. E eu to sempre pesquisando, vendo o que é possível, como eu faço pra manter minhas atividades.

Letícia: Certo... E tu exportas e vendes também aqui no Brasil...

André: Eu vendo no Brasil, mas aqui eu não invisto muito. Porque... não sei. Porque não me procuram muito.

Letícia: E como é que tu vês isso?

André: Eu vejo normal, como brasileiro. O que vem de fora, sempre acham que é melhor. Então, isso é da nossa cultura, né? Enquanto isso, tem gente que acha que a gente é melhor em outros lugares. Então, é bom isso. Mas é isso. Eu tento, to tentando popularizar minhas peças. Dependendo do segmento, dependendo da linha, dependendo do estilo. Qual grupo, qual a empresa, qual o segmento que é consumidor. E isso é incrível porque hoje mesmo eu tive uma reunião no MAM, Museu de Arte Moderna, que tem lojas, e a minha idéia é, nessa reunião, é distribuir as minhas peças num lugar desses. Há algum tempo eu tenho distribuição nacional através de sites como o Submarino, que é uma empresa grande, que trabalha com grandes designers, enfim... e eu tento mexer aos poucos...

Letícia: E aí teu investimento hoje, maior é nisso, né?

André: É... É porque a mão de obra é isso, né? Eu treino a mão de obra. Eu dou aula pras pessoas.

Letícia: E como é tua rotina dando workshops?

André: Minha rotina é acordar às seis e meia da manhã e fazer a loga.

Letícia: ÊÊÊ... pra começar o dia...

André: É... pra ficar... pra passar logo pelo sofrimento. Pra depois a vida ficar melhor. Mas é... é... daí é... é isso aí. Venho, corro, procuro, faço reunião, crio, corro atrás, pago conta...

Letícia: E, sim! Tu nunca trabalhaste com tatuagem?

André: Já! Eu nunca fui tatuador. Mas eu acho que esse meu meio, de piercing, acho que veio meio que paralelo com a tatuagem. Porque eu sou adepto da tatuagem desde 1986, primeira tatuagem de máquina que eu fiz. A primeira eu fiz no colégio, com 16 anos. A primeira de máquina foi com Sérgio, aquele _____. Naquela época eu também tinha conhecimento do Marco Leoni, os primeiros tatuadores que tinham estúdio aqui em São Paulo, na Vila Madalena... Depois se tornou um amigo meu... Ao qual me convidou para uma convenção na Inglaterra em _____, em 1992, que eu morava n Inglaterra. Fui lá reencontrar. E lá eu vi que o mundo do piercing tava cada vez maior. Tatuagem eu acho que veio muito bem, assim, na minha profissão, porque os primeiros lugares que eu vim trabalhar no Brasil, não foi em estúdio de cabeleireiro, estética... Lógico que tava muito ligado à tatuagem, a dor. A(DOR)no.

Letícia: A(DOR)no!!

André: Aí... Aí é isso... Acabei até montando um estúdio de tatuagem, mas eu vendi pro meu funcionário. (Toca o celular dele).

André: Então é isso aí. Lógico, é paralelo, né? O trabalho...

Letícia: Eu gostei desse seu A(DOR)no!

André: A(DOR)no, né? É...

Letícia: Até porque tem essas facilidades, né?

André: É! Hoje, por exemplo, eu poderia tá usando aqui como tatuagem também, né? Mas não... Não... O barulho me incomoda... Acho que tatuagem é bem sujo...Muito contaminante, né?... E eu sou especializado em piercing. Já passou o tempo de querer fazer tudo. Quando eu foco numa coisa, é numa coisa. Apesar de ser geminiano... Eu toco, fotografo, crio, perfuro, dou aula, lálálá... Mas eu sou um ser humano simples. Não dá pra fazer muita coisa, senão você complica. É isso, tatuagem, eu já tive estúdio pra facilitar a vida dos meus clientes de piercing que sempre procuravam tatuagem.

Letícia: É uma coisa que...

André: É muita ligada...

Letícia: Não tem como separar, né?

André: É. É... a minha escola de piercing é bem separada. Eu estudei piercing com pessoas que só faziam piercing. A história do piercing, na verdade, nos EUA começou só como piercing mesmo. A _____ era uma empresa em São

Francisco, de uns gays excêntricos, que só fizeram piercing. Eu estudei na Inglaterra, que a história do piercing era ligada com tatuagem e movimento punk. Foi _____ ver a técnica de agulha com cateter. Na verdade eram agulhas veterinárias. Então é isso, são duas escolas diferentes. Tanto que as jóias foram feitas diferentes. Então, é isso. Tatuagem e piercing têm uma ligação. Mas nem sempre. Os motivos que levam as pessoas a fazerem piercing, nem sempre são os mesmos que levam uma pessoa a fazer tatuagem. Principalmente nessa geração. Tem geração que só usa piercing e não gosta de tatuagem. Mesmo porque sabe que piercing se você enjoar, você tira.

Letícia: E como é que tu vês essa coisa de não ser permanente...

André: Então, isso aí eu acho legal porque mostra bem a... inconstância do mundo. Né? Ta tudo sempre... Não ta tudo parado. As coisas mudam. Ainda bem! Né? Ou regridem, ou evoluem. Então é isso... Muitas vezes a pessoa faz o piercing em determinada fase da vida e... passou aquela fase da vida, e tirou. Se ele não tirou, né?... E não abandonou a perfuração, ele pode trocar a jóia. E ser um objeto... Ou usou e cicatrizou, tirou por muito tempo... Tenho clientes que voltaram depois de meses, assim... anos... 'Ah, eu usei, tal... Quero refazer...'.

Letícia: hum-rum...

André: Legal... Teve uma época da minha vida que eu fiquei com uma grande questão. 'Será que esse piercing vai durar até quando?' Meus familiares já falavam... Pessoas mais velhas já falavam: 'Isso é uma moda, daqui a pouco passa.' é verdade, eles estavam certos. Hoje em dia é moda, é comum. Antes era uma coisa que despertava, realmente, interesse... diferenciava uma pessoa da outra. Hoje em dia ta estampado na nossa cara aí! Todo mundo usa, todo mundo tem, em todas as classes sociais. Não são só mais os modernos, né? Então, é.... Esse negócio do temporal vai bem pra essa geração, né? A gente faz as coisas... e podem ser refeitas. E podem ser recicladas. Como as jóias também. Uma jóia de aço, de titânio, de ouro, ela é permanente. Eu falo sempre pros clientes: 'Guarda ela que um dia você vai poder usar'. Entendeu?

Letícia: É... eu tenho um piercing no umbigo que eu fiz há 10 anos e é a mesma jóia.

André: Então, essa parte da tecnologia do material também.

Letícia: E hoje, com certeza a coisa ta muito mais...

André: Então! Tem todo esse mercado capitalista que começou nos EUA e na Inglaterra, como eu tava falando, jóias que antigamente eram super caras, hoje em dia... a oferta é enorme, o preço caiu muito, porque é lógico que na China também são feitas essas jóias e lógico, que por um custo muito menor! Com equipamentos de alta tecnologia, de material de boa qualidade, não adianta falar que é coisa mal feita. Eles conseguem chegar lá. E aí, diminui o preço. Então é isso, você tem dois segmentos: ou você populariza, e vende em quantidade, pra todo mundo. Ou você customizar, que é o que faço.

Letícia: Que é o que tu fazes.

André: É. A gente tenta pegar e trazer uma jóia exclusiva pra determinada pessoa. Muitas das perfurações que eu faço são perfurações projetadas pra vestir determinada jóia no futuro. Então é isso, um trabalho interessante também. Não é simplesmente modificar o corpo. A modificação corporal, eu acho que é inevitável. Porque se a gente for ver, sempre existiu. Mas o mercado cirúrgico hoje, é enorme. Cada dia mais tem próteses pros seios, né? Pras nádegas. Próteses faciais. A tecnologia da beleza investe muito. As pessoas compram muito esses produtos. Então, isso pra mim é modificação corporal. Eu sempre falo que quando eu viajo, eu vejo uns malucos, loucos lá fora, de língua bifurcada, e chifre, implantes, essas coisas... E aí, cê fala: Ah, meu! Isso aí pode ser diferente, mas aqui no Brasil, desde pequeno, a gente via travestis, né? Então, a gente sempre teve esse contato com essa modificação que é extrema! Nada mais como mudar sua aparência, de mulher pra homem, de homem pra mulher, enfim... Hoje em dia trocar de sexo. Você como psicóloga, deve saber como é que é o comportamento humano.

Letícia: E aqui no Brasil a gente não vê muito pessoas com língua bifurcada...

André: Aqui no Brasil, nem no mundo!

Letícia: É, não é uma coisa...

André: Isso é uma minoria!

Letícia: É uma minoria, minoria mesmo!

André: É uma minoria, minoria mesmo! Tanto que, primeiro foi ilegal, cê ta exercendo uma profissão, na verdade, de médicos. Você não pode cortar, suturar, dar pontos, cauterizar, que nos procedimentos de implantes é feito assim... É uma coisa underground. Segundo que quem desenvolveu essas técnicas foram os americanos. E como bons americanos capitalistas, tudo é produto, tudo é dinheiro... Então, nada mais do que uma forma de marketing, de colocar aquilo dos filmes de Hollywood na vida das pessoas. A ficção científica acaba virando, pra alguns, uma realidade. Então é isso.

Letícia: E como é que tu vê esse poder sobre o corpo... O corpo enquanto matéria mesmo... Essas possibilidades de...

André: Isso tudo é uma competição. Competição e vaidade, né? Você pode falar disso como atletas, esportistas, body bi_____, faquires, isso daí também é só exposição externa do pensamento... Uma reflexão interna das pessoas. A gente tem esse poder de se projetar e tentar alcançar esse sonho imaginário. Eu acho que é isso. A pessoa se projeta e: 'Ah, vou deixar meu cabelo crescer, eu vou ficar magro, eu vou ficar muito forte, eu vou me tatuar inteiro'. É uma forma de atrair, muitas vezes, como é feito há milhares de anos, essas modificações corporais tendem a atrair os parceiros. Ou amedrontar os rivais. Né?

Letícia: Hum-rum..

André: Então, as pessoas querem competir, muitas vezes também. E tentar se satisfazer, se sentir bem e completar alguma carência. Então, num mundo em que a

gente compra as coisas, é uma forma de você gastar seu dinheiro. É lógico que em outras culturas, isso daí não tem a menor importância. Pelo contrário, isso daí é uma aversão. É fora. Porque não tá no contexto de determinadas culturas. Isso é muito mais uma cultura atual, capitalista, moderna, de consumo, de competição que nós vivemos.

Letícia: Enfim... E a gente termina tendo que se adaptar a essas demandas, né?

André: E não termina nunca, porque isso é uma questão de ciclos. Eu acho que a gente tem que respeitar. Isso é o mais importante que a gente aprende. Que nós somos todos diferentes e que a gente tem que respeitar o próximo independente dele ter a língua cortada ou... daqui a pouco um implante do terceiro olho na testa, enfim... Ou um deficiente físico, ou uma pessoa extremamente bela, entendeu? Então é isso. As diferenças que nós vivemos, que temperam a vida.

Letícia: E outra coisa, a questão da biossegurança que, não sei se eu tô enganada, mas é um movimento que tem crescido muito... Há um investimento muito... Como era antes, como é hoje...

A: É, é inevitável que a biossegurança seja prioridade nesse mercado. Como nós vendemos, né, dor, nós precisamos vender segurança. Né? A gente precisa vender um trabalho que não prejudique a pessoa futuramente, né? Nem no próprio serviço. Se você contaminar uma pessoa com uma jóia infectada, com uma agulha, você já tá atrapalhando o seu próprio serviço! É inconcebível! Como é que você vai fazer algo numa pessoa que ao invés de você tá melhorando, você tá pondo em risco? Então, isso é óbvio. Para profissionais, isso é fundamental. Essa evolução. Porque é profissional! Você não pode comparar tribos que fazem essas modificações há centenas de anos, que lá passa de pai pra filho, sabe exatamente qual a madeira adequada, qual é a planta certa, é muito óbvio. E lá eles não cobram por isso. Tem o pajé, tem o xamã, que sabe como cuidar disso. É muito vulnerável, a outras doenças, né? Já no nosso caso, a gente tá cobrando por um serviço a gente tem que dar ao cliente total segurança! É óbvio! Isso faz parte do capitalismo, isso faz parte do processo profissional.

Letícia: Hum-rum..

André: Então é isso. Cada dia mais, como eu tava falando, as empresas cirúrgicas tendem a pesquisar pra colocar no mercado, materiais modernos e consumíveis. Inclusive pela beleza. Hoje me dá a gente vê luvas de nitril de várias cores, com cheirinho, pra facilitar e visualizar melhor a profissão. E dar mais segurança também, né? Então, faz parte da evolução do mercado.

IMAGENS

Letícia Eu vou te mostrar as imagens, e pedir que tu escolha as três, enfim... E me fale sobre elas. Vou pôr aqui no chã, que daí fica mais fácil pra tu...

André: Ok! Tá bom! Falar...

Letícia: Escolha 3 e fale sobre elas!

André: Ah! Escolher 3!

Eu vou escolher primeiro o bebê! Que eu vou ser pai agora em janeiro!(entusiasmado)

Letícia: Ah! Pronto!

André: Tudo começa por aqui, não é verdade? Olha quanto inocência a gente consegue captar nessa imagem... não é?

Letícia: Hum-rum...

André: e quanto esse ser vai ter que evoluir e passar por determinadas experiências pra se fortalecer? Eu acho que as experiências de vida que ele vai adquirir, isso vai ser experimentado através do corpo, não é?

Letícia: Hum-rum..

André: se ele for uma pessoa bem sucedida, na forma de se vestir, na forma de se portar, né?

Letícia: Vai ser o teu primeiro filho?

André: É!

Letícia: Legal!

André: Legal, né?

A outra eu acho que eu vou pegar essa tribal indígena aqui... Indiana, na verdade. Então, isso é uma senhora, que é... o final. Da vida, na verdade. Com esse olhar, e com esses adornos, dá pra ver como somos diferentes, não é? Por mais que a gente tente se parecer e colocar isso no nosso corpo, vai ser muito difícil ter as experiências que essa pessoa já teve. Porque essa pessoa, com certeza vive uma vida muito tranquila, muito pacata, muito familiar, muito tradicional. Muito equilibrada.

Letícia: bem diferente...

André: Bem diferente do que a gente vê nessa daqui! Que é essa busca de... Bem diferente dessa geração... que ta buscando ansiosa por novas experiências, por novas... formas de capitalizar e deixar sua marca. É uma nova geração, não é?

Letícia: sim..

André: Acho que é isso. Começo, meio e fim.

Letícia: É um contraste muito grande, né?

André: É!

Letícia: Apesar de...

André: Uma história de vida bem diferente da outra. Eu sei porque...

Letícia: Tu já viveste com as duas coisas...

André: eu vivi com as duas coisas... dá pra colocar muito bem.

Letícia: E tu queres falar alguma coisa das que tu não escolheste?

André: Ah, as outras pra mim parecem muito comuns.

Letícia: Sim..

André: Muito.. é... comuns...

(áudio ruim)

Letícia: agora eu vou te mostrar as frases e você pode escolher uma, ou não... Ou como você disse, falar a sua... Enfim, fique à vontade.

André: Hum-rum..

A: É respeito de?

Letícia: Das modificações e do corpo... Acho que é mais disso, das possibilidades..

André: Dos meus títulos é : Respect your self. Tenha o próprio respeito. Então é isso. Isso remete bem às diferenças. Tem que se respeitar. Por mais radical que seja, a gente se respeitando... tudo... você vai ter uma aceitação mais light... (áudio ruim)

É... nenhuma dessas frase, realmente, me desperta nada. Porque... “ o gosto amargo do preconceito...” Diferentes todos somos! Desde que nascemos, né?

“ Não possuo mais pele, tenho...” É.. telas geralmente duram mais do que peles...

“O corpo é obsoleto” Pra quem não valoriza, né?

“As modificações perturbam..” É verdade. A cultura, ela só existe nos seres humanos. E as modificações corporais também é possível em outras formas de vida. Como o mimetismo, os polvos, lulas, lagartos, né? A mutação, a metamorfose também acontece com as borboletas... Então, eu não sei... A natureza também tem modificações corporais. Né?

E “olha, é pra sempre mesmo”, eu não acho que nada é pra sempre mesmo. Tudo é mutável. Tudo faz parte da vida, do karma, do cosmos... Não é uma coisa definitiva. Então eu fico com a minha própria palavra, do respeito. É isso aí.

ANEXO D – Transcrição da entrevista com Rafa Mendes

Letícia: Há quanto tempo tu se tatuas?

Rafa: Eu me tatuo desde os 11, 12 anos...

Letícia: Me fale disso aí...

Rafa: (Risos). Na verdade eu me interessei pela arte corporal, eu devia ter uns 8 anos, após assistir... 8 ou 9 anos, mais ou menos... Após assistir um filme que chama 'mórbido silêncio'. Que o cara era praticante da arte, foi primeira vez que eu vi suspensão...

Letícia: sim...

Rafa: E outros tipos de modificações, né? De body art. Na hora em que eu vi o filme, eu amei! E falei: ' ah, eu vou fazer tudo o que esse cara faz!'. Aí nessa idade, eu comecei já a me perfurar, bifurquei a língua, coloquei alargador, body piercing... Aí já fui juntando dinheiro e com 11, 12 comecei a me tatuar e com 15 a me modificar.

Letícia: Certo... E aí, o que é que tu chamas de modificação, pra tu... O que é arte corporal, se existe alguma diferença, como é que faz essa distinção?

Rafa: Ah, modificação é tudo o que altera mesmo o corpo, né?

Letícia: Hum-rum...

Rafa: Só que eu considero mesmo, modificação... umas coisas mais extremas, igual... implante na testa, que eu tinha, agora não tenho mais...

Letícia: Hum-rum...

Rafa: Porque agora eu vou trocar, né? Botar umas peças maiores... Bifurcar a língua... Essas coisas mais extremas que eu considero modificação... mas a partir de um brinquinho que você tem, você modificou o seu corpo...

Letícia: Sim, sim

Rafa: Uma maquiagem, um batom, você já é modificou. Agora, body art eu considero suspensão, as coisas mais ritualísticas.

Letícia: Certo...

Rafa: Entre aspas, né? Tatuagem também, você ta fazendo uma arte na pele... acho que engloba tudo... aí depende do ponto de vista de cada um...

Letícia: Me diz uma coisa, tu já chegaste a... tu sabes tatuar? Já chegaste a perfurar alguém?

Rafa: Sim, sim! Eu tinha estúdio. Eu tinha lá na minha cidade, eu tinha uma clínica, fazia tatuagem, piercing e modificações. Eu só faço piercing e modificações, não faço tatuagem.

Letícia: Ah, ta.

Rafa: Eu tinha isso como meio de vida também.

Letícia: Também. Hum-rum... E aí tu paraste pra poder vir pra São Paulo...

Rafa: Isso.

Letícia: Pra estudar...

Rafa: Pra estudar computação gráfica. É minha paixão também, desde muito cedo. Eu quero ser animador a qualquer custo.

Letícia: Ah, certo, certo...

Rafa: Mas eu amo a modificação também.

Letícia: Ah ta... Então, quer dizer, tu trabalhaste com isso, fazendo perfuração, modificação... durante quanto tempo?

Rafa: Ah, desde quando eu comecei a me perfurar, eu já estudei... Daí você começa a perfurar os amiguinhos, né? É aquele negócio, é anti-higienico, lógico! No começo, né? Cê vai sem saber muita coisa, só que depois, você vai ser reeducando, claro... Faz cursos... Eu estudei enfermagem, também. Tem tudo isso, né? Mas no começo, cê faz errado. Isso eu assumo, que o começo de todo mundo... Todo mundo entre aspas, né? Mas a grande maioria... é errado. Eu devo ter começado com uns 13 anos e trabalhei até o meio desse ano.

Letícia: Paraste agora...

Rafa: Uns 7 anos eu trabalhei na área.

L: Certo, certo... E como era lá em Franca? O público... Tinha muita gente disposta?

Rafa: Adepta à modificação, não. Ninguém. Não que eu conheça... Ninguém. Tatuagem, só as clássicas: borboletinha, estrelinha, essas coisinhas pequenas... Nada demais.

Letícia: Mas, assim... Tu vivias disso?

Rafa: Sim. Eu tinha um público bom, lá. Uma clientela legal.

Letícia: Sim. Piercing... Estética. Umbigo...

Rafa: Sim. Umbigo, nariz, sobrancelha... Modificação e fazia mais em outras cidades. O pessoal ia lá pra minha... O pessoal de outras cidades, né? Iam lá pra Franca pra eu poder fazer neles. Ou quando eu viajava, eu fazia em estúdios de amigos.

Letícia: Ah, certo. Quer dizer que tu mantinhas um intercâmbio...

Rafa: Eu tava sempre aqui em São Paulo fazendo... Até na Bahia, Itacaré e Ilhéus, trabalhando...

Letícia: E aí... Tu trabalhas também com suspensão?

Rafa: Sim, faço! Faço, sim.

Letícia: E como é? Assim.. É isso, tem público?

Rafa: Tem! Tem muita gente! Muita gente. Não falta público nunca!

Letícia: Como é? Me fala, são pessoas que têm outras modificações ou...

Rafa: Não. São pessoas que não têm nada. Agora tem gente nada a ver fazendo.

Letícia: É?

Rafa: É. Tem pessoas que nunca se interessaram por tatuagem e piercing e achou legal a idéia da suspensão... Assistiu e gostou e quer fazer por diferentes motivos, né? Ou por realização pessoal, ou superação da dor, né? Não sei... "N" motivos. Ou por um lado espiritual, também, que é o que o pessoal mais procura... Essas coisas.

Letícia: E pra tu? Essas práticas...

Rafa: Suspensão pra mim é um jeito que eu tenho pra relaxar. Pra mim é um lance de mediunidade, que eu trabalho a respiração, concentração. É uma coisa que eu faço pra relaxar. Me divirto, lógico. Mas eu descarrego todas as minhas energias ruins na suspensão. Porque eu não tenho nenhum tipo de vício, sou totalmente natural, então eu faço isso pra me relaxar.

Letícia: Como era a tua presença lá em Franca? Aqui em São Paulo a gente sabe que as pessoas são... Ninguém vai te olhar...

Rafa: É igual. No interior e aqui.

Letícia: Tu não sentias diferença?

Rafa: Não. Aqui eles ficam olhando também, lá também... Lá a cidade é pequena, então todo mundo já me conhecia. Lá eu fiquei bem conhecido. Então, não tinha problema.

Letícia: Mas tu sentias algum tipo de preconceito?

Rafa: Já me deparei com várias coisas chatas... Eu devia ter uns 16 anos, uma turminha lá... Se juntou em mim e me bateram.... Rasgaram todos os piercings que eu tinha, simplesmente porque não gostaram do meu estilo.

Letícia: Lá em Franca.

Rafa: Lá em Franca.

Letícia: E aconteceu alguma coisa com eles?

Rafa: Não, eu deixei quieto... Eu deixei eles de lado. Eu achei uma atitude muito... ignorante da parte deles... Eram seis rapazezinhos da elite da cidade, essas coisas...

Letícia: E quais são teus planos, pro teu corpo, pro futuro?

Rafa: (Risos). Eu vou ser 100 por cento tatuado, com certeza. Vou me tatuar inteiro. E tem muita modificação ainda pra vir.

Letícia: Tu tens tatuagens em que partes do corpo? No corpo todo quase, já?

Rafa: É. São bem espalhadas.

Letícia: Já tá bem...

Rafa: Não tenho muitas, mas já tá bem espalhadas. Tatuagens grandes...

Letícia: E implante, tu já tivesse...

Rafa: Na testa, mas eu tirei... Tenho no braço ainda, tenho implantes genitais...

Letícia: Piercing genital também tu tens?

Rafa: Tenho.

Letícia: Tu já furaste... Tem no mamilo também?

Rafa: Tenho, alargadores.

Letícia: Ah, é? Alargadores nos mamilos?

Rafa: (Risos). É. Nos genitais também. São todos alargados.

Letícia: E tu fizeste com quem?

Rafa: Eu.

Letícia: Tu mesmo fizeste?

Rafa: As modificações sou eu que faço. Só algumas mais extremas que não. Os big _____ não fui eu e os big _____ também não. Mas o resto tudo foi.

Letícia: Mas tu fizeste lá em Franca ou aqui em São Paulo?

Rafa: Eu fiz no Guarujá, com um rapaz que tá trabalhando aqui em São Paulo agora... E os do nariz eu fiz em Campinas com um amigo meu.

Letícia: Certo... E a tua família? Como é a reação? Teus pais... Tua relação com as pessoas mais próximas?

Rafa: Ah, meus pais são bem novos. Muito novos mesmo. Tem a cabeça mais aberta a conversação, assim. Tem como você negociar um pouco mais. Só que é aquilo, né? Eles não querem ver o filho se modificando, o filho inteiro tatuado, 'o quê que a sociedade pode pensar'... Claro, eles tão querendo o bem pra mim, né? (risos).

(Um funcionário da limpeza solicita nossa saída do lugar onde estávamos).

Letícia: Sim, aí.. Teus pais apesar de serem abertos, têm algumas restrições...

Rafa: É, eles não aprovam muito, né? Cê faz uma tatuagem... Minha mãe vem e 'Ah, mais uma... Pra quê? Não precisava...' Só que depois começa "Nossa, que linda! Muito bem feita, adorei!". Tem isso... Porque eles adoram também, têm bastante tatuagens... Minha mãe, meu pai...

Letícia: Ah, então já é um... Já tem uma história familiar, né?

Rafa: Já! Mas eles começaram depois de mim.

Letícia: Ah, foi?

Rafa: Foi. Minha mãe, eu já coloquei vários piercings nela, já!

Letícia: Foi? Tu tens irmãos?

Rafa: Tenho. Tenho uma irmã.

Letícia: Uma irmã?

Rafa: Uma irmã mais nova.

Letícia: Que tem piercing também?

Rafa: Nada! Ela odeia!

Letícia: E é?

Rafa: Não gosta nem um pouco! Nunca me criticou, mas nela...

L: Mas não é a praia dela, né?

Rafa: Ela pediu uma vez pra eu perfurar o umbigo dela. Eu fiz, bonitinho... Não gostou de ficar com a jóia e tirou! Um ano depois! Ela falou que não é a praia...

Letícia: Não é a praia dela. É...

Tu ainda queres... Tu pretendes aqui em São Paulo, enfim, continuar trabalhando...

Rafa: Não. Na área, não.

Letícia: Não.

Rafa: Agora...

Letícia: Tua vida deu... uma mudada...

Rafa: Agora eu vou investir em computação gráfica. Eu quero um emprego na área e ficar nisso.

Letícia: Então tu deste um tempo...

Rafa: Dei.

Letícia: E esse tempo... é até quando?

Rafa: Ah, se surgir alguma coisa, lógico que eu vou fazer, né? Alguma modificação com o pessoal que procura, né? Lógico. Algum amigo, que quer mesmo ter um trabalho meu, lógico que eu vou fazer! Mas eu não quero ficar enfiado em um estúdio mais não. Não quero porque hoje tá complicado essa profissão. Os profissionais novos que vão surgindo, tá difícil de lidar com eles...

Letícia: É? Fala mais... disso aí...

Rafa: Ah, porque o problema...

Letícia: O que é que tu sentes?

Rafa: Como todo tipo de profissão, né? Um pisando na cabeça do outro, pra subir um degrau a mais. Em vez de todo mundo se unir, subir todo mundo junto, não. Acha que é melhor do que o outro, então quer acabar... Então, eu não quero perder a amizade com ninguém que eu tenho, e eu sei que meus amigos começam a me criticar, criticam os outros amigos deles também... então eu preferi parar com isso e manter todas as amizades que eu tenho.

Letícia: E isso foi um dos motivos pra essa parada? Ou não tem nada a ver?

Rafa: Não. Não tem nada a ver. Não, não.

Agora que surgiu essa oportunidade, pra eu vir morar aqui e fazer esse curso. Eu queria ele há bem mais tempo, antes. Mas não tinha nem condições financeiras pra vir pra cá. Então, agora que deu uma estabilizada, eu vim. Pra fazer isso. Mas esse motivo, muitos profissionais grandes estão parando. E já pararam também grandes nomes da body art. Ou pararam, ou vão dando um tempo...

Letícia: eu já ouvi falar, assim... de que a prática de que a prática de modificações extremas, ficou uma coisa meio marginal... Marginal, entenda, marginal de estar à margem...

Rafa: Hum-rum.

Letícia: Que as pessoas que fazem... Não têm conhecimento.. Tipo, não é feito você que tem curso de enfermagem... Não têm conhecimento de anatomia do corpo... E que alguns profissionais ficam meio receosos quanto à prática...

Rafa: hum-rum...

Letícia: E o que é que tu achas disso?

Rafa: É. Esse negócio mais... Assim, essas práticas mais extremas têm que ter um cuidado redobrado. Triplicado de um piercing normal. Você ta fazendo uma microcirurgia em alguém. E isso é algo até proibido. Não somos médicos pra fazer. Não temos autorização e a gente dá a cara à tapa e faz. Por isso é que tem um monte de gente que fica receoso, porque não estuda também, né? Não vai atrás. Agora, eu sempre tenho na minha cabeceira livros de anatomia, fisiologia, cinesiologia, histologia... To sempre me reciclando, meus conhecimentos... Estudando bastante... Eu comecei até, no começo do ano... ano passado... uma faculdade de Educação Física, junto com a Enfermagem, só pra pegar as aulas de anatomia, estudar as aulas teóricas... Quando acabou eu parei a faculdade... Que nos outros anos não teriam... Aí, eu tô sempre estudando...

Letícia: teu interesse era, exatamente, se aprofundar...

Rafa: Era. Eu tinha um foco.

Letícia: Sim, sim.

E o lance da biossegurança, que ta totalmente relacionado a isso... Me fala um pouquinho... da tua prática.

Rafa: Biossegurança, você tem um curso... Lá na minha cidade eu fiz curso na Santa Casa, que eles deram pra mim o curso de Biossegurança... Tem o curso que os bombeiros também dão... Aí eu não sei como é em cada cidade.. Mas eu já tenho dois cursos e tudo mais... Eu fiz um... Quando cê faz Enfermagem, também tem a matéria só biossegurança... Isso é totalmente importante, né? Porque vírus taí se alastrando muito fácil... Hepatite, você pega muito fácil... Isso em estúdio... Se o pessoal não tomar os devidos cuidados. Então, você não tem que ter uma estúdio mesmo. Você tem que ter uma clínica pra poder trabalhar com essas coisas mais extremas. Não um estúdio simples.

Letícia: certo, certo...

Rafa: Aí, você tem que usar toda uma roupa estéril, luva, máscara, touca... Tudo. O máximo cuidado que você puder tomar, ainda não é o bastante. Você ainda corre risco tomando o máximo de cuidados. Tanto que a gente vê várias pessoas com infecção hospitalar, né? Dentro de salas cirúrgicas.

Letícia: é verdade...

Rafa: Então, isso é bem complicado.

Letícia: Eu tô aqui pensando no fato de tu teres dado um tempo... Bem, tu tens planos pro teu corpo, né? No corpo dos outros... a coisa tá mais...

Rafa: É. Eu tô parando.

Letícia: hum-rum...

Rafa: Eu tô parando de verdade. Não gosto desse negócio de concorrência, de um falando mal do outro só por causa da concorrência, sabe? Eu acho que amizade acima de tudo. Amizade devia prevalecer em tudo. Se você é amigo, você aprende bem mais, você tem bem mais lucro com isso. Então, eu tô parando. O pessoal acha melhor, então beleza. Deixa eles trabalharem e eu continuo amigo de todo mundo. E sei do meu potencial, do meu trabalho, confio no que faço, tenho bastante experiência, tenho estudo, que é o mais importante... Então, sei lá...

Letícia: Quer dizer que essa conversa entre os profissionais... é que a coisa tá meio..

Rafa: Tá. Surgiu agora o ato médico, que tá complicando a vida de todo mundo...

Letícia: Inclusive pros psicólogos!

Rafa: Ah, é? (risos). Eu não sabia!

Letícia: É. Eu tenho que lhe dizer que não é só...

Rafa: Pois é! Assim, eu tenho medo também... De que se eu vivesse só disso, de eu perder minha profissão... E daqui pra frente eu não mais o que fazer. Então, sempre paralelo à modificação, eu tinha a computação gráfica, que é o que eu to investindo agora. Eu sei que é um mercado muito grande, e que tá faltando profissionais.

Letícia: Deu um giro na tua vida...

Rafa: Sim. Total!

Letícia: E... deixa eu ver o que eu tenho que perguntar... como é que tu vê o corpo... o que seria o corpo pra tu?

Rafa: Eu não sei resumir assim... (risos)

Letícia: É, eu sei que é uma pergunta difícil... (risos)

Rafa: É complicado explicar isso... Isso depende também da visão religiosa da pessoa, né? Se é alguém muito religioso, sempre vem com a conversa: 'seu corpo é perfeito, Deus te fez perfeito, você não precisa de nada' e tudo mais... Só que eu não sei... Eu não sou tão religioso assim, mas também não critico nada, tenho as minhas crenças separadas, e tudo mais, né? Tudo é válido, eu acho. Então... eu não

sei... não sei o que falar! (risos). Não sei... Eu acho que a gente tem o livre arbítrio, e a gente tem que fazer com o corpo o que quiser, né? Deixar ele do jeito que quiser. Que o pessoal, que às vezes critica uma modificação extrema, usa muita maquiagem! E isso é um tipo de modificação, é um tipo de body art que tá fazendo. Se o corpo é tão perfeito, não deveria fazer nem tanta maquiagem! Então, eu comparo sim, modificações com esse tipo de maquiagem, com vaidade mesmo... tirar a sobrancelha, pintar o cabelo, tudo cê tá modificando o seu corpo! Então, a gente só modifica um pouco mais a fundo. A gente coloca implante, mulheres colocam silicone, não sei. Que é a mesma coisa, é a mesma operação! Não muda em nada, só materiais diferentes.

Letícia: hum-rum..

Rafa: não sei... acho que é isso.

Letícia: E entra também, esse lance do... sei lá, o poder sobre o corpo... da medicina...

Rafa: Sim! Lógico!

Letícia: ... da medicina... é aquilo que você falou antes: 'A gente não é médico pra tá fazendo', né?

Rafa: Todo mundo tem consciência disso. É uma coisa que devia ficar sempre do lado underground. Esse negócio de modificação, agora, já é moda. Não deveria ter virado moda, não mesmo. Porque isso é uma coisa proibida, todos os profissionais sabem disso, não temos permissão pra fazer. Lógico que fazemos com todos os cuidados, com bastante conhecimento, muito estudo. Mas mesmo assim não é legalizado. Então deveria só tá na parte underground. E isso que atrapalhou todos os profissionais, foi... Novas pessoas fazendo, muita gente querendo ter... popularizou bastante e eu acho que isso foi estragando o lado dos profissionais.

Letícia: É. E populariza até os profissionais.

Rafa: É!

Letícia: Porque tem muita gente que acha que pode fazer e termina...

Rafa: Isso. E também muitos meios de comunicações errados que o pessoal tava usando pra divulgar os seus trabalhos. Eu acho que não deve ser... eu acho que esse tipo de trabalho extremo, mais underground, não deve ser divulgado em qualquer tipo de meio de comunicação. Deve ficar sempre mais reservado.

Letícia: E aí tu falas em quê? Tipo, na internet?

Rafa: Orkut! Orkut!

Letícia: Fotolog?

Rafa: Isso, orkut, fotolog. Acho que isso não é pra divulgar esse tipo de trabalho. É bom você divulgar o seu básico, você fazer o seu nome... Divulgar aquilo que você ganhe dinheiro! Com modificação, cê não vai ficar rico com modificação. Se for piercing básico, estético, você vai ficar! Você pode manter sua família tranquilo, com seu piercing básico, estético e tatuagens pequenas. Modificação, não. É um pessoal bem direcionado que vai te procurar isso. Não rende tanto lucro, né? Financeiramente falando, lógico. Então eu não acho que deve divulgar em tantos lugares públicos. Deve, sei lá, seu portfólio de foto, suas fotos, procedimentos, mostrar pro cliente que vir procurar. Nada mais. Ao menos, é o que eu faço. É o que acontece comigo, assim. Todos os trabalhos extremos que eu tenho, não saem do meu portfólio. Eu não tenho em nenhuma via digital pra ninguém ficar olhando.

Letícia: Sim... E aí tu falas até mesmo... A gente sabe que tem na internet, a gente acha os processos...

Rafa: Isso.

Letícia: A coisa do corte...

Rafa: É! Isso! Aí o pessoal vai lá e acha que... tem uma site, o Bmenzine, que é o site onde todos os profissionais divulgam os trabalhos lá... os leigos, né, que tão começando agora, acham que o Bmezzine é uma escola. Você entra, você aprende, você já saiu fazendo. E isso acabou muito. E aí começam a surgir maus profissionais, começam a fazer cagadas, aí começa a sair na mídia as coisas erradas.. pessoal morrendo por infecção generalizada, etc, etc... e isso também vai acabando com o lado profissional da coisa.

Letícia: O Bmezzine, eles dão curso? Ou é somente o lugar pra exposição das...

Rafa: Não! É como se fosse o Orkut! Você vai lá, você manda umas fotos...

Letícia: Aí eles publicam?

Rafa: Aí, eles publicam. Cê faz tipo um blog lá dentro. Aí, você tem acesso com os outros bloggers. E eles chamam de 'I am', né? Cê tem um 'I am Bmezzine'. Que é um blog. Cê tem o seu espacinho, lá. Aí cê divulga seu trabalho, suas fotos, tem o seu diário, pra você escrever alguma coisa...

Letícia: Sim...

Rafa: Aí, cê deixa comentários, tudo mais. Como se fosse um Orkut.

Letícia: Uma rede de relacionamentos, né?

Rafa: É. Igual ao my spaces, essas coisas.

Letícia: Sim, sim. Só que voltado pra modificação?

Rafa: Só pra modificação. Body art, né? Em si.

Letícia: Pois eu não sabia disso. Como tu disseste, os leigos acham que lá é 'o lugar'! e na verdade...

Rafa: pois é! Os leigos usam como enciclopédia. 'Ah, vou pegar no Bmezone, ver o que é que tem de novo, e vou sair fazendo tudo. E é totalmente errado! Porque foto você não aprende nada. Você aprende lendo teoria, e conversando com profissionais. Eu fui aprendendo a fazer esse tipo de coisa porque na minha cidade eu tenho convênio médico, toda semana eu marcava com algum médico diferente, sentava e falava: 'Olha, eu não quero tomar muito o seu tempo, mas pelo menos, só cinco minutos de conversa'. E ficava especulando o médico. Desde ginecologista até neurologista, eu já fui conversar. E toda semana eu tava em algum conversando. Aí foi onde eu...

Letícia: Foi uma forma que tu encontraste pra...

Rafa: hum-rum! Lógico que muitas portas se fecham. Na sua cara. Só que você também encontra ótimos médicos, com cabeça aberta, que tá lá pra conversar mesmo... e te ajuda e me deram muita força.

Letícia: hum-rum...

Rafa: Lá eu tinha ajuda de muitos médicos.

Letícia: Certo...

Eu sinto que tá tendo atritos profissionais...

(Foi solicitado pelo participante que nós retirássemos um trecho da entrevista)

Letícia: Pronto. Eu vou te mostrar algumas imagens, e vou pedir que tu escolhas três. E me fales delas, o porquê que tu escolheste ou não...

Rafa: Vou escolher essas três. Então, vou falar dessas duas primeiro (figuras 2 e 3). Essas duas porque são tribais, eles fazem esse tipo de modificação por causa da cultura deles. Não pelo lado estético, assim... que foi o que me levou, e tudo mais... Lógico que tem vários outros motivos, né? Mas esse pessoal aqui, desde o início, eu acho, da tribo deles eles fazem isso... seguem a cultura até hoje, eles têm objetivos com isso... eu não sei te falar quais são, o porquê deles, mas eu gosto do jeito que eles fazem.

Letícia: Certo.

Rafa: Essa daqui porque é o Fakir, né? (risos)

Letícia: hum-rum... O famoso...

Rafa: (risos). É, o famoso Fakir! Putz, admiro demais esse cara! Porque ele foi... ele foi... ficou muito tempo nessas tribos pra tentar entender o porquê que eles faziam esse tipo de modificação. Ele é um adepto, por causa do... por causa das tribos

mesmo, do motivo que as tribos fazem esse tipo de modificação. Tanto... esse negócio que ele tem no peito, é uma coisa que os índios fazem... Eles fazem, acho que é com costela de algum animal... eles se suspendem com costela de algum animal... não sei qual... acho que é tigre, ou leão.. não sei falar qual que é. E ele fez isso em uma tribo... ele submeteu aos tratamentos que a tribo faz, com os pessoais que moram lá, né? Então, eu admiro demais esse cara! (risos). E ele que divulgou a modificação! Se não fosse ele, sei lá! Eu não ia ter conhecimento de nada! Então, eu acho que tudo que a gente sabe hoje em dia, tem que agradecer a esse cara que divulgou.

Letícia: Certo... E essas outras aqui... Tu foste mais pro...

Rafa: Início...

Letícia: Pro clássico. A coisa mais...

Tá. Quer falar alguma coisa dessas outras? Ou tá bom?

Rafa: Ah, não tem muito o que falar, né? Essa aqui (figura 5) é o lado pop da tatuagem. Como que tá a tatuagem hoje. Que hoje em dia tá bem mais aceito, o pessoal de todo tipo de classe tá fazendo, todo tipo... todo mundo já tá fazendo tatuagem, né?

Letícia: E tu achas o quê disso? Tu achas isso interessante ou não?

Rafa: Cada um tem um estilo diferente... de tatuagem. A gente, assim, que gosta de modificação, gosta de ter umas tatuagens maiores, com outros significados... E tem a modinha também dessas tatuagenzinhas pequenas, em lugares estratégicos... Isso é bom pra aceitação, né? Acabando com o preconceito... Tipo, as classe mais altas fazendo, então isso ajuda muito a acabar com o preconceito... e aí já vai surgindo na novela 'olha lá, o pessoal já tem tatuagem, então vou fazer'. Então a sociedade já fica mais aceitável. Então, por um lado é bacana.

Letícia: Tá.

Rafa: Hum... não sei das outras...

Letícia: Eu vou colocar umas frases pra tu escolheres alguma, que faça algum sentido pra tua prática... ou não...

Rafa: Eu não sei o que falar das frases...

Letícia: Tem alguma que... Alguma que você se identifique ou não... 'nenhuma delas eu me identifiquei'.

Rafa: não...

Não me identifiquei não...

Letícia: Tá. Queres fazer alguma crítica?

Tipo: 'Olha, é pra sempre mesmo' e pra você não é...

Rafa: É.... quase todo tipo de modificação tem como você voltar ao normal... menos _____ que é você amputar alguma parte do corpo... isso já é mais complicado. Tirando isso, tudo você pode voltar. Uma língua que você bifurca, você pode custurar ela normal. Um implante você pode tirar, uma tatuagem você pode remover... então, eu creio que não é pra sempre mesmo.

Letícia: Hum-rum...

Rafa: Essa 'Não possuo pele, tenho apenas tela' eu levei muito ao pé da letra. Pele eu não vou ter sempre... Eu não sei... Eu não tenho ainda o corpo todo tatuado pra achar que ele é uma tela. Tenho muita parte ainda em branco... então eu não tenho ainda uma tela no meu corpo...

Letícia: hum-rum...

Rafa: 'O doce amargo do preconceito e o doce prazer de ser diferente', eu acho que eu não tenho um prazer de ser diferente. Eu não me considero diferente. Eu acho normal, eu estudo, tenho família, sou honesto, trabalho. Então eu acho que só o seu visual, o seu rótulo... lógico, todo mundo tem um rótulo diferente, todos nós somos rótulos diferentes. Então... sei lá. É muita igualdade de todo mundo, um fato igual, que todo mundo tem, é o fato de ser diferente mesmo, né? É a única coisa em comum que todo mundo vai ter. Não tem como ter duas pessoas iguais, nem gêmeos. Então, é por isso que eu não gosto de falar ' ah, você é diferente'. Tá, não sou igual a você mesmo!

Letícia: É.

Rafa: hum... Eu acho que as modificações... na frase: ' as modificações corporais perturbam as fronteiras entre natureza e cultura', isso depende também da sociedade em que você tá inserindo as modificações. Igual as sociedades tribais, ele não têm nenhum tipo de problema com isso, né? Então, não... sei lá, não vão ser perturbados, né? Por causa de uma coisa disso.. que é a tradição deles. Então, acho que se na sociedade não tá todo mundo inserido, né, é mais complicado a aceitação... mas a gente vai quebrando os tabus. Essas coisas de falar 'eu tô sofrendo muito preconceito, e de estar perturbando' já tá ficando muito pro passado. Já tá acabando. Eu acho que em algumas áreas, você sofre, lógico. Igual a eu vir pra São Paulo, foi horrível eu ir em imobiliárias perguntar por imóveis. Muitas portas fecharam pra mim. Todos eu tinha que tratar só por telefone, não podia aparecer em nenhum lugar. Tem coisas assim... que você ainda...

Letícia: Vê...

Rafa: (risos) Isso é complicado! Mas tá acabando. Pra emprego, é fácil você arrumar tendo esse visual. Não tá tendo tantas portas fechando. Hoje em dia, o mercado quer profissionais competentes.

Letícia: independente...

Rafa: não tão bonitinhos.

Letícia: É. Do rótulo, né?

Rafa: Bonitinho vira modelo e vai ganhar dinheiro sendo bonito! O resto tem que ser competente. Acho que é isso.